



Famílias brasileiras em Missões transculturais:

***Análise Intrafamiliar* da escolha em ser família missionária**

Raimundo Francisco Frank Ribeiro

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Temas de Psicologia, área de especialização em Psicologia da Família, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCE-UP, sob orientação da Prof^a. Doutora Inês Maria Guimarães Nascimento.

Porto – Portugal

2014

RESUMO.

O presente trabalho tem como foco investigativo o fenômeno da dinâmica intrafamiliar no contexto da família em missões. A justificativa se sustenta na dimensão espiritualidade, ainda que o que se investiga não seja a espiritualidade em si, nem os seus constituintes, como a fé ou a liturgia, mas os seus efeitos comportamentais na vida da pessoa que é missionária e na sua família. Desta forma, o que se procura compreender é o comportamento frente ao fenômeno da espiritualidade. O referencial teórico propriamente foi a Teoria da Escolha Racional, numa triangulação com o Interacionismo Simbólico e a Teoria da Motivação, tendo como suporte da articulação a Teoria da Narrativa, o Existencialismo e o Modelo Sistêmico da Terapia Familiar. Trata-se de uma investigação de matriz qualitativa que tem como objetivo explorar de que forma a opção - *chamada e escolha* - pelo trabalho missionário transcultural, influencia a relação intrafamiliar tendo partido de três categorias estruturantes previamente estabelecidas, que serviram de referência na construção do Guião para a Entrevista Semiestruturada e do Questionário Sociodemográfico. Os dados foram recolhidos através de entrevista semiestruturada e do questionário com questões abertas junto de 41 missionários brasileiros. A análise dos dados foi realizada a partir da tríade *Narrativa–Hermenêutica-Fenomenológica* em que o olhar é sobre o Ato Existencial. Os resultados mostram que a dinâmica no interior da trama da vida da família missionária, tal como de qualquer outra família, situa a experiência dos participantes na cena da vida humana, ainda que as especificidades da vivência destas famílias lhes confirmam um perfil singular. Concluiu-se, entre outras coisas, que a resposta intrafamiliar se organiza sob uma meta-narrativa em que (1) *a chamada missionária se firma na experiência espiritual*, na qual se consegue diferenciar (a) o *Significado e Sentido da Chamada*; (b) o *Paradigma do Sofrimento*; e (c) o *Sistema Semiótico*; (2) a experiência espiritual acontece no aqui e agora da condição de ser humano, na qual se torna possível perceber (a) *as dinâmicas de Adaptação e Coesão*; (b) *a dinâmica da aculturação interna*; (c) *a manutenção financeira*; (3) que os elementos *psíquicos-sociais-espirituais* presentes na (re)construção das representações subjetivas do ser Família Missionária sofrem influência direta da cultura, entre os quais pode observar-se dinâmicas de (a) *aculturação externa*, (b) *renúncia*, (c) *distanciamento dos familiares*; (4) a visão de futuro se mescla com o viver do aqui e agora sendo que aparece marcada pela convicção de que (a) *a missão nunca acaba*; (b) o que mais interessa é o *futuro dos filhos*, (c) o *desânimo* experienciado no presente tem *no otimismo face ao futuro* o seu principal tônico.

SUMMARY

The present work focuses investigative phenomenon of intrafamily dynamics in the context of family in missions. The background sustains that in the spirituality dimension, it says that the research is not the spirituality at all, nor their constituents, such as the faith or the liturgy, but the behavioral effects in life of missionaries and their Family. So, this way, can understand the behavior in the phenomenon of spirituality. The theoretical framework was the Rational Choice Theory, in a triangulation with Symbolic Interaction and the Motivation Theory, as a support of theoretical linkage Theory of Narrative, the Existential Psychology and the Systemic Model of Family Therapy. It is a research of qualitative matrix and it has the objective to explores how the option -call and choice - by cross-cultural missionary work influences the intrafamily relationship. The research had three structuring categories previously established, that served as the script for the building of the Semi-structured interview, and the Social Demographic Questionnaire. The data were collected through interviews among the participation of forty-one (41) brazilian missionaries. The analysis of the data was performed from the triad named Narrative-Hermeneutic-Phenomenological that he look on the Existential Act. The results show that the dynamics within the plot of the missionary family life, as any other family, is the experience of the participants in the scene of human life, even if the specifics of the experience of these families give them a unique profile. Therefore, it was concluded that 1) the missionary call is based in spiritual experience, where structure (a) the Meaning and Sense of Call; (b) the Paradigm of Suffering; and (c) the Semiotic System. 2) The spiritual experience happens here and now in the condition of the human being, in which it becomes possible to realize (a) the dynamics of Adaptation and Cohesion; (b) the dynamics of internal acculturation; (b) the financial maintenance. 3) that the elements psychological-social-spiritual present in the (re)construction of subjective representations of being Missionary Family suffer direct influence from the culture, among them which can be observed dynamics (a)external acculturation (b) resignation, (c) distance of the family; 4) the vision of the future mixes with living here and now marked by the conviction that (a) the mission never ends; (b) the most interesting is the future of the children, (c) The discouragement experienced at present has the optimism in the future the main tonic.

RÉSUMÉ

Le présent travail se concentre sur le phénomène d'investigation de la dynamique intrafamiliales dans le contexte de la famille dans les missions. Le fond soutient que dans la dimension de la spiritualité, il est dit que la recherche n'est pas la spiritualité du tout, ni leurs électeurs, comme la foi ou la liturgie, mais les effets sur le comportement dans la vie des missionnaires et de leur famille. Ainsi, de cette façon, peut comprendre le comportement dans le phénomène de la spiritualité. Le cadre théorique est la théorie du choix rationnel, dans une triangulation avec Symbolic Interaction et la théorie de la motivation, en tant que support de la théorie de liaison théorique de récit, la psychologie existentielle et le modèle systémique de la thérapie familiale. Il s'agit d'une recherche qualitative de la matrice et il a pour objectif d'explorer comment le -call d'option et de choix - par le travail missionnaire interculturelle influe sur la relation intrafamiliale. La recherche avait trois catégories de structuration précédemment établies, qui a servi de slogan pour la construction de script pour l'entrevue semi-structurée, et le questionnaire démographique sociale. Les données ont été recueillies au moyen d'entrevues entre la participation de quarante et un (41) des missionnaires brésiliens. L'analyse des données a été effectuée à partir de la triade nommée récit herméneutique-phénoménologique qu'il regarde sur la Loi existentielle. Les résultats montrent que la dynamique au sein de la parcelle de la vie de famille missionnaire, comme n'importe quelle autre famille, c'est l'expérience des participants à la scène de la vie humaine, même si les spécificités de l'expérience de ces familles leur donnent un profil unique. Par conséquent, il a été conclu que 1) l'appel missionnaire est fondée dans l'expérience spirituelle, où la structure (a) la signification et sens de l'appel; (b) le paradigme de la souffrance; et (c) le système sémiotique. 2) L'expérience spirituelle qui se passe ici et maintenant dans la condition de l'être humain, dans lequel il devient possible de réaliser (a) la dynamique de l'adaptation et de cohésion; (b) la dynamique de l'acculturation interne; (b) le maintien financière. 3) que les éléments de présents psycho-socio-spirituel dans la (re) construction des représentations subjectives d'être Famille Missionnaire souffrent influence directe de la culture, parmi eux on peut observer la dynamique (a) l'acculturation externe (b) de la démission, (c la distance) de la famille; 4) la vision de l'avenir se mêle à la vie ici et maintenant marquée par la conviction que (a) la mission ne se termine jamais; (b) le plus intéressant est l'avenir des enfants, (c) Le découragement connu actuellement a l'optimisme dans l'avenir, la tonique principale.

RESUMEN

El presente trabajo se centra en la investigación dinámica intrafamiliar del fenómeno en el contexto de la familia en las misiones. El fondo sostiene que en la dimensión espiritual, se dice que la investigación no es la espiritualidad, ni sus componentes, tales como la fe o de la liturgia, pero los efectos sobre el comportamiento en la vida de los misioneros y sus familias. Así, de esta manera, se puede entender el comportamiento del fenómeno de la espiritualidad. El marco teórico es la teoría de la elección racional, en una triangulación con interacción simbólica y la motivación teoría, como un apoyo de vinculación teórica Teoría de la narración, la psicología existencial y el modelo sistémico de la terapia familiar. Se trata de una investigación cualitativa de matrix y tiene el objetivo de explorar cómo la opción - llamada y elección - por trabajo misionero que influye en la obra misionera en la relación intrafamiliar. La investigación tenía tres estructuras las categorías previamente establecidos, que han servido como lema para la construcción de un libeto para la entrevista semi-estructurada, del Cuestionario social y demográfico. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas entre la participación de cuarenta y uno (41) misioneros brasileños. El análisis de los datos se realizó de la tríada denominada Narrativa-Hermenéutica-Fenomenológica que mire en el Acto Existencial. Los resultados muestran que la dinámica en la vida de la familia misionera, como cualquier otra familia, es la experiencia de los participantes en la escena de la vida humana, incluso si las particularidades de la experiencia de estas familias les dan un perfil único. Por lo tanto, se concluyó que: 1) la llamada misionera se basa en experiencia espiritual, donde estructura (a) el significado y el sentido de la llamada; (c) el paradigma del sufrimiento; y (c) el sistema semiótico. 2) La experiencia espiritual sucede aquí y ahora, en la condición del ser humano, en la que se convierte en posible realizar (a) la dinámica de la adaptación y la cohesión; (b) la dinámica interna de aculturación; (c) el mantenimiento financiero; 3) Que los elementos psicológicos-social-espiritual presentes en la (re)construcción de representaciones subjetivas de ser Familia Misionera sufren influencia directa de la cultura, entre de los cuales se puede observar una dinámica de (a) aculturación externo (b) renuncia, (c) cambiar sus amigos; 4) la visión del futuro se mezcla con la vida aquí y ahora marcada por la convicción de que (a) la misión nunca termina; (b) lo más interesante es el futuro de los niños, (c) el desaliento ha experimentado en la actualidad el optimismo en el futuro el principal tónico.

Dedicatória.

Em memória da minha mãe, Maria do Socorro Ribeiro, que no dia 21 de julho de 2014, depois de um longo período de adoecimento, descansou no Senhor! Morreu a treze dias dos seus 75 anos! Não pude ir ao funeral, pois, estou aqui, no Porto-Portugal, numa missão! Uma missão que envolve as escolhas! Escolhi o NEAPEM, escolhi o ELIM, escolhi aqui está, escolhi vivenciar, escolhi fazer este mestrado. Então, até breve, querida!

Em memória a dois amigos queridos, que tão cedo, ao nosso olhar, nos deixou. Elias Coelho, aos 42 anos, um jovem músico, o amigo das minhas primeiras horas no evangelho, na verdade, das primeiras 10 horas; e Jailton Simões, aos 44 anos, um jovem pastor, um irmão de ministério, companheiro de quarto do tempo de alunos internos no seminário. Até breve amigos!

À Suely Ribeiro, esposa, amiga e companheira! Pela matusalêmica paciência; mas, não só a paciência, sobretudo, a confiança. Por confiar no Projeto, por confiar viver estes 23 anos sem ter quase nenhuma garantia de conforto ou coisa do gênero. Apenas acreditou viver, e como ela gosta de dizer: “Deus não me deu o que eu queria, mas o que eu precisava”. Eu é quem preciso de ti, meu anjo de sempre!

À todos os amigos, aos poucos e fieis amigos, na pessoa de Ribamar Filho, (o querido Ribinha) e sua família, que, ao longo da minha caminhada, desde o tempo que fui para o seminário em Recife, em fevereiro de 1987, têm acompanhado os meus movimentos existenciais com as suas orações e participação em semear na terra; e Cleonice Arrais, por sua indignação contra o sistema religioso opressor, e pelas vezes que lançou sementes à terra.

Aos meus seis irmãos: Maria Antônia, Maria José, Maria Zélia, Marcos, Silvia e Márcia, que na nossa orfandade (agora de pai e mãe), a vida vem nos ensinando que o maior bem humano são os laços que nos cercam e nos une! São a razão da minha caminhada. Aos sobrinhos e sobrinhas netos: o presente e futuro da nossa família.

Ao Eterno, o Sempre Provedor, que permitiu-me perceber o mundo de um lugar especial: O Caminho; como em Emaús! Assim poder contemplar o olhar de todos que confiam e acreditam em mim. Ele ensinou-me a olhar de frente, olho no olho!

Agradecimentos.

Ao meu amigo e companheiro Pr. Wolmar Alcântara dos Santos que ao longo dos últimos 17 anos temos compartilhado muitos momentos, e que, nestes últimos três anos tivemos que nos separar por conta desta minha escolha. A minha gratidão vai no sentido do seu entendimento em fazer parte da nossa manutenção aqui, quer no período que foi presidente da IADELFI (em Lauro de Freitas – Bahia, Brasil), quer agora em IADI (em Ilhéus-Bahia, Brasil).

A minha orientadora, Doutora Inês Nascimento, por sua paciência, competência e exigência por uma investigação com rigor acadêmico e científico. Pelas inúmeras críticas, sugestões e revisões, mas, sobretudo, pela sua capacidade de saber respeitar a liberdade do investigador, deixando claro que a orientação não é a investigação, e que os dois processos não se fundem. Quem já me conhece, ao ler esta dissertação logo percebe que o estilo é meu, a escrita é minha! Mas, a orientação foi desta competente profissional.

A Evani Carneiro por ter transcrito parte das entrevistas, e Suely Ribeiro por, além de transcrever parte das entrevistas, fez a revisão de todas elas, bem como teve que “mexer” em quase tudo que faz parte desta dissertação, inclusive aquela leitura panorâmica que nos livra de tantos erros de digitação, ortográficos e gramaticais. De coração, meu amor, a minha gratidão.

A todos os amigos, mas a todos mesmo, e para evitar que sejamos traídos pela memória, fica aqui os nossos mais sinceros agradecimentos devidamente representados na pessoa da minha sogra, Maria Barbosa e a cunhada Solange Barbosa; e todos os anônimos, que, de alguma forma, perceberam a importância deste Projeto, e, pelo menos, uma pequena semente fez semear nesta caminhada, que pelo menos por uma vez foi refrigério. De igual modo a gratidão a todos.

As famílias missionárias que participaram da investigação, as que entrevistei pessoalmente em Portugal e Espanha, aos que participaram online, por perceberam a importância da investigação, e, hesitando ou não, participaram. A todos reafirmamos todos os compromissos éticos e deontológicos.

ÍNDICE.

Resumo	ii
Summary	iii
Résumé	iv
Resumen	v
Dedicatória	vi
Agradecimentos	vii
INTRODUÇÃO.	8
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.	10
1.1. A PESSOA DA ESCOLHA E A ESCOLHA DA PESSOA	11
1.1.1. A Pessoa da Escolha	11
1.1.2. A Escolha da Pessoa: <i>Motivos da Escolha</i>	11
1.1.3. De que lugar é feita a escolha	11
1.1.4. A escolha e os processos relacionais	12
1.1.5. Teoria da Escolha Racional	12
1.2 - FAMÍLIA MISSIONÁRIA: SUA POSIÇÃO.	13
1.2.2. Família Missionária e dinâmica familiar	13
1.2.3. De que lugar escolhe o Missionário: Cri: por isto escolhi	13
1.3 – CAMPOS DA PSICOLOGIA E O FENÔMENO DA FÉ.	14
1.3.1. Psicologia da Religião	14
1.3.2. Psicologia da Fé	15
1.3.2.1. A fé enquanto prática pessoal.	16
1.3.2.2. A fé como unidade de análise	16
1.3.3. Psicologia de Missões	17
1.3.4. Psicologia da Família Missionária	17
1.3.5. Fé como subproduto da Espiritualidade	18
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	19
2.1. - OBJETIVOS.	20
2.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE PARTICIPANTES	20
2.2.1.O perfil Sociodemográfico dos participantes	20
2.2.2. O perfil Sociocultural dos participantes	20
2.2.4.O perfil Institucional-Eclesiástico dos participantes	21
2.3. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	21
2.4. PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	22

2.5. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	23
2.5.1. Questionário Sociodemográfico	23
2.5.2. FACES III	24
2.5.3. Entrevista e questionário on-line	24
2.5.3.1. Estabelecer o Sentido Geral	24
2.5.3.2. Determinar as partes	24
2.5.3.3. Taxonomia Verbal de Conteúdo Psicológico	24
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
3.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS	27
3.2 – ORGANIZAÇÃO DA RESPOSTA INTRAFAMILIAR À ESCOLHA.	27
3.2.1. O Significado da Chamada e Sentido da Escolha	27
3.2.2. O Paradigma do sofrimento	30
3.2.3. Um sistema semiótico	31
3.3 - AS INFLUÊNCIAS NA RELAÇÃO INTRAFAMILIAR	36
3.3.1. Dinâmica na adaptação e Coesão	37
3.3.2. Dinâmica da Aculturação Interna	39
3.3.3. A manutenção financeira	40
3.4 - ELEMENTOS <i>PSÍQUICOS-SOCIAIS-ESPIRITUAIS</i>	41
3.4.1. Aculturação Externa	41
3.4.2. Renúncia	44
3.4.3. Distanciamento dos familiares	45
3.5. PERSPECTIVA INTRAFAMILIAR E O FUTURO.	46
3.5.1. A Missão Nunca Acaba	46
3.5.2. Futuro dos Filhos	48
3.5.3. O desânimo e o desejo: visão otimista do futuro	48
CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXOS	

INTRODUÇÃO.

Nada melhor para iniciar este trabalho do que uma breve dissecação do tema que a presente investigação privilegia: ***Famílias Brasileiras em Missões Transculturais: Análise intrafamiliar da escolha em ser família missionária***¹. O primeiro aspeto que ressalta, é que se trata de uma investigação focada na família, a linha do Mestrado em Temas de Psicologia da FPCE-UP; e esta família em foco responde de um lugar específico: está em missões cristã-evangélica; o segundo aspeto a destacar, diz respeito ao fenómeno investigado: a dinâmica intrafamiliar; o terceiro aspeto remete para a natureza do próprio fenómeno, pois, diz respeito ao comportamento relacional dos membros da família, ou seja, explora de que forma a opção - *chamada e escolha* - pelo trabalho missionário transcultural influencia a relação intrafamiliar; o último aspeto prende-se com a função no âmbito do qual o sistema família é investigado - *a função de missionários* - o que, como é evidente, implica a atenção ao contexto cultural que serve de cenário à realidade familiar sobre a qual o estudo se debruça, e igualmente, às pessoas concretamente investigadas: brasileiros fora do Brasil! Uma vez apresentado o objeto de estudo nos seus diferentes componentes, os vários capítulos da dissertação pretendem situar e aprofundar de forma mais focada cada um deles.

O Capítulo I - Enquadramento Teórico – destaca o aspeto teórico da Escolha da família em ser família missionária e que é explorado a partir de vários ângulos de análise. Centra-se, primeiro, nas relações contextuais entre a pessoa e a escolha que se firma nos motivos e nos vários processos relacionais intrafamiliares, e para fundamentar este lugar da escolha, faz-se uma exposição sobre a pessoa da escolha e a escolha da pessoa, mostrando que o ser humano está destinado, enquanto viver, a permanentemente ter que fazer escolhas: a pessoa da escolha – *o seu destino*; a escolha da pessoa – *os motivos*; pois as escolhas sempre são feitas de um lugar, e são feitas dentro da dinâmica dos processos relacionais. Conclui-se o *Enquadramento Teórico* pensando a família como sistema estrutural, e, valorizando-se as bases da teoria sistêmica estrutural, pensa-se a família como sistema aberto, disposto dentro de determinadas estruturas e seus mais diversos contextos.

Quanto ao *Enquadramento Metodológico*, descrito no Capítulo II, tem o mote inicial, para o desenvolvimento empírico da investigação, a partir da seguinte questão: *como missionários brasileiros organizam-se na dimensão intrafamiliar quanto a escolha de “ser família missionária”?* São apresentados os objetivos (geral e específicos), seguidos da caracterização do grupo participante da investigação, descreve-se de forma clara e objetiva os instrumentos utilizados nesta investigação; faz-se a descrição como foi realizada a recolha

¹ O presente texto é uma versão mais breve do texto original, para cumprir as normas estabelecidas no regulamento do Mestrado em Temas de Psicologia quanto ao limite máximo de páginas. O acesso à versão integral do texto da Dissertação é possível mediante o contacto com o autor (psifrankribeiro@gmail.com)

e análise dos dados, mostrando todas as etapas e procedimentos, destacando as preocupações quanto as informações prestadas aos participantes, informando-os de todas as etapas, explicando o Termo de Consentimento Livre e Informado², e demais procedimentos. Considerando que é uma pesquisa qualitativa, em que se utilizou como um dos instrumentos uma entrevista semiestruturada³ e mais dois^{4, 5} questionários auto respondidos, para o escopo geral do número de participantes, o que é relevante é o volume de informações e não o número de participantes; ainda considerando que não se visa aferir ou medir dados, mas perceber um fenômeno.

O Capítulo III – *Apresentação e Discussão dos Resultados* – é a parte central da investigação, pois, neste capítulo apresenta-se e discute-se toda parte empírica. O resultado obtido foi expressivo e volumoso, todavia, a análise manteve-se dentro da proposta do Enquadramento Metodológico, e assim, toda análise foi realizada focando os aspectos centrais do tema e enquadrada dentro dos objetivos específicos da investigação pelo que se estruturou em torno de quatro tópicos principais, alguns dos quais subdivididos: I – Organização da Resposta intrafamiliar à escolha, II – As influências na relação intrafamiliar, III – Elementos Psíquicos-Sociais-Espirituais, IV – Perspectiva Intrafamiliar e o Futuro. A análise dos resultados foi orientada pela **Matriz Teórica⁶** da tríade *Narrativa–Hermenêutica-Fenomenológica* apresentada em maior detalhe no *anexo 4*.

Por fim, no Capítulo IV podem ser encontradas as *Conclusões*. A recomendação sobre trabalhos futuros se faz dentro do quadro geral dos resultados, visto que, dado o volume de informações agregadas aos resultados, naturalmente, não se mostrou possível fazer a análise pormenorizada de todos, ainda que muitos deles tivessem relação direta com o tema e com os objetivos de estudo, conforme *anexo 18*.

No plano da relevância social desta investigação, que, em larga medida, conseguiu aceder e caracterizar as vivências mais privadas de famílias missionárias geograficamente deslocadas, um dos compromissos que fica publicamente assumido pelo autor, é o da continuidade da pesquisa no tema, pela exploração e discussão mais aprofundadas dos dados agora obtidos, no sentido de reunir evidência significativa que legitime a apresentação de recomendações e propostas de novas investigações sobre Família e Missões.

² Cf. Anexo - 1- Termo de Consentimento Livre e Informado.

³ Cf. Anexo - 2 - Guião da Entrevista.

⁴ Cf. Anexo – 3A – Questionário Sociodemográfico.

⁵ Cf. Anexo – 3B – FACES III – Escala de Avaliação da Adaptação e Coesão Familiar

⁶ Cf. Anexo – 4 – Matriz Teórica de Análise.

CAPÍTULO I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.

1.1. A PESSOA DA ESCOLHA E A ESCOLHA DA PESSOA.

1.1.1. A Pessoa da Escolha.

Considerando a gama de possibilidades de olhares sobre a questão da escolha, esta investigação debruça-se sobre o tema da escolha e família, nomeadamente, em ser família missionária. Charlot (2000) falando da Educação numa perspectiva antropológica, diz que “nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender” (p.53). Ora, isso implica dizer que o ser humano, e, por assim dizer, numa dimensão de ser existente, está implicado por toda vida, em muitíssimos momentos, a escolher. O homem é, de uma forma ou de outra, “treinado”, dentro da tessitura social, para fazer escolhas! Ao que se reafirma: ser humano está destinado, por toda vida, a fazer escolhas.

1.1.2. A Escolha da Pessoa: *Motivos da Escolha*.

Quanto aos *Motivos da Escolha*, naturalmente, há muitos gargalos teóricos, considerando a quantidade de aspectos que são vistos, dentro da perspectiva psicossocial. No entanto, partir destes gargalos teóricos é possível, por outro lado, perceber um alinhamento em torno de três Instâncias de Convergências (Aguiar, 2006): 1) **Concepção de indivíduo (O Si)**, 2) **A sua relação com o mundo social (O Outro)**, e 3) **Como se dá seu processo de escolha (O Ato)** Estas três Instâncias de Convergências, nos remete para três Dimensões da Base Psicológica: 1) **Dimensão Cognitiva**: os pensamentos, as ideias, as crenças, o que pensa sobre a escolha que fez ou pensa fazer; 2) **Dimensão Emocional**: o que se sente perante a escolha que fez ou quer fazer; 3) e **Dimensão Comportamental**: as reações diante das escolhas; continuidade ou descontinuidade: o tempo.

1.1.3. De que lugar é feita a escolha.

A escolha se sustenta do lugar da existência, do lugar do ser existente, mesmo diante de tantas nuances ambientais e variáveis intermitentes que relativizam a existência; a escolha, independentemente do lugar do discurso da fé, é algo que está relacionado com “o caráter de indeterminação que constitui o homem” (Feijoo & Morgnan, 2012, p.358).

Portanto, em termos desta investigação, e neste caso, ao pensar-se a escolha, pode-se afirmar que toda teoria, quer seja econômica, política, social, cultural, antropológica, filosófica ou religiosa, necessita, invariavelmente, de algum pressuposto acerca do *comportamento dos sujeitos-agentes*, quer os passivos, quer os ativos, onde a(s) escolha(s) possa(m) sustentar-se. O que motiva (leva, orienta, influencia, determina) um indivíduo a tomar uma decisão (sentimental, profissional, econômica, religiosa, política, etc)? No entanto, o que jaz como substrato é o fato de que mensurar o comportamento em torno da escolha é fazer uma leitura hermenêutica “que permita compreender o caráter sobre o determinado e o multideterminado” (Feijoo & Morgnan, 2012, p.359) que leva uma pessoa a fazer uma escolha, escolhendo o que escolheu. Escolher é um fazer.

1.1.4. A escolha e os processos relacionais.

A escolha é sedimentada a partir dos processos relacionais. Estes processos relacionais são concebidos, conforme Colaço (2004) como: “a) **condição de subjetivação e essência da vida social humana**; b) **atividade mediada por ferramentas simbólicas**; e c) **produção discursiva/dialógica**” (p.334). Isto nos remete a uma costura com os três elementos anteriormente enumerados, que são: 1) concepção de indivíduo, 2) a sua relação com o mundo social, e 3) como se dá seu processo de escolha (Aguiar, 2006).

O homem da fé fala de um lugar específico, e, sobretudo, do lugar da sua identidade e identificação, ou seja, “referências culturais e históricas estabelecem modelos de competência social, psicológica, cognitiva e moral associados a configurações identitárias” (Souza & Langaro, 2011, p.569): “Eu sou missionário(a)”. “Eu sou brasileiro.”

1.1.5. Teoria da Escolha Racional.

A Teoria Racional da Escolha (doravante TER) é uma teoria de matriz econômica-política (Arrow, 1951; Buchanan, 1967; Downs, 1957; Ferejohn & Pasquino, 2001), que ao longo do seu desenvolvimento foi tendo adesão nos diversos campos de investigação, especialmente no campo das ciências sociais, e é hoje amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento humano, não obstante, a permanente crítica que sofre. E conforme Carvalho (2007) “em geral, as proposições da teoria da escolha racional aparecem vinculadas a temáticas políticas expostas, sobretudo, pelos precursores Kenneth Arrow, Anthony Downs, James Buchanan e Mancur Olson” (p.827); Cunha (2012), por outro lado, atribui maior relevância especialmente aos trabalhos de David S. Coleman (Coleman, 1990).

A contribuição da TER no âmbito desta investigação diz respeito a três postulados:

1) *Individualismo*. A TER começa a partir do ponto de vista do ator individual, ao invés de vários indivíduos aos mesmo tempo, a partir de situações sociais. Portanto, não deve ser confundido com o individualismo egocêntrico. A ênfase são os interesses do ator como ponto de partida, objetivando alcançar o melhor para ele ou ela no seu contexto social (familiar ou grupal). O foco no ator social, com instância individual, não significa “individualismo” no sentido pejorativo, pois, há sempre a partilha, a cooperação.

2) A *maximização* é uma ação sempre relativa, visto “que os indivíduos buscam geralmente razões adequadas às situações que enfrentam no cotidiano e apenas em certos casos a racionalidade implica atitudes de maximização de meios e fins pessoais” (Cunha, 2012, p.8), e assim sendo, “se existe maximização nas condutas, ela estaria relacionada com algo para além dos custos e benefícios pessoais” (Carvalho, 2010, p.116). E portanto, “a maximização dos interesses próprios na acção supõem que o indivíduo possui conhecimento das suas circunstâncias e possíveis situações, de forma a adoptar uma postura e estratégias de avaliação dos meios e dos fins” (Cunha, 2012, p.8).

3) A *racionalização*, entre outras variáveis, se justifica num conjunto de crenças, visto que “o fato de os indivíduos defenderem e justificarem suas crenças em um ambiente social sugere que toda convicção apoia-se em um sistema interativo de razões percebido como consistente” (Carvalho, 2010, p.113).

A TER permite a aproximação de uma articulação com outras teorias, e já, neste caso, com o *Interacionismo Simbólico*⁷, sem que tal aconteça num conflito epistêmico, uma vez que existe uma *racionalidade subjetiva* que não está presa a quaisquer que sejam as teorias.

1.2. FAMÍLIA MISSIONÁRIA: SUA POSIÇÃO.

A nomeação “Família Missionária” não é uma invenção vazia do investigador. A partir da vivência observacional, no contexto da comunidade religiosa local, bem como da literatura especializada em missões cristãs, este é um termo vigente.

1.2.1. Família Missionária e dinâmica familiar.

O que é, então, a dinâmica familiar? É a forma como cada família funciona internamente e como se relaciona com os outros grupos sociais e como estabelece os laços sociais. A família missionária é um grupo social, e como tal tem a sua história organizacional constituída em características próprias, e isto se reflete sobre duas perspectivas: primeiro, o fato de ser um grupo com características específicas (o fato de ser uma “família missionária”), segundo, que enquanto “família missionária”, faz a escolha em ser esta “*família missionária*” a partir de um código de fé por onde são filtradas muitas das suas decisões.

A família missionária enquanto sistema tem a sua funcionalidade regida pelas premissas gerais deste sistema. Que premissas são estas? Como elas se manifestam e como agem? Sobre que aspectos as dinâmicas familiares, desta “família missionária” agem? Pois, como se sabe, um sistema refere-se a uma relação de elementos.

1.2.2. De que lugar escolhe o Missionário: Cri: por isto escolhi.

Todo grupo social, de uma forma ou de outra, é regido por regras, mandos, leis e estatutos, ou seja, de forma geral, pelo “Contrato Social”. A “família missionária”, enquanto família imersa na dinâmica social, cultural, política e econômica, se faz reger por uma posição tenaz e resoluta do lugar da fé, da opção religiosa. E esta opção, a imersão na experiência do sagrado, o transcendental, é que passa a reger praticamente todos os parâmetros comportamentais, em via de regra, por meio da posição de “depende da direção de Deus” para tomada de decisão.

O Novo Testamento inaugura o Estatuto Missional com a *kenosis* (κένωσις- ekénose, ekenōsen), em que Cristo, é o referencial estruturante. O Apóstolo Paulo, chamado Apóstolo dos Gentios, faz uso deste termo na sua carta aos Filipenses (2:5-8) para falar do exemplo de

⁷ Cf. Anexo – 5 – Justificativa para articulação com o Interacionismo Simbólico

Cristo no sentido da renúncia de *Si* e aceitação dos desígnios de Deus. Este Cristo toma forma humana, para fazer cumprir em Si a vontade de Deus; estabelece o seu colégio apostólico, nomeando 12, entre os seus discípulos: “Logo ao nascer do dia, convocou seus discípulos e escolheu dentre eles, doze, a quem também designou como apóstolos” (Evangelho de Lucas 6:13). A palavra grega apóstolo – ἀποστόλος – significa *enviado*, dimensionando o significado do “ide por todo mundo” (Mateus 28:18-20; Marcos 16:15), que o cristão assume como sua responsabilidade na experiência da conversão, e que naqueles que se envolvem em tempo integral, vai refletir a base da escolha em ser missionário.

O Apóstolo Paulo entra na cena do Cristianismo primitivo e vem tornar-se o principal personagem no contexto da obra missionária. A sua experiência no Caminho de Damasco (Atos dos Apóstolo 9:1-22), o transforma no maior expositor da mensagem do evangelho. A experiência e o ensino de Paulo tornam-se base estruturante para todos que se sentem escolhidos/chamados quanto a obra missionária. Depois de anos de trabalhos, Paulo fazendo a sua defesa diante do rei Agripa, afirma: “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial” (Atos dos Apóstolos 26:19).

1.3. CAMPOS DA PSICOLOGIA E O FENÔMENO DA FÉ.

A família, como grupo social que é, sofre influência, ao tempo que influencia o contexto social no qual está inserida. A família missionária não foge à regra, e assim sendo, o contexto social de maior relevância que a família missionária está envolvida é o da sua comunidade religiosa de pertencimento, regida pela espiritualidade que se sustenta no discurso da fé. Ela vive neste espaço em tempo integral; vivem a partir de uma escolha. Desta forma, esta investigação busca compreender o fenômeno da escolha, no campo da vocação missionária, tendo a fé como um conceito estruturante no âmbito da investigação.

Mesmo sendo uma família regida, quanto aos seus objetivos de vida, pelo parâmetro da fé, e que é a percepção do “*seu mundo*” que faz com que a pessoa expresse-se psicologicamente com o outro (Damon & Hart, 1982; Kopp, 1982; Lewis, 1990; Neisser, 1988), todavia, o seu comportamento será, antes de tudo, vivenciado no contexto da dinâmica social e cultural no todo, ainda que estruturado por critérios particulares em processos micros familiares, como dito, a partir da percepção do “seu mundo”.

Sabe-se, no entanto, que a “noção de si mesmo (*self*) constitui-se mediante processos de socialização numa matriz intersubjetiva simbólica” (Casagrande, 2011, p.147), e assim, a dimensão psicológica, quer das dinâmicas macros, quer das micros sociais, tem a sua matriz nesta *intersubjetiva simbólica*. Pergunta-se: qual seria a matriz “da” psicologia da família missionária? Naturalmente, no contexto de imersão da ação da família: o discurso da fé que sustenta a escolha e o processo de identificar-se (“eu sou missionário(a)”).

1.3.1. Psicologia da Religião.

Psicologia da Religião é o campo da Psicologia que se dedica ao estudo do comportamento humano a partir do fenômeno religioso, sem que se faça redução da

psicologia à religião, e nem da religião à psicologia, onde a matriz da disciplina é manter a especificidade da psicologia e da religião, ressaltando a importância e valor de cada uma no contexto das dinâmicas que envolvem a vida humana (Ancona-Lopez & Arcuri, 2008; Batson, Schoenrade, & Ventis, 1993; Beit-Hallahmi, 1974; Clark, 1958; Fuller, 1994; Genia, 1990); considerando, portanto, o comportamento humano envolvido em todos aspectos que circunscrevem a cena da vida social e cultural na qual a pessoa está envolvida (Hood, 1995; Donelson, 1999), e, neste sentido, a Psicologia da Religião envolve-se com a pesquisa empírica ou reflexões teóricas focando a possibilidade psicométrica (Ancona-Lopez, 2002; Slater, Hall, & Edwards, 2001).

Isto significa dizer que o foco da Psicologia da Religião, não é a religião em si, mas os efeitos dos processos relacionais produzidos pelo homem da prática religiosa, sejam elas quais forem. Lembrando que o termo “prática” aqui não está relacionado à aspectos litúrgicos-devocionais, mas a uma posição, uma postura, o que significa dizer que esta “prática” diz respeito tanto aos processos de adesão como de negação. Por exemplo, o comportamento de uma pessoa que se diz ateu, pode ser estudado a partir da Psicologia da Religião. Desta forma, o que se estuda é o comportamento humano em relação a religião, quer o homem seja religioso, quer seja não-religioso. Partindo deste lugar, esta investigação se posicionou a observar o fenômeno enquanto fenômeno, usando a especificidade de cada disciplina.

1.3.2. Psicologia da Fé.

É um grande equívoco epistêmico afirmar que a fé de um crente está relacionada exclusivamente à crença subjetiva sobre a existência de Deus. A fé deve ser avaliada, também, como sendo uma variável de escolha, na leitura do contexto da prática religiosa. Mas alguém pode argumentar dizendo não seria possível, pois as pessoas não têm a capacidade de poder escolher entre crer ou não crer. Eis o núcleo do equívoco! Pois, o cientista, e, neste caso, especificamente, a ciência psicológica, não pode fazer uma confusão metodológica, pois, ao afirmar que a investigação sobre a fé não visa avaliar a fé em si, mas os efeitos desta variável (ou unidade de análise) sobre o comportamento da pessoa, mas, por outro lado, afirmar que a pessoa não pode escolher entre crer e não crer, ele cai numa armadilha metodológica, pois, faz a passagem do cientista da ciência psicológica, para fazer o papel do “teólogo bobo”. Ora, pois, como se sabe, falando do lugar da Teologia, que fé é escolher!

Como consequência deste equívoco, - afirmar que a fé de um crente está relacionada exclusivamente à crença subjetiva sobre a existência de Deus - o cientista da psicologia que assim mantém a sua postura, incorre num segundo equívoco: achar que há necessidade da “legitimação da linguagem religiosa em face da psicologia” (Amatuzzi, 2003b). Ainda segundo Amatuzzi (2003a) "a legitimação da linguagem religiosa" existe em si mesma, portanto, não precisa da legitimação da psicologia, uma vez que esta linguagem religiosa, como é o caso da fé, por existir “a possibilidade de seu uso para um conhecimento do homem e da

experiência humana” (p.63).

1.3.2.1. A fé enquanto prática pessoal. “Cri: por isto falei”. O caminho da psicologia, caso queira entender a linguagem da fé, deve, além de ouvir a voz, perceber a cena do falante. Pois, como indica AmatuZZi (2003a), “no âmbito da psicologia, enquanto estudo da subjetividade, o mais importante não parece ser a atribuição de causalidade (ou de funcionalidade), mas sim a compreensão. A “explicação funcional” cede lugar ao “dar conta”, à *apreensão do sentido*” (AmatuZZi, 2003a, p.64). Aqui a fé é observada do lugar da narrativa-fenomenológica-hermenêutica: uma pessoa que diz, que apreende e atribui sentido.

Quando um psicólogo fala em “processo terapêutico” está falando de quê? Do início de uma prestação de serviço (uma pessoa procurou-o e pagou por um horário marcado, num determinado dia da semana)? Não! Ele, possivelmente, está falando de uma ação, de um movimento que o cliente precisa fazer para encontrar sentido para estar ali: no dia e na hora marcada e começar a falar de alguma coisa. Enquanto não há este movimento, passe o tempo que passar “indo” ao encontro, mas o “processo” ainda não aconteceu! Pois bem! O fiel, de posse da linguagem religiosa assume-se: “Ora, temos o mesmo espírito de fé, conforme está escrito: Cri, por isso falei; também nós cremos, por isso também falamos” (2 Coríntios 4:13). Como entender o que o Apóstolo Paulo está dizendo? Com o exercício hermenêutico! A fala é de um demandante com fé: “Cri, por isso falei; **estive muito aflito**”⁸ (Salmos 116:10). Ele faz uso de um Salmo, escrito alguns séculos antes dele. Eis aí a fé enquanto prática pessoal! Fé é abrir-se, falar da sua aflição. A fala da fé é metafórica, é semiótica que se reveste de semanticidade. As palavras-signos são unidades de discurso que realizam funções pragmáticas (Bruner, 2008), dando conta de uma gama de processos psicológicos (cognição, emoção, memórias, comportamento, crenças, lembranças, enfim) numa interação com a dinâmica sociocultural. Assim no uso das funções pragmáticas, a pessoa se projeta sobre o “ambiental” (pessoas, objetos, coisas, lugares, memórias, tempo, etc) no sentido de obter resposta social, psíquica e essencial (espiritual): “Cri, por isto falei; estive muito aflito”.

Fica questão: por que a psicologia não usa o termo fé para descrever psicologicamente uma pessoa (AmatuZZi, 2003b), uma vez que, semanticamente, o termo tem raízes forenses? Esta é uma questão aberta, mas, no núcleo da questão fica o facto de que a fé “se refere aquilo que efetivamente anima a vida de uma pessoa ou lhe dá um sentido” (AmatuZZi, 2003b, p.570); e perceber sentido nas coisas, nas coisas no outro e nas coisas em si, é colocar-se na cena da vida: “Cri, por isto falei”.

1.3.2.2. A fé como unidade de análise. Com esta investigação de matriz qualitativa, a fé é tomada como unidade de análise. Assim, em que sentido a fé é uma unidade de análise? Como uma instância que produz conteúdo, pois a fé é *práxis*. Neste sentido, o

⁸ Destaque do investigador

conteúdo produzido da fé é sempre teleológico, visto que o ser humano é o único ser vivo que se projeta dentro de uma finalidade. Uma *práxis* para a libertação (Nepomuceno, Ximenes, Cidade, Mendonça, & Soares, 2009). Neste sentido, mesmo falando do lugar de educador, Paulo Freire, afirma: “*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo*” (Freire, 2005, p.78).

A fé como unidade de análise é possível porque o que aí está posto é um homem histórico, antropologicamente identificado, inserido num grupo humano que “se organiza e se estrutura a partir da realidade simbólica num processo de interpretações e representações transformadoras; com base em realidades presentes passam por um processo de interpretações e representações que provocam transformação” (Gomes, 2004, p.18). Só é possível haver transformação a partir de uma *práxis* orientada, como uma posição positiva da vida (Paludo & Koller, 2007; Jaspard, 2004). É nesta perspectiva que a fé é aqui posta como unidade de análise. Como a pessoa pode fazer da fé uma ferramenta – *empowerment* – diante do sofrimento, das perdas, da morte, do luto, da perda de amigos, da indiferença, das crises econômicas e financeiras; e assim, ainda, manter uma atitude motivada pela resiliência?

1.3.3. Psicologia das Missões.

É possível pensar a Psicologia de Missões a partir do seu caráter social, ou seja, são escolhas que estão no âmbito do processo migratório, acerca do comportamento psicológico no contexto cultural. Assim, fundamenta-se o pensar-se uma psicologia de missões a partir, primeiro, de um contexto geral em que “missões” é entendido social, cultural e antropologicamente como um processo de “deslocamento” em que o sujeito ativo entra no âmbito da *representação*. Esta representação pode ocorrer sobre três perspectivas: 1) profissional (do setor público ou privado), 2) religioso (missional – de qualquer confissão religiosa); 3) e bio-orientado: são missionários que usam uma profissão liberal, (como professor, médico, engenheiro) para entrar no país, mas o foco da sua entrada é o trabalho missionário. Assim, no âmbito de uma possível psicologia de missões, é que se questiona: o que leva uma pessoa assumir tal comportamento?

No âmbito desta investigação a Psicologia das Missões é pensada a partir dos pressupostos psicológicos que abarcam os processos migratórios/imigratórios (Coutinho & Oliveira, 2010; Ramos, 2008 Rodrigues, 2009), e os fundamentos da Psicologia Cultural e Transcultural (Berry, 2002; Ferreira, Price-Williams, 1975).

1.3.4. Psicologia da Família Missionária.

Os Atos da Fé, produzem Atos de Significados, e são estes significados, possíveis de serem observados, que são introduzidos na dinâmica familiar, como sendo Atos do Comportamento; mas, comportamento não simplesmente como algo fechado no sentido de “comportamentalismo”, mas de um processo interacionista aberto.

Desta forma, “a psicologia da família missionária”, é um olhar coordenado ao microsistema familiar no contexto da ação missionária relativo aos atos de comportamento da família. Assim, este olhar coordenado acontece, primeiro, numa perspectiva do contexto imediato, ou seja, a dinâmica da própria família, como sendo um primeiro ambiente, e, segundo, numa perspectiva do macro, no contexto abrangente: dos vizinhos às instituições (saúde, educação, financeiras, transportes, etc).

Assim, “a psicologia da família missionária”, nesta investigação, não é “uma” psicologia nem uma disciplina da psicologia (se bem que pode ser); é uma ação, com o suporte da psicologia que visa observar, descrever, analisar e interpretar a influência do contexto social e cultural sobre o sistema familiar no que diz respeito ao desenvolvimento psicológico de seus membros, e, conseqüentemente, no seu padrão comportamental (Pratta & Santos, 2007).

1.3.5. Fé como subproduto da Espiritualidade.

Retomando a afirmação de que a fé é um subproduto da espiritualidade, por onde é possível pensar uma *psicologia da experiência missionária*, vale reafirmar que esta investigação toma a espiritualidade por fenômeno e, por assim dizer, os signos presentes nesta expressão humana, entre eles, a fé, têm o seu foco na pessoa, no comportamento e no resultado do comportamento, como o seu objeto de investigação, sendo este o grande mérito da mesma: faz um olhar a partir do movimento interno e sônico da família. A experiência missionária tem um conjunto de expressões vivenciais que lhe são peculiares, sendo possível, seguramente, pensar numa psicologia da experiência missionária. Em 2009 o periódico *Mental Health, Religion & Culture*, dedicou um número especial, o número 7 do volume 12, exclusivamente a investigações que tinham foco temático “*psychological functioning of international missionaries*”, o que parece mostrar que o funcionamento psicológico do missionário que atua em contexto intercultural constitui um campo com particulares potenciais investigativos, e, que de facto, foi demonstrado nesta publicação referida.

Assim, especificamente sobre os missionários, tem-se investigações que focam, (1) a vivência psicossocial da experiência missionária (Bikos, Klemens, Randa, Barry, Bore, Gibbs, e Kocheleva, 2009; Bjorck & Kim, 2009; Chester, 1983; Corby, 2003; Dillon, 1983; (2) a vivência intrapessoal da experiência missionária - sexual, conjugal, liderança, saúde, (Gardner, 1987; Rosik, Summerford, Tafoya, 2009); (3) Investigações sobre a vivência transcultural da experiência missionária (Navara & James, 2005); (4) Investigações sobre os efeitos da opção missionária nos filhos (Kietzman, Pike, Jones, & Lingenfelter, 2008; Priest, 2003; Walters, Auton-Cuff, 2009).

CAPÍTULO II
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

2.1. OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.

O **Objetivo Geral** é compreender de que forma a família dos missionários brasileiros em trabalho transcultural organiza a resposta *intrafamiliar* à escolha de “ser família missionária”. Por sua vez, os **Objetivos Específicos** são: 1) Explorar de que forma a opção pelo trabalho missionário transcultural influencia a relação intrafamiliar; 2) Identificar quais os elementos *psíquicos-sociais-espirituais* presentes na (re)construção das representações subjetivas do ser “*Família Missionária*”; 3) Compreender, na perspectiva intrafamiliar, como a “*Família Missionária*” se projeta em relação ao futuro.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE PARTICIPANTES.

Foram previamente definidos alguns requisitos de participação neste estudo. Pretendia-se conhecer a situação de missionários brasileiros em atividades fora do Brasil e respetivas famílias também geograficamente deslocadas, independentemente do tempo de residência e da condição socioeconômica e cultural; quanto ao número de participantes, considerou-se preferível deixar em aberto para decisão ao longo do processo de recolha de dado em função do critério da *saturação* do material recolhido (Ekins & Newman, 1970; Fontanella & Magdaleno, 2012; Fontanella, Ricas, & Turato, 2008; Glaser & Strauss, 1967; O’Reilly & Nicola, 2013).

2.2.1.O perfil Sociodemográfico dos participantes.

O perfil sociodemográfico dos participantes (1) *quanto ao gênero*, 59% (n=24) masculino, e 41% (n=17) feminino; (2) *quanto a região de trabalho*, 7, (n=3) na América, 66% (n=27) na Europa, 22% (n=9) na África, e 5% (n=2) na Ásia; (3) *quanto a faixa etária*, 7 (n=3) estão entre 54 e 65 anos, 49% (n=20) estão entre 44 e 53 anos, 20% (n=8) estão entre 34 e 43 anos, 17% (n=7) estão entre 24 e 33 anos, e 7% (n=3) estão entre 12 a 23 anos; (4) *quanto ao estado civil*, casado(a) corresponde 90% (n=37) e solteiro(a) 10% (n=4); (5) *quanto ao número de filhos*, com um filho corresponde a 15%(n=6), com dois filhos 54% (n=22), com três filhos 17% (n=7) e casal sem filhos a 15% (n=6). *Quanto ao gênero*, ficou próximo de um equilíbrio: 59% (n=24) masculino, e 41% (n=17) feminino), como era de esperar, porque o grupo de participantes foi formado por famílias, o que correspondeu a 90% quanto ao estado civil na condição de casado.

2.2.2. O perfil Sociocultural dos participantes.

O perfil sócio cultural é apenas uma variação dentro do sociodemográfico. 1) *Quanto a escolaridade*, o Ensino Fundamental corresponde a 2%, o Ensino Médio a 32%, Ensino Superior a 41%, a Pós-Graduação 24%; 2) *quanto a profissão*, estudante 7%, expressão de status quo⁹ 7%, no exercício missionário 41%, por formação secular 41%, e não respondeu

⁹ Foi categorizado como “Expressão de Status Quo” os questionados que responderam a questão sobre “qual a sua profissão” de forma diversa, por exemplo: pastor, missionário, escritor, professor, advogado.

2%; sobre se 3) *antes de ir ao campo missionário que atividade desenvolvia*, 5% eram estudantes, 5% eram crianças pequenas, 51% desenvolviam atividades profissionais¹⁰, 3% realizavam atividades relacionadas à missões; e 2% nenhuma atividade; 4) *se chegou a trabalhar profissionalmente*, 85% trabalharam, 15% não trabalharam; 5) *quanto ao tempo de trabalho antes de ir ao campo missionário*¹¹, de 01 a 05 anos 22%, de 06 a 10 anos 32%, de 11 a 15 anos 12%, de 16 a 20 anos 12%, mais de 20 anos 7%, não respondeu 10%, não se aplica 5%. Quanto a escolaridade, os resultados apontam para o facto de mais da metade dos participantes terem curso superior ou pós-graduação (65%), sendo que o Ensino Superior corresponde a 41%, e a Pós-Graduação a 24%. A escolaridade superior (pós-graduação) está relacionada diretamente aos que entram com visto de ministro de culto 20%, e com o visto de trabalho 12%, pois todos declaram ter o ensino superior ou pós-graduação.

2.2.3.O perfil Institucional-Eclesiástico dos participantes.

Esta variável – *institucional/eclesiástico* - está diretamente relacionada ao núcleo desta investigação: família missionária. Assim, quanto ao 1) *continente de trabalho*, América correspondeu 7%; na Europa correspondeu a 66%, na África correspondeu a 22%, e na Ásia correspondeu a 5%; considerando que a maioria dos participantes estão na Europa, quanto aos países, 69% estão em Portugal, 27% estão na Espanha, 4% estão na Albânia; 2) *quanto se já havia trabalhado em outro campo antes do atual*, 56% responderam que sim, e 44% ainda não haviam trabalhado em outro campo missionário antes do atual; 3) quanto a questão: *a que igreja/denominação pertence ou está vinculado*, da Igreja Assembleia de Deus 61%, da Igreja Batista 10%, da Igreja Metodista 2%, da Igreja Presbiteriana 12%, de igrejas neopentecostais 15%; 4) quanto *por qual instituição foi enviado*, 75% foram enviados por igrejas, 20% foram enviados por agências missionárias¹², e 5% foram enviados por convenções¹³.

2.3. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.

Para realizar a recolha de dados foram utilizados três instrumentos distintos: 1) O Questionário Sociodemográfico (doravante identificado como QSD); 2) a Escala de Avaliação da Adaptação e Coesão Familiar III¹⁴ (doravante identificada como FACES III); 3) Entrevista semiestruturada (doravante identificada como ESE). Foi produzida uma versão dos instrumentos para recolha presencial dos dados e outra versão para a obtenção de respostas

¹⁰ Conforme nota 11.

¹¹ Implica em dizer que engloba tanto os que já estavam em atividades relacionadas (pastores, ou se não eram pastores, já viviam de tempo integral no contexto da vida religiosa, em setores de serviços ou administrativos).

¹² As Agências Missionárias são instituições caracterizadas como associações sem fins econômicos, sem vínculos diretos com igrejas/denominações; as composições das diretorias têm perfis diversificados, com membros de diversas denominações, no entanto, as agências sempre deixam claro qual o seu credo.

¹³ As convenções são órgãos associativos e representativos das igrejas; a grande maioria se fazem representar por uma convenção nacional, depois uma convenção regional ou estadual.

¹⁴ Cf. Anexo – 3B – FACES III – Escala de Avaliação da Adaptação e Coesão Familiar.

via on-line¹⁵. No caso da recolha presencial os três instrumentos foram aplicados no mesmo momento; quando administrado on-line, iniciou-se com o QSD, seguido da FACES III e depois da ESE; na versão on-line os instrumentos de recolha de dados foram disponibilizados por meio de uma plataforma disponível no mercado, que o investigador teve acesso ao serviço por meio da compra do direito de uso. No processo de recolha on-line, o guião da entrevista semiestruturada, foi adaptado no sentido de se transformar num questionário de auto-relato.

2.4. PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.

Para chegar aos potenciais participantes, o contato se deu por vias diferentes. Primeiro o investigador fez contato com pessoas pertencentes a igrejas no sentido de saber se algum conhecia uma família missionária que se enquadrava no *perfil da investigação*, ou seja, 1) Família Brasileira, 2) que tenha sido enviada por (a) Igreja, (b) Agência Missionária, (c) Convenção. No positivo, a pessoa do contato foi instruída, nos termos da carta convite, para falar com alguém da família e perguntar se tinha interesse em participar da investigação, havendo interesse, era solicitado o contato telefónico, o qual era repassado para o investigador e este fazia o contato com a família, explicando sobre a investigação, no entanto, o investigador não pedia logo uma confirmação, deixando a pessoa à vontade, pedindo apenas se era possível enviar a carta convite¹⁶.

Neste primeiro contato o investigador tomou o cuidado de fazer a sua identificação, bem como da fonte onde obteve o contato. Todos os contactados, de imediato aceitaram que enviassem a carta convite, mas nem todos os que receberam a carta aceitaram participar da investigação; a carta convite seguiu via correio, em envelope personalizado com a logomarca da FPCE-UP, sendo assinada pelo investigador e tomado ciência da orientadora. Depois, fazia-se outro contacto no sentido de saber definitivamente a resposta quanto a participação ou não na investigação; aos que aceitaram, já logo enviava uma segunda correspondência com o Termo de Consentimento Livre e Informado¹⁷ (doravante identificado como TCLI).

Outra via, foi fazer uma pesquisa na internet em sites de igrejas, convenções e agências missionárias, identificando os potenciais participantes. Ao enviar o primeiro e-mail, fazia uma breve apresentação do investigador, do motivo do contacto e onde tinha tido acesso ao endereço de e-mail e perguntava-lhe se podia enviar um outro e-mail com a carta convite anexo. Aos que responderam aceitando o envio da carta convite específica¹⁸, reforçando-se a importância do estudo e da participação; também indicava que receberiam um link na sua conta de e-mail; como era um link gerado pela plataforma, isto aconteceria de

¹⁵ Objetivando ter participantes de outros países (continentes), e devido ao impedimento do investigador fazer este descolamento, a opção pela obtenção de respostas on-line foi a melhor opção. Desta forma, ter participantes de países e continentes diferentes introduz uma variação cultural muito significativa.

¹⁶ Cf. Anexo – 7 – Carta Convite para participar do Estudo.

¹⁷ Cf. Anexo – 1 – Termo de Consentimento Livre e Informado.

¹⁸ Cf. Anexo – 8 – Carta Convite para participar do estudo – versão online.

forma aleatória, portanto, o e-mail não seria vinculado aos questionários, de maneira que lhe era assegurado absoluto e total anonimato nas respostas; indicava também que primeiro receberiam o link do (1) Questionário Sociodemográfico, depois da (2) FACES III, (3) e o ESE (adaptada para aplicação online). Aos que aceitaram participar foi apresentado o TCLI.

Depois de obtidas as respostas ao convite de colaboração (presencial), foi marcado o encontro destinado à recolha de dados para um dia/hora e local da conveniência dos participantes tendo-lhes sido pedido que reservassem cerca de duas horas para o mesmo e que garantissem que durante esse período não haveria interrupções; assim, todos os membros da família foram convidados a estarem presentes no dia e na hora marcada, onde a recolha dos dados foi realizada no coletivo familiar. Algumas famílias preferiram que o encontro com o investigador tivesse lugar nas suas próprias residências e outros nos seus gabinetes (nas Igrejas).

Ao chegar ao local combinado, o investigador usou a estratégia de deixar cerca de 15 a 25 minutos para que os participantes se expressassem naturalmente, falando sobre suas vidas, projetos, experiências e até mesmo da vida familiar; no momento de iniciar, o investigador preparava os participantes sobre a pesquisa: quanto a participação ser voluntária, livre e espontânea; agradecia por terem aceite colaborar, lia-se o TCLI, certificava-se de que havia sido assinado, solicitava-se a desligar os telemóveis; explicava-lhes a estrutura da entrevista, lendo a explicação do guião, mostrando que a entrevista tinha três estruturas, lendo a característica de cada uma¹⁹, em seguida perguntava se havia alguma dúvida e se podia iniciar; avisava-se que se iria ligar a câmara de vídeo, e assim se iniciava a entrevista. No final, mais uma vez era reafirmado o compromisso ético e deontológico em torno da participação, e fazia-se um novo agradecimento.

2.5. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.

Os resultados que serão apresentados e discutidos no Capítulo III provêm dos três instrumentos anteriormente descritos: 1) QSD); 2) FACES III); 3) ESE. Para o tratamento do conteúdo se utilizou a técnica de “análise qualitativa de dados” (Câmara, 2013; Caregnato, & Mutti, 2006; Finfgeld-Connett, 2013; Gondim & Fischer, 2009; Holanda, 2006).

2.5.1. Questionário Sociodemográfico.

O questionário sociodemográfico ficou disponível online em uma plataforma de mercado a que o investigador teve acesso por direito por compra. A plataforma tem uma interface amigável e dinâmica. A configuração da plataforma permite obter resultados em percentagem, gráficos e tabelas. Quanto aos dados recolhidos no encontro presencial, foram

¹⁹ 1) **G1 - Contextualização Geral da Chamada/Escolha** (doravante identificado como G1); 2) **G2 - Vivência/Experiência da Família em missão** (doravante identificado como G2); 3) **G3 - O Projeto Missionário no futuro** (doravante identificado como G3).

introduzidos na plataforma pelo recurso “*coletor de respostas*”. Para o grupo de questões abertas, a plataforma permite que se crie categorias, os dados podem ser vinculados a cada categoria e o sistema realiza a análise, com possibilidade dos resultados serem representados e visualizados em tabelas ou figuras.

2.5.2. FACES III.

Na análise dos dados obtidos da resposta à FACES III, seguiu-se a orientação do manual²⁰.

2.5.3. Entrevista e questionário on-line.

Para analisar as respostas às entrevistas faz-se uso da **Matriz Teórica**²¹ da tríade *Narrativa–Hermenêutica-Fenomenológica*, tendo como critério de análise os seguintes passos:

2.5.3.1. Estabelecer o Sentido Geral. Para *estabelecer o sentido geral*, ou seja, foram feitas as leituras e releituras de todas as entrevistas transcritas; depois destas releituras, o investigador assistia os vídeos das entrevistas, repassando as transcrições; estes procedimentos permitiu ter uma descrição geral, ou seja, “não se pretende focar-se em partes fundamentais, não se coloca hipóteses interpretativas, apenas, ter uma compreensão geral das descrições realizadas pelo sujeito” (Giorgi, & Sousa, 2010, p.86), cujo objetivo é obter um “*sentido da experiência na sua globalidade*”. Com estas leituras e releituras, e passagens novamente dos vídeos das entrevistas, realiza-se o processo de categorização, cujo objetivo é verificar a existência da inter-relação entre as partes (categorias) e o todo (entrevista). Neste procedimento a experiência da globalidade será enquadrada, para que, no passo seguinte, seja possível chegar às *unidades de significados*. Assim, sai-se da experiência da globalidade para unidades de significados.

2.5.3.2. Determinar as partes. A leitura inicial – estabelecimento do sentido geral – encaminha a determinação das partes, ou seja, **dividir o conteúdo em unidades de significado**, cujo objetivo, *explicitar significados*; para tanto, faz-se anotações das expressões (substantivos, adjetivos e verbos), visando a explicitação que foram mais recorrentes nas falas dos participantes. Esta “*anotação*” foi realizada por meio do software NVivo 10²². No processo da leitura o investigador faz a “*marcação*” dos signos-palavras, fazendo a vinculação às categorias anteriormente criadas no primeiro passo. A categorização visa evidenciar significados. Este procedimento é muito importante, pois, indica que os signos-palavras, ou seja, que os significados importantes para o tema do estudo estão centrados nas categorias (Giorgi, & Sousa, 2010).

²⁰ Cf. Anexo - 9 - Procedimento para aplicação da FACES III.

²¹ Cf. Anexo - 4 - Matriz Teórica de Análise.

²² Cf. Anexo - 19 - figura 7 – Modelo de Captura de Palavras-Signos.

2.5.3.3. Taxonomia Verbal de Conteúdo Psicológico. Este é o ponto chave da análise dos dados das entrevistas, pois, depois de ter estabelecido o sentido geral, criando as categorias, realizar o processo de vinculação categorial, agora é preciso “transformar” as unidades de análise, até então, expressões da linguagem comum dos participantes, em **unidades psicológicas**, ou seja, “desvelar e articular o sentido psicológico vivido pelos participantes, em relação ao objeto de estudo da investigação” (Giorgi, & Sousa, 2010, p.88), no caso desta investigação, ao fenômeno observado. O trabalho agora será sair do “mundo da pessoa” e expor conteúdos “psicologicamente explícitos, não em relação à existência do participante, mas em conexão ao tema do estudo” (Giorgi, & Sousa, 2010, p.88). No entanto, para realizar o procedimento de vinculação categorial o investigador manteve-se dentro da articulação da Matriz Teórica de Análise, objetivando chegar a uma *síntese psicológica* para realização da captura categorial.

No capítulo que se segue serão expostos e discutidos os resultados decorrentes da análise das respostas dos participantes à FACES III e à entrevista tanto na sua versão oral como na versão adaptada a questionário on-line. Ao longo da apresentação dos resultados, as FAMÍLIAS serão identificadas por dois caracteres maiúsculos (CH, CX, FT, RR, CT, AR, CS, SB, BT, AV, RQ); a escolha dos caracteres foi feita de forma aleatória, mas de modo a permitir ao investigador facilmente identificar a família correspondente. Para identificar individualmente os participantes, foram atribuídos dois caracteres, P (de participante) e um número (conforme a quantidade de membros - P1, P2, P3, etc), seguindo a ordem de participação. Assim, cada participante aparecerá identificado com duas letras seguidas de P e um número (e.g., CX.P1).

CAPÍTULO III
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

Os resultados serão apresentados em função das categorias e subcategorias²³ consideradas na análise dos dados relativamente a cada objetivo de investigação, e não, necessariamente, às categorias e subcategorias em si. Apresenta-se, em primeiro lugar, um quadro geral dos principais resultados obtidos através dos três instrumentos usados com referência às dimensões estruturantes da investigação operacionalizadas na entrevista através dos grupos de questões G1, G2 e G3 em seguida, expõe-se os resultados que dizem respeito: 1) à organização da resposta intrafamiliar à escolha; depois, dá-se conta das 2) influências dessa mesma escolha na dinâmica intrafamiliar; salientando-se alguns dos elementos psíquico-sociais-espirituais presentes na dinâmica familiar; e, por fim, reporta-se 3) a perspectiva familiar sobre o futuro. A apresentação dos resultados, seguida da discussão é, por via do método qualitativo, também, já uma interpretação dos resultados.

3.2 – ORGANIZAÇÃO DA RESPOSTA INTRAFAMILIAR À ESCOLHA.

Este tópico visa responder ao Objetivo Geral do estudo, ou seja, compreender de que forma a família dos missionários brasileiros em trabalho transcultural, organiza a resposta *intrafamiliar* à escolha de “*ser família missionária*”. Portanto, os resultados encontrados no âmbito desta investigação mostram que a família missionária organiza a resposta intrafamiliar à escolha em ser família missionária, a partir de três categorias estruturantes: 1) O Significado e Sentido da Chamada; 2) O Paradigma do Sofrimento; 3) O Sistema Semiótico.

3.2.1. O Significado da Chamada e Sentido da Escolha.

Quando perguntado: *o que significa a chamada missionária*, as respostas seguem uma estrutura muito definida: é o cumprimento do ide de Cristo. Este é um aprendizado interiorizado e bem definido. Por conta disto, só foi possível definir duas subcategorias, que, de certa forma, são praticamente sinônimas. Chamada foi percebida, a partir das entrevistas, e definida em torno: 1) *A Grande Comissão*; 2) *Obediência e Voz de Deus*. Esta “conscientização” circula dentro da família como código de conduta, “*passando*” de pai para filhos. Assim, responder a chamada, é responder a um estatuto espiritual que está posto sobre o sistema de vida. Por isto, as respostas a outra questão vinculada ao que *significa a chamada missionária*, ou seja, “*quem na família sentiu a chamada*”, circularam em torno de: 1) Casal; 2) A família; 3) Individualmente em épocas diferentes. No entanto, é possível observar uma transição para a imagem da família nuclear, com a figura assumida do homem como patriarca, o que, nesta investigação se nomeia como narrativa de transição; primeiro porque a estrutura narratológica “*dela*” posiciona-se no “*ele*”, “*nEle*” ou “*dEle*”; segundo, inversamente, a estrutura narratológica “*dele*” posiciona-se no “*eu*”. Numa família (CX) com indicativo de ser catártica a pergunta é respondida teatralmente: em risos P3 (esposa) faz apenas gestos indicando para

²³ Cf. Anexo – 20 – Quadro de Categorias e Subcategorias.

o P2 (o esposo) que, impostando, logo diz: “ao chefe da família”, seguindo-se os risos, P4 (filha) diz “ao seu Pedro²⁴”, P3 diz “ao Pedro”; em outra família (RR) a narrativa de transição é clara: P1: “**a gente** já se envolvia com missões intercedendo e contribuindo de uma forma coletiva”, observa-se aqui uma intensão “discursiva” (a gente = nós) de incluir a família, no caso, esposa (e a análise aqui não é quanto ao mérito da intenção), todavia, na continuação RR-P1 afirma: “e, aí, foi onde que **eu** senti que tava estreitando aí essa, esse envolvimento”. Então, observa-se claramente o processo da narrativa de transição, onde “agente” (nós) envolve-se, mas a percepção do *estreitamento* da chamada é do “eu”. A narrativa de RR-P2 também se mantém neste sentido, de forma mais clara e direta: “desde então, assim, quando nós casamos é, meu esposo, ele sempre estava envolvido na obra... também ele ajudou muito ali no campo preparar outros casais pra poder enviar...”. E, como se sabe, todas estas ações do esposo foram feitas junto com a esposa, pois o casal era “o líder” do departamento.

O significado da *chamada* fica entrelaçado com o *sentido* da escolha, basicamente sobre estas duas categorias: **1) A Grande Comissão**: deve se ter um entendimento da ordem imperativa de Cristo em se pregar o evangelho a todo mundo: “atender e entender os significados da visão e missão ordenadas pelo Senhor Jesus em Marcos 16.15-18 e Mateus 28.18-20” (DM.P2); “certeza da capacitação pelo Espírito Santo para testemunhar até os confins da terra...” (CS.P1), *significa um chamado de Deus por meio de Sua Palavra no contexto da vida em comunidade, Seu corpo, para o anúncio e vivência das Boas Novas do Evangelho onde Ele não é ainda conhecido* (RI.P1); **2) Obediência e Voz de Deus**: “direção de Deus que você sente paz em obedecer, mesmo que há desafios a transpor” (QZ.P1), “obediência. Não devemos esperar ter uma visão, revelação ou uma chamada sobrenatural, precisamos simplesmente obedecer a ordem de Cristo” (BT.P1). A obediência vai constituir uma pedra angular sobre a qual se erguem os fundamentos do caminho missional, como é possível perceber na cena narratológica dos participantes, e como revela a análise da semanticidade estruturante, como será discutido no tópico 3.2.3. *Sistema Semiótico*.

Ficou claro que a posição discursiva da pessoa-missionária em relação a chamada é posta num cabedal de convicção. Todavia, a fala da pessoa-no-mundo é referida de um lugar marcado pela “*presença de Deus*” na experiência pessoal e a ausência do cuidado humano da convivência institucional, dizendo de forma diferente, parece haver um posicionamento, com base na resignação, onde a experiência e vivência espiritual da pessoa, que se caracteriza no viver na presença de Deus nas suas expressões litúrgicas – o “adorar a Deus em espírito e em verdade” – a conduza (com possível resiliência) a suportar a ausência do cuidado institucional. Portanto, mesmo que esta “*ausência do cuidado*” - relacionando-se ao sofrimento - não seja dito na verbalização aberta, é dita na expressão “é muito difícil” ou: “não é fácil”, caracterizado como sofrimento sentido, mas não diretamente explicitado. Assim, na

²⁴ Nome fictício para preservar a identidade do participante.

não verbalização sobre a ausência do cuidado, foi observado a existência de pacto de silêncio como que protegendo o institucional e guardando a fé; assim, o espaço familiar é marcado pela certeza que se sustenta na fé que patrocina o “sim” da chamada e as incertezas do mundo da realidade, dos altos e baixos: *O missionário não é a nata da igreja, o missionário é aquele que precisa ser muito trabalhado, que tem os altos e baixos, e que é claro, que Deus usa, entendeu?* (SC.P2).

Na perspectiva psicossocial, como é que esta convicção da chamada se coaduna com os aspectos da psicologia vocacional? Em pelo menos três aspectos! Primeiro a destacar é que a escolha é **ecoglobal**, ou seja, mesmo que a vocação religiosa seja firmada em uma experiência de cunho espiritual, as cercanias desta experiência são humanas, portanto, sociais, culturais e psicológicas, assim, como aponta Nascimento e Coimbra (2005) falando sobre a vocação, que esta é claramente posta “nas dinâmicas do funcionamento global da pessoa” (p.16), neste particular, a escolha em ser família missionária aponta neste sentido, pois, esta vocação-escolha, se situa no funcionamento global, ou seja, na experiência espiritual vivenciada, os congressos que participou, os livros que leu, as homilias que ouviu, os filmes que assistiu, enfim, em todo conjunto de expressões litúrgicas a que esteve exposto. Este aspecto ficou claro quando questionados sobre questões que envolveram a escolha: “já tinham esse hábito de fazer eventos, de promover missões” (CH.P1); “nós, há muito tempo atrás, nós assistimos um vídeo, sobre... falando sobre as ilhas Fiji” (CH.P2); “então, esse relacionamento com pessoas, né, com ser humano em que cada um tem a sua, sua maneira de ser, de pensar, de agir, de reagir, isso que me trouxe é, uma base pra vir trabalhar aqui como missionário em Portugal” (RR.P1); “eu pequeno no grupo de crianças na Escola Dominical e vinham aquelas missionárias, amigas, né, de minha mãe, a nomear algumas: Rosa, Pedro²⁵. Foram dois missionários que saíram. Teve alguns também na infância, que passaram. Então, assim, vinham na igreja e contavam inclusive aquelas experiências na África. É por isso que assim, hoje a África fala ainda muito forte no meu coração (CT.P1).

Em segundo lugar a escolha, neste sentido, é **contextual**, ou seja, há uma gama de situações, no dia a dia da pessoa vocacionada – escolhida por Deus -, que influenciam a sua decisão, não obstante a sua natureza religiosa-espiritual. Neste sentido, foi identificado, por exemplo, a questão da parentalidade como elemento contextual da escolha: “No caso da minha igreja, eu venho do interior, muito pequeno, a influência que teve, foi, nem foi minha igreja, foram as igrejas que levaram o pessoal da JOCUM, entendeu? Pra tá indo e eles tiveram uma influência grande na minha decisão. O meu pai não queria que eu fosse pra JOCUM, por causa ele queria um curso mais estruturado, entendeu? E aí, foi por isso que eu fiz um seminário interno e como minha irmã também queria tá indo, ela foi comigo. Hoje ela tá casada com um pastor, entendeu? Mas ele queria uma coisa mais segura, por causa, as

²⁵ Nomes alterados para preservar a identidade

vezes o estilo da JOCUM deixaria ele muito preocupado” (SC.P2); do contexto de trabalho (profissional) “*Infelizmente, a influência para estes preciosos trabalhos, não veio da minha igreja. Deus levou-me a me envolver com o Movimento Estudantil - Aliança Bíblica Universitária do Brasil - ABUB. Foi aqui que eu fui incentivado, treinado, acompanhado, testado e enviado...*” (CS.P1).

E em terceiro lugar, é eminentemente **individual**. Mesmo cercado por todos os “meios”, há um *sujeito-aí* que está posto na sua condição ontológica, ou seja, mesmo que o discurso se sustente sobre a matriz religiosa-espiritual, a pessoa que *aí-está* é único, e, por conseguinte, os processos de aprendizagem (Carvalho, 1995; Melo-Silva & Jacquemin, 2001; Rosas, 2000), que envolvem a escolha devem ser lidos como sendo escolha *da pessoa*, qualquer que sejam os eventos adjacentes; desta forma, deve-se olhar para os processos diversos que envolvem esta pessoa, portanto, este olhar é voltado para os “processos, internos e externos, que levam o indivíduo à escolha profissional e à tomada de decisão” (Sparta, Bardagi, & Teixeira, 2006, p.24).

Outrossim, no contexto da família missionária, sob estas três perspectivas – ecoglobal, contextual e individual - decisão final é sempre da família, de uma forma ou de outra, para o bem ou para o mal: “*Subitamente minha filha de 17 anos levantou contra nossa decisão de viajar. E como mantivemos a firmeza de obedecer o Chamado do Mestre, ela por último aceitou viajar com nosotros*” (MD.P2).

3.2.2. O Paradigma do sofrimento.

O exemplo de Cristo aparece como paradigma do sofrimento, renúncia e vida exemplar. O grande foco deste sofrimento é exemplificado na *kenosis*, em que Cristo toma a forma humana, “esvaziando a si mesmo”, assim, observa-se uma certa resignação por parte da família missionária face as demandas que as expõe a algum tipo de sofrimento:

Problemas né, porque você chegar num país com três malas né, é o recomeço da sua vida (...) mas a paciência também tem que andar junto, que a gente sabe que não é do dia pra noite também, que as coisas acontecem, então, assim, é, a alegria e a certeza, convicção que Deus te escolheu, que você tá no centro da vontade de Deus, te faz superar tudo isso, né” (RR.P1).

Os resultados desta investigação mostram que, ao tomar Cristo como paradigma do sofrimento, a narrativa missional põe a pessoa numa posição de *resignação*. O sofrimento, de certa forma, a partir do conceito de “**centro da vontade de Deus**”, tem estatuto de privilégio:

Elas choraram bastante. A mais nova chorou muito que aí, começou a pensar né, que ia deixar os coleguinhas, os parentes. Tem duas tias da parte dele que ela é apaixonada por essas tias e quando ela pensou que ia deixar, então assim, foi um processo assim, de uns 15 dias assim, a gente conversando com ela falando que quem tá nos braços do Senhor, né, aos cuidados do Senhor, o Senhor cuida, é melhor. Estar no centro da vontade Deus e aí, ela foi ali cessando as lágrimas, mas um bom tempo ela chorou bastante” (RR.P2).

Sobre esta perspectiva - o *centro da vontade de Deus* - a pessoa assume uma postura

de resignação, em ter que “*abrir mão de*”. Observa-se um certo hiato entre este sofrimento produzido por estar “no centro da vontade de Deus”, e o sofrimento produzido pelas demandas que surgem dos diversos aspectos dentro dos processos da convivência humana.

Este paradigma do sofrimento se alinha na vida missional à dimensão do ***mundo das incertezas***: “*havia também muitas interrogações: com o que vai ser o nosso futuro*” (CX.P2); “*nossa, eu vou deixar todo mundo, eu vou pra lá, não sei como vai ser? E a gente não faz ideia mesmo, do que que é sair do país, não tem a mínima noção*” (CH.P1); “*quando você projeta alguma coisa no que diz respeito a missões, nunca que é concreto*” (RR.P1); “*e a gente não conquistou aqui nada. E quem é que nos vai dar o amparo? Se a gente tá aqui e não tem uma garantia?*” (AR.P1); “*não tínhamos experiência. Nós fomos mandados e a experiência nós obtivemos ela no campo, no trabalho, com a mão na massa, essa é a realidade, e o sofrimento, esse sofrimento gerou alguns desconfortos*” (BS.P1). Segundo Meer (2009), no que diz respeito ao sofrimento no contexto missional, há duas perspectivas para o “sofrimento em nome de Cristo”. Primeiro, o sofrimento provocado pelo comportamento repreensível do missionário por se envolver “em negócios do mercado negro”; o segundo tipo de sofrimento é aquele, ainda segundo Meer (2009), causado por se portar da melhor forma para servir a Cristo e que, portanto, “esse sofrimento traz fé, contentamento, e uma profunda comunhão com Cristo” (p.121).

3.2.3. Um sistema semiótico.

Segundo Janczura, (2005) “as palavras têm sido amplamente utilizadas na investigação e compreensão dos processos cognitivos, um dos estímulos preferidos pelos pesquisadores em função da facilidade de sua manipulação, familiaridade dos indivíduos com este material e sua participação cotidiana nas atividades humanas” (p.417). Vários estudos têm sido produzidos, como apresenta Salles, Holderbaum e Machado (2009), e ultimamente vários estudos para o português brasileiro têm sido desenvolvidos (Holderbaum & Salles, 2010; Janczura, 2005, Janczura, Castilho, Rocha, Erven, & Huang, 2007; Machado, Correia, & Mansur, 2007; Salles, Machadob, & Janczurac, 2011; Stein, & Pergher, 2001).

Assim, considerando o processo narrativo, como processo de construção de significados, ele pode acontecer tanto como *phonê* quanto com o *ghaphê*; esta investigação contemplou ambas as dimensões. Portanto, invariavelmente, de uma forma ou de outra, para que o ato narrativo tenha sentido ele tem que ser, ato contínuo, um ato hermenêutico, visto que, “o carácter hermenêutico da linguagem emerge da teia de relações que se estabelece entre as palavras, constituindo uma matriz narrativa” (Fonte, 2006, p.125).

Para construir o *Quadro Semiótico Estruturado*, usou-se a regra hermenêutica do contexto, fazendo-se uso do termo *Missões* por ser conceito-tema, e dos termos *Chamada*, *Vivência* e *Futuro* por serem conceitos das dimensões estruturantes (G1, G2, G3) que nortearam a ESE e o QSD. Foram analisadas as respostas à Entrevista Semiestruturada

(ESE), foi ainda considerada a resposta dos participantes as três questões do Questionário Sociodemográfico (QSD): (1) “Quando pensa na palavra “MISSIONÁRIO”, indique quais são as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe vêm espontaneamente à cabeça”; (2) “Quando pensa na palavra “ESCOLHA”, indique quais são as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe vêm espontaneamente à cabeça”; (3) “Quando pensa na palavra “RENÚNCIA”, indique quais são as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe vêm espontaneamente à cabeça”.

A técnica da norma de associação semântica de palavras tem sido utilizada, mostrando ser uma técnica eficaz em estudos de diversas áreas. Salles, Holderbaum e Machado (2009), afirmam que “a construção de listas de pares de palavras com normas de associação semântica é fundamental para elaborar experimentos de memória implícita (...), ela também possui um papel importante na avaliação da memória explícita, episódico- semântica, em tarefas de recordação com pistas...” (pp.57,58).

Desta forma, o estímulo semântico aconteceu por meio de três palavras-signos estruturantes: *Missionário*, *Chamada* e *Renúncia*. Estas palavras foram escolhidas a partir, primeiro, do conhecimento prévio que se tinha da importância das mesmas no contexto do grupo investigado, segundo, porque estão dentro do quadro temático da investigação, por isto são consideradas estruturantes.

No processo de vinculação categorial, o primeiro passo foi identificar e capturar as palavras-signos (substantivos, adjetivos e verbos). Para isto usou-se o software NVivo 10, fazendo a vinculação destas palavras- signos à categoria de 1.º nível “**semiologia**”. Através deste procedimento foi possível identificar 121 palavras-signos, resultando no **Quadro Semiótico**²⁶ (doravante identificado como QSO), perfazendo o total de 1161 *frequências acumuladas*.

A seguir, com o grupo de 121 palavras-signos foi usado o critério de representatividade²⁷ sobre a “ordem de quatro”. Ou seja: 121 dividido por 4. Foram preservadas as palavras-signos com maiores índices de referência, neste caso, as palavras-signos da posição 1 à posição 31, em ordem decrescente²⁸, que correspondeu a 1001 frequências acumuladas, respondendo a 86% da série das frequências (N=1161), o que representa um índice com altíssima representatividade.

O próximo passo foi realizar um segundo filtro com o objetivo de estabelecer a *semântica estruturante*, e para isto usou-se o processo de agrupamento por sinônimo ou sentido semântico. O resultado deste segundo filtro é o que se nomeou de **Quadro Semiótico estruturado**²⁹.

²⁶ Cf. Anexo 10 – Quadro Semiótico

²⁷ Cf. Anexo 11 – Representatividade do Quadro Semiótico

²⁸ Cf. Anexo 12 – Consulta de Frequência de Palavras – Primeiro Filtro

²⁹ Cf. Anexo 13 – Consulta de Frequência de Palavras – Segundo Filtro.

A *sematicidade estruturante*³⁰ tem caráter inter-intra-transgeracional, pois somente por meio dela, que emerge do social e do cultural, torna possível a *transmissão*, e, conseqüentemente, a *interpretação*, ao fazer uso do biológico e do ontológico do humano, no contexto social e cultural. Esta dinâmica ajuda a compreender o fenômeno que aqui se opta por designar como “narrativa do pai *no* filho”, ou seja, o filho consegue reproduzir a narrativa dos pais como se esta narrativa fosse totalmente original e de sua autoria, e, muitas vezes um filho fala em nome de “*nós*”³¹:

Ah, quando nós chegamos éramos crianças, éramos filhos de missionários, mas agora nós podemos dizer que somos missionários, porque Deus conscientizou em nós, que nós estamos aqui não foi por acaso, não foi por sermos filho deles, foi porque Deus também tinha um propo... há um propósito para todas as coisas debaixo dos céus, né, então, Deus conscientizou a gente, falo, eu falo por nós, porque acredito que Deus falou com cada um de nós, que há uma importância muito grande lá está em pregar o evangelho né, então, pregar o evangelho aonde for, onde nós estivermos, e nós estamos aqui em Portugal, então, era propósito de Deus que aqui estivéssemos, pronto (CX.P5).

Esta fala de CX.P5 é forçada por CX.P1, um jovem de 24 anos, formado em música:

Ah, além disso, que, pronto, realmente, quando nós viemos, nós éramos filho de missionários, nós não entendíamos muito bem as coisas, mas ao longo do processo de entendimento de conhecimento de Deus e de toda, tudo aquilo que Deus quer pra nós como aquilo que é revelado na palavra de Deus, nós fomos entendendo que nós fazemos parte de um projeto missionário e que nós também temos que nos tornar missionários pela nossa atitude, em ajudar os nossos pais, ajudar a igreja do Senhor, onde nós estamos congregando com tudo aquilo que nós, todas as nossas capacidades né, seja a nível... desde o nível mais básicos até os mais, os mais... de maior responsabilidade como também tratar dos assuntos de organização da igreja, de ... equipa de multimedia, de louvor, equipa é... a livreria da igreja, sabe, equipe de designer gráfico, nós fazemos hoje em dia, nós fazemos parte destas equipes e nós ajudamos os nossos pais a gerir basicamente a igreja do Senhor, que nós fazemos parte.

Observa-se ainda, na fala de CX.P4, o reconhecimento que o envolvimento dos filhos na obra missionária se deve a ação dos pais, todavia, dentro dos *propósitos de Deus*:

Vou aproveitar a oportunidade pra agradecer aos meus pais, porque realmente ele nos ensinaram o caminho que nós devemos andar. Então, eles são grandes responsáveis por termos virado assim, interessadas em fazer a obra de Deus, e eles que nos deram a base, mas é claro, que depois fomos crescendo, e fomos conhecendo mais a palavra de Deus e Ele foi transformando as nossas vidas, é claro, que, hoje eu agradeço muito a Deus, por eles terem tomado essa decisão de vir pra cá, porque realmente eles cumpriram o propósito de Deus na vida deles, que acabou também se refletindo na nossa. Eu creio que Deus tinha esse propósito, esse plano pra família inteira, então, eu só tenho a agradecer a Deus e a meus pais.

Estes enxertos são bons exemplos como o aspecto da *sematicidade* se estrutura e

³⁰Por *sematicidade estruturante* entende-se a frequência com que uma palavra-signo circula no interior de um grupo, grande ou pequeno, coeso ou disperso, imprimindo sobre os membros várias formas de expressões relacionais de cunho social, cultural, psíquico ou espiritual.

³¹ Os destaques em *italico* são do investigador

vai sedimentando-se no interior da narrativa familiar. CX.P4 e CX.P5 são gêmeas, 21 anos, fazendo licenciaturas em áreas diferentes, e têm um plano de vida “traçado”: querem formar-se, trabalhar na sua área sem se desvincular da atividade missionária que, inicialmente, era exclusivamente dos seus pais, e que agora assumem como sendo também suas. Portanto, o que está em voga não é se este discurso é verdadeiro, ou se absorção do discurso não tomou aspecto de “consciência própria” na “criança” já adulta, mas a dinâmica intrafamiliar que sustenta a transmissão em uma semanticidade estruturada na *Escolha* – descrita como “propósito de Deus” - articulada com o signo (semiologia) *Missionário*, e, portanto, nesta articulação, nasce o “nós”.

O QSO visa oferecer uma visão da dinâmica das *palavras-signo* (semiologia) e da *semanticidade*. Desta forma, a semiologia (o “lugar” que a palavra-signo ocupa) e semanticidade (a dimensão de sentido que a palavra-signo apresenta) oferecem o suporte do que se evidenciou nos elementos psíquicos-sociais-espirituais, a partir da organização intrafamiliar.

A Tabela 1 apresenta os resultados da aplicação do segundo filtro às respostas à ESE³² mostrando a frequência de palavras-signos identificados.

Tabela 1.
Frequência acumulada das palavras-signos e a correspondência em percentagem.

Palavras-Signos	Frequência Acumulada	%
Missões	357	35,66
Chamado	288	28,77
Vivência	271	27,07
Futuro	85	8,49

Estes resultados parecem mostrar uma *ordem valorativa* presente na estrutura narratológica dos quatro signos estruturantes, em que (1) Missões ocupa o maior espaço na cena da dinâmica da família missionária como expressão da “*missiones ecclesiae*”, isto é, as missões da igreja sendo o “lugar”, dentro da cena, onde a chamada vai se ancorar, vai tomar sentido; pois a compreensão missionária jaz no entendimento de que o mundo é o teatro da atividade divina (Bosch, 2002), que se expressa na *Missio Dei*; daí a (2) a chamada é posta como sendo um privilégio em participar do empreendimento missionário: “*privilégio em fazer parte do projeto primário de Deus. Certeza de que primeiro fomos escolhidos pelo dono da missão*” (CS.P1). Por conta disto, a (3) *Vivência* vai ocupar o mesmo sentido da Chamada, desta forma, pode-se observar que na narrativa missionária, a Chamada é a parte teórica da Vivência, e a Vivência é a parte prática da Chamada, por isto, o termo renúncia surge na narrativa missionária como conceito intercambiante, e por conta disto, justifica-se porque o (4)

³² Cf. Anexo – 13- Consulta de Referência de Palavras – Segundo Filtro

Futuro ocupa menor espaço na cena da narratologia missionária, pois, “o futuro né, o futuro a Deus pertence” (CH.P2). Certamente que se observa uma preocupação com o futuro, sobretudo com o futuro dos filhos, todavia, ficou evidente que este futuro é totalmente submetido a um conceito chave presente na narrativa missionária: “Vontade de Deus” (“Propósito de Deus”).

A semanticidade foi analisada através das respostas das três questões do QSD, a partir dos constructos estruturantes: *Missionário*, *Escolha* e *Renúncia*. Para categorizar as palavras, utilizou-se o NVivo 10, e observou-se a frequência de palavras de modo a aceder à ordem de frequência; assim, considerando a articulação direcionada sob o paradigma triádico³³ (Gregori, 1999), foram escolhidas as três primeiras palavras com maior frequência de entre os três signos estruturantes (Missionário, Escolha e Renúncia). Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2.

Frequência e percentagem da semanticidade dos signos Missionário, Escolha e Renúncia.

Missionário	Escolha	Renúncia	Frequência	%
Renúncia			17	11
Obediência			10	6
Amor			8	5
	Decisão		7	5
	Responsabilidade		4	3
	Desafio		3	2
		Família	7	5
		Conforto	5	4
		Amigos	3	2

O que se observa é que a semanticidade dos três signos remete a *Atos* (atividade, ação). A semanticidade de *Missionário* está relacionada a *Atos* de incidência de *Internalização*, a semanticidade de *Escolha* está relacionada a *Atos* de incidência de *Projeção*, e a semanticidade de *Renúncia* está relacionada a *Atos* de incidência de *Construção*. Assim, faz sobressair é que *Renúncia* é tanto signo estruturante, que remete para família, conforto e amigos (é o que se renuncia), ao mesmo tempo que é o *signo circulante*, presente no *signo estruturante* *Missionário*. Assim, o termo *renúncia*, coaduna-se com o paradigma do sofrimento, que, por sua vez, está vinculado a conceito “Propósito de Deus” (“Vontade de Deus”). E este conceito - *Renúncia* - tem forte influência na formação de posturas psicossociais, tanto relacionadas às perdas como às conquistas.

Assim, os resultados da análise da semanticidade, parecem permitir concluir que a

³³ É uma abordagem com perspectiva ecológica e sistêmica, onde os elementos de articulação são considerados em conjuntos de três elementos ou fatores; em três direções de articulação: (1) dois concorrentes ou contraditórios e uma terceira em cooperação; (2) dois em cooperação e um terceiro em competição ou conflito (Gregori, 1999), (3) três operando de lugares diferentes ou tendo sentido diferente, porém, em cooperação visando uma unidade ativa. É uma abordagem utilizada nas mais diversas áreas (Battail, 2009; Brier, 2008; Hedenbro, Shapiro, & Gottman, 2006; Licciardone & Kearns, 2012; Volling, McElwain, & Miller, 2002)

família missionária se organiza intrafamiliarmente a partir de um sistema semiótico estruturado, em torno da espiritualidade que se centra no conceito de *vontade de Deus*: “Os meninos estavam no colégio. Ele já tinha ido deixar os meninos no colégio, quando voltou, a gente estava no café e ele lançou a proposta. Eu naquela hora, ali, é claro, que fugiu um pouquinho a terra dos pés, né, porque eu não esperava aquilo assim, de repente. Mas eu disse pra ele, **se for da vontade de Deus**, as coisas vão acontecer. E uma das provas que eu pedi pra Deus, era se os meninos aceitasse de bom grado porque...” (FT.P1). “É eu, todos os dias da minha vida, assim eu acordo, pastor, e eu falo pro meu esposo que nunca senti tão bem, tão feliz de tá aqui, **no centro da vontade de Deus**, embora a gente enfrenta muitas dificuldades muitos...” (RR.P1).; “a **dependência de Deus** foi fundamental, pra mim estabelecer o chamado como prioridade, assim não tive nenhuma dificuldade em lidar com as demais coisas” (OL.P1); “ao ouvir e **discernir a vontade de Deus**, comprovei que o chamado do Pai e, conforme a Sua orientação, era o mais importante em minha vida e **que era de máxima prioridade**, a fim de que o nome do Pai fosse glorificado” (TV.P1).

Ademais, no QSD, foi introduzido um campo que teve como objetivo identificar como a família se percebia a si mesma simbolicamente. Pedia-se ao participante que atribuísse um “nome fantasia” à sua família. Verificou-se através da análise categorial das respostas a esta questão, que 7% usou expressões de sentimentos (e.g., alegria, vida linda), 15% usou expressões de contexto (e.g., família missionária, rocha), 24% expressões de cunho bíblico (e.g., Boanerges, na Graça), 15% expressões que denotam ação (e.g., aventureiros, corajosos), 15% expressão de humor ou sátira (e.g., família Buscapé, grande família), 20% outros sobrenomes (e.g., Silva,) e 5% não responderam. Sendo que (1) *Expressão de Sentimento* – como o nome da categoria indica, são expressões que denotam sentimentos; a (2) *Expressão de Contexto*, diz respeito a expressão que aponta para atividades ou ações dentro do contexto da ação missionária; (3) por sua vez a *Expressão de Cunho Bíblico*, diz respeito a expressão que remete ao texto bíblico; já a (4) *Expressão que denota ação*, diz respeito um ato, uma ação; (5) *Humor ou Sátira*; (6) *Outros sobrenomes*, quando usou outro sobrenome que não o da família; e por fim tem os que (7) não responderam.

Considerando que o grupo investigado lida diretamente com o texto bíblico como ferramenta de trabalho, é justificável que o resultado de 24%, o maior índice, tenha sido para expressões de cunho bíblico, pois, neste sentido, o texto bíblico faz parte do dia a dia. No entanto, três outras categorias chamam atenção. Primeiro, se esperava que a categoria de expressão de contexto fosse mais expressiva, pois está dentro do mesmo sentido que a expressão bíblica, ou seja, os membros das famílias estão dentro de uma atividade; a outra é o fato que as famílias usaram nomes de outras famílias que não a sua, o segundo maior índice (20%). Foi obtido através dos resultados das respostas à FACES III um indicativo contextual que aponta a possibilidade de grande parte das famílias corresponderem ao tipo estruturado-

rígido. Ora, esta postura simbólica permite concluir que no entendimento destes participantes, a família é o que é, e como tal, tendo-se pedido um nome fantasioso, o nome de outra família talvez lhes tenha parecido o que melhor as simbolizaria. Quanto a terceira observação, diz respeito ao índice de 15% para expressões de humor e sátira, o que, se por um lado, pode estar associado ao caso das famílias flexíveis, pode, assim, ser indicativo de uma ação catártica. Em todo caso, o que se pode dizer dos resultados é que, quanto ao sentido simbólico que atribuem a si mesmas, as famílias investigadas demonstram diversidade.

3.3 - AS INFLUÊNCIAS NA RELAÇÃO INTRAFAMILIAR.

Este tópico visa responder a um dos Objetivos Específicos do estudo, ou seja, explorar de que forma a opção pelo trabalho missionário transcultural influencia a relação intrafamiliar; onde se faz a leitura do *fenômeno investigado*: a **dinâmica intrafamiliar**, que a seu tempo está intrinsecamente relacionada ao **comportamento**. O papel de missionário é atravessado por atos, por comportamentos que, antes de tudo, se inserem dentro de um contexto social e cultural, ainda que a base e origem da narrativa sejam de matriz religiosa/espiritual. Foi possível observar que as influências acontecem em estruturas, que se fazem refletir por toda tessitura da estrutura da dinâmica familiar desde 1) as dinâmicas de Adaptação e Coesão; 2) a dinâmica da aculturação interna; 3) a manutenção financeira.

3.3.1. Dinâmica na adaptação e Coesão.

Sistematizam-se aqui os resultados da resposta de 25 dos participantes, a FACES III incluindo 11 famílias representadas, pelo menos, por casais. A adaptação e coesão ficam submissas à dinâmica familiar, e o que pode determinar a estabilidade ou não é uma série de fatores produzidos, oriundos do espaço social, quer na sua dimensão microssistêmica, quer na sua dimensão macrossistêmica. Assim, uma provável identificação de um “*movimento*” no interior da dinâmica familiar, só é possível por meio de um acompanhamento sistemático (via psicoterapia, por exemplo). Mas, para efeito de uma análise de resultados, no contexto desta investigação, como perceber a possibilidade deste movimento? Na análise pontual entre o *atual* e o *ideal*³⁴. Assim, de acordo com os resultados desta investigação, este “movimento” – do atual para o ideal -, feito apenas por membro da família, não produz deslocamento, como por exemplo, uma família extrema, do tipo rígida-aglutinada, deslocar-se para a posição balanceada, do tipo estruturada-conectada.

Assim, conclui-se que, de fato, o que acontece é um movimento *do membro* da família, um ou outro, mas, este movimento não é suficiente para produzir um deslocamento da família como um todo. Como se observa³⁵ na figura 4, tomando a família CH³⁶ como exemplo, o

³⁴ Anexo 9 – procedimento para aplicação da FACES III.

³⁵ Cf. Anexo - 14 – Figura 4 – Tipos De Famílias - Por Pessoa.

³⁶ Visto que o fenômeno é o mesmo para todas as famílias, conforme descrito para o exemplo com a FAMÍLIA-CH

movimento é somente do P2. Como no estado “atual” os dois (P1 e P2) estão na mesma posição, é possível que a visão que P2 tem da família não exerça influência sobre P1; destarte, considerando que há uma *narrativa de transição*, onde a figura patriarcal assume um lugar de decisão, seria possível, então, haver um movimento por conta da dominância do gênero masculino no contexto das famílias representadas nesta investigação. Por outro lado, as variáveis socioculturais influenciariam diretamente este “movimento”. Portanto, na maioria dos casos, os participantes parecem mostrar-se satisfeitos com o estado “atual” das suas famílias.

No entanto, mesmo com este movimento individual, a família mantém-se funcional. A questão que fica é: O que faz com que a pessoa realize este movimento em prol da família? Será a resiliência? Será a força sónica do sistema semiótico – renunciar, morrer, humildade, perdão, crucificar, ganhar, perder, etc - que perpassa a convivência familiar, e termina por determinar esta dinâmica? Parece haver fortes indícios de que este movimento aconteça, e que o mesmo mantenha a dinâmica familiar, todavia, para perceber que recursos são usados pelas pessoas dentro deste movimento na dinâmica familiar, são necessários esforços adicionais de investigação que permitam identificar melhor os mecanismos de homeostase sistêmica que operam nestas famílias.

Ademais, por conta da força ideativa, a família ideal é sempre um “*porvir*”, sempre será “apenas” uma possibilidade. Desta forma, quando se observa o movimento entre a **família atual** e **família ideal**, não se pode afirmar que as famílias *atualmente* vivem uma “farsa”.

Quanto a família ideal (como gostaria que fosse), devido ao seu caráter ideativo, faz pensar no seguinte: o *movimento* do atual para o ideal pode ser uma ferramenta psicossocial útil para se pensar a dinâmica da família atual? No sentido fenomenológico, em que a existência é pensada como um processo, e que, o desejo ideativo (“*porvir*”) seja lido como um evento da condição psicológica e social da pessoa, em que o ideativo faça refletir sobre o atual, parece que sim. Desta forma, pensar em uma família ideal, serve de caminho para dinamizar, de uma forma ou de outra, a família atual.

Quanto a média das famílias na dimensão o que a **família é (ATUAL)**, os resultados mostram que a maioria das famílias são do tipo Estruturadas-Conectadas com 28%, sendo que do tipo Rígidas-Aglutinadas, Flexíveis-Aglutinadas, Rígidas-Conectadas e Estruturadas-Aglutinadas corresponderam a 18%, respectivamente. Se atribuímos às famílias que estão na posição Estruturada e a Flexível o conceito de funcionais, conclui-se, então, que no grupo investigado, 64% das famílias são funcionais.

Já quanto a dimensão como gostaria que a **família fosse (IDEAL)**, acontece uma variação, em que 28% são *Rígidas-Conectadas*; e Rígidas- Aglutinadas, Estruturadas-Conectadas, Estruturadas-Aglutinadas e Flexíveis-Conectadas com 18%, respectivamente; mantém-se os 64% dentro do possível conceito de funcionais. A figura 5 – conforme anexo 16

- apresenta a classificação (quanto ao tipo) das famílias que participaram no estudo³⁷.

O manual de avaliação³⁸ (Modelo Circunflexo)³⁹ da FACES III diz que qualquer um dos dezesseis tipos de famílias são aceitáveis, se todos os membros da família desejarem o mesmo tipo específico. No entanto, nos dezesseis tipos de família, as do tipo **balanceadas**, que na grelha de análise, conforme figura 6 (no anexo 15), encontram-se nos quadrados no meio (n.º 6, 7, 10, e 11) apontam para as famílias mais equilibradas; as famílias que se encontram nos quadrados **médios** (n.º 2, 3, 5, 8, 9, 12, 12, 15), indicam Famílias com perfil na média, em relação às equilibradas e aquelas que estão nos extremos. Os quadrados que representam famílias **extremo** estão nos cantos (n.º 1, 4, 13 e 16), representando os extremos de Coesão e adaptabilidade.

Quanto à posição (balanceada, mediana e extrema) as famílias que participaram desta investigação podem ser consideradas como famílias com boa adaptabilidade e coesão, visto que 36,5% estão dentro da posição balanceada, ou seja, famílias consideradas mais equilibradas, 36,5% dentro da mediana e 27% dentro da posição extrema.

3.3.2. Dinâmica da Aculturação Interna.

Percebeu-se que a questão da aculturação é um processo que influencia a dinâmica intrafamiliar; e neste sentido, a influência acontece a partir do contato que os membros da família têm com a cultura no país de acolhimento, e o resultado do processo de interação de cada membro da família com a cultura local é partilhado no dia a dia da família, positiva ou negativamente. O participante RR.P1, falando das dificuldades que a filha estava tendo na escola, diz: *“Então, assim, já chegou dias dela chegar em casa em prantos, chorando, já chegou dias dela ir dormir chorando e falando que quer ir embora pro Brasil”*. Observa-se que a aculturação demanda um investimento de cada membro da família em relação à cultura do país de acolhimento, mas, ao mesmo tempo, a cultura do país de acolhimento constitui-se em um novo material que a família terá que fazer novos investimentos psicossociais para aculturar-se internamente.

A família ao deparar-se diante de um novo quadro cultural, vê-se, também, diante de uma série de novos eventos que vão requerer novos arranjos dentro da vida interna da família. A família estrangeira tem um ritmo doméstico marcado pela sua identidade cultural nativa, e, ao ser exposta à uma nova cultura, este ritmo tende a sofrer alterações visto que esta família está, diariamente, de uma forma ou de outra, exposta aos processos sociais e culturais da cultura do país de acolhimento. Esta relação provoca profundas tensões, e a família tem que encontrar formas de fazer a gestão destas tensões:

Eu acho até que, na minha cabeça, eu pensava que eu ia chegar e tudo ia acontecer rapidamente, eu ia chegar e a igreja ia encher rapidinho, eu achava

³⁷ Cf. Anexo – 16 – Figura 5 – Média por Família.

³⁸ Cf. Anexo – 9 – Procedimento para aplicação da FACES III

³⁹ Cf. Anexo - 15 – Figura 6 – Modelo Circunflexo

que tudo ia acontecer rapidamente e não foi. E a gente teve que esperar, a gente teve que ali, perseverar, então, eu acho que o mais difícil foi essa fase... Ah, eu sentia falta de muita coisa. De comida. As vezes, sentia falta dos gostos das carnes, eu achava diferente, a maneira mesmo de preparar o arroz, ficava diferente eu tinha dificuldade do arroz ficar parecido com o de lá, parecia que o arroz era diferente (risos), eu achava que tudo era diferente. Os legumes eram diferentes, tudo era diferente. Eu achava que o gosto nunca era igual os de lá, e os alimentos que eu, né, por exemplo, o leite em pó, eu consumia o leite em pó constantemente e eu tive dificuldade de me adaptar com leite de caixinha (risos), aqui é raro você ter, até tem leite em pó, mas num é. Algumas coisas assim, do dia a dia, que eram coisas pequenas, que hoje eu vejo que não é nada, por isso, vejo que é a capacidade que a gente teve que Deus nos deu, né, de superar isso, de isso não me incomodar e a mudança não ser tão difícil assim. (CH.P1).

Este enxerto é da fala de uma missionária (CH.P1) residente em Portugal. Nela é possível observar alguns elementos presentes quanto a questão da aculturação interna. Observe-se que o estranhamento circula entre comportamentos que podem ser considerados simples, como assistir televisão, até questões mais complexas, como a comunicação. Este exemplo mostra que a aculturação interna é uma necessidade na vida da família missionária no sentido que ela produz um tipo de “assentamento” cultural que produz uma segurança psicológica, ao tempo que serve de base para aculturação externa.

3.3.3. A manutenção financeira.

Sobre a manutenção financeira, obteve-se os seguintes resultados: 1) integral, por tempo indeterminado 41% (17); 2) integral, por tempo determinado 12% (5); 3) parcial, por tempo indeterminado 27% (11); 4) parcial, por tempo determinado 2% (1); 4) apenas apoio esporádicos 5% (2); 5) não respondeu 12% (5). Foi possível observar um tipo de “blindagem institucional”, no que diz sobre a manutenção, pois, 41 (%) afirmam que o sustento é “suficiente”, mas, isto apresenta uma certa contradição, quando afirmam que, por exemplo, a saúde fica na mão de Deus, e o lazer é algo que não faz parte do projeto de vida da família.

A questão do QSD sobre o *financeiro*, explica que o sentido de SUSTENTO INTEGRAL diz respeito se o valor recebido corresponde a todas as necessidades da família missionária (habitação, água, luz, comunicação, alimentação, vestuário, saúde, transporte, educação, lazer, férias e fundo de aposentadoria). O participante RR-P1, responde: “Se tratando de apoio material, financeiro, eu diria que ele, **ele é o suficiente**, né, **dentro das nossas necessidades**”. E quando perguntado sobre outros objetivos pessoais no plano familiar, acadêmico, profissional, de lazer, etc, para além dos que se relacionam com o trabalho missionário, especificamente em relação ao lazer, ele responde: “E lazer a gente faz pouco, é pouco, porque tem as **limitações que eu diria financeira**, né, elas, **elas nos limitam muito a, a lazer e a outras...**”. Outro participante – FT-P2 – afirma categoricamente: “Sim, o apoio eu diria total”, mas os filhos tiveram que voltar para o país de origem, porque, “dentro da realidade financeira, **não havia** como darmos continuidade a vida escolar deles, com eles cá”.

O entrevistado CT.P1: “Ah, vamos tirar o piso, vamos tirar o apartamento, porque já mora na igreja, ah, o missionário se acomoda na igreja, não tem problema nenhum, vamos cair isso aí pra uns setecentos euros, seiscentos euros, tá bom? E quanto que chega isso hoje, pastor? É esse valor? Não, não é esse o valor. Qual é pastor, o valor? Não. Prefiro não comentar, mas **não é esse o valor**” (CT.P1); “na verdade, num foi nada fácil, porque na realidade, nós vivíamos em um campo missionário, **a situação financeira muito caótica, triste, e sofremos muito**” (BS.P1).

Observa-se que existe um tipo de proteção, de “blindagem institucional”, o que aponta para a questão da vinculação institucional manter-se em 88% dentro do grupo investigado. Assim, ficou evidenciado que o “*apoio total*” que os missionários recebem não tem como parâmetro a “*realidade da necessidade da família missionária*”, mas a “realidade financeira do enviado” (igreja, agência ou convenção). Mas, o que pode haver, para que haja tanto receio e falar claramente sobre o assunto? Por que não expor o assunto, via da realidade e expressão da necessidade, e provocar o debate público? Haverá uma sombra persecutória?

3.4 - ELEMENTOS PSÍQUICOS-SOCIAIS-ESPIRITUAIS.

Este tópico visa responder a um outro Objetivo Específico que consiste em identificar quais os elementos *psíquicos-sociais-espirituais* presentes na (re)construção das representações subjetivas do ser “*Família Missionária*”, o que inclui (1) aculturação externa, (2) renúncia, (3) distanciamento dos familiares.

3.4.1. Aculturação Externa.

A família missionária, como pessoas em processo de migração, está exposta a todas as questões de aculturação externa, não obstante à rede de apoio que, pelo menos teoricamente, é formada no sentido de garantir o processo de mobilidade. Assim, a aculturação, para fins desta investigação, é vista sob uma perspectiva singular: como a família se percebe a si mesma em terra estrangeira e como ela faz a leitura sobre o olhar dos residentes no país de acolhimento, visto que a questão da aculturação é um tema que requer um desdobramento muito aprofundado.

De resto, há uma ampla gama de estudos que mostram este desdobramento (Berry, 1997, 2001, 2005, 2008; Berry, Phinney, Sam, & Vedder, 2006; Betancourt & Lopez, 1993; Bourhis, Moïse, Perreault, & Senécal, 1997; Cabassa, 2003; Chen, Martínez, & Bond, 2008; Flannery, Reise, & Yu, 2001; Lalonde & Cameron, 1993; Navas, et al, 2005; Padilla & Perez, 2003; Rudmin, 2003; Ryder, Alden, & Paulh, 2000; Sam & Berry, 2005; Schwartz, Unger, Zamboanga, & Szapocznik, 2010; Sue, Bingham, Porche- Burke, & Vasquez, 1999; Tadmor & Tetlock, 2006; Ward & Rana-Deuba, 1999; Zanella, 2004)

A mobilidade humana, de forma intercultural, é um fenômeno que remete à própria condição social e cultural do ser humano. A Psicologia Cultural mostra que dentro do processo

migratório, a aculturação é um dos fatores que demanda uma série de questões com fortes e complexos contornos psicológicos e sociais, onde há vários processos que fazem emergir níveis de estresse tão intensos que superam a própria capacidade da pessoa de adaptar-se (Franken, Coutinho, & Ramos, 2012). Portanto, a aculturação é um processo multifacetado que implica em questões diversas, onde há uma série de demandas:

Há uma gama de fatores que medeia a relação entre aculturação e estresse, como o modo de aculturação, fase de aculturação, natureza da sociedade majoritária (se é, por exemplo, assimilacionista, preconceituosa e discriminatória), políticas públicas com relação aos grupos em aculturação na sociedade (acesso à saúde, moradia, educação, direitos políticos), apoio social de redes sociais, idade e *status* social, características do indivíduo, tanto cognitivas, como a avaliação e formas de enfrentamento, o sentimento de controle cognitivo sobre o processo de aculturação (DeBiaggi, 2008, p.167).

Considerando o propósito e foco que faz com que uma família missionária desloque-se do seu país de origem e faça um movimento de entrada em outra cultura, o sentido de “aculturação” precisa ser bem demarcado. O primeiro entendimento é que esta aculturação é gerenciada em torno de uma *visão litúrgica*, onde todo esforço será no sentido de transmissão de valores religiosos sob o prisma da pregação do evangelho; segundo, terá uma linguagem específica, terá um discurso direcional.

Aculturação é definida como “a fusão de duas culturas diferentes que, entrando em contato contínuo, originam mudanças nos padrões da cultura de ambos os grupos” (Marconi & Presotto, 2001, p.65). Esta definição precisa ser entendida com maior clareza. Em primeiro lugar, deve se levar em consideração o sentido de “fusão” de anulação de dois diferentes para surgir um novo “uno”; em segundo lugar, ter-se em conta que “contato contínuo” não significa continuidade sem intermitência, é um contínuo com grande relatividade, pois, é sempre mediado por uma gama de eventos que o sentido de “contínuo” deve ser entendido como um dos processos no contexto do contato social.

Desta forma, a aculturação, a partir do entendimento produzido por esta investigação, diz respeito ao processo de vivência no sentido de assimilar, da forma mais efetiva possível, os *modus vivendi* e *operandi* da cultura de acolhimento, de forma que produza, minimamente, elementos comunicacionais que permitam a interação.

Mesmo os missionários (brasileiros) que vivem em Portugal, e que, teoricamente, aos quais seria mais fácil a adaptação linguística, a investigação mostra que não acontece desta forma. A língua portuguesa, de forma alguma, é um elemento de “unidade cultural” em relação aos brasileiros. É o que se pode observar na fala de CH.P1, que trabalha em Portugal:

Quando a gente chegou aqui, mudou a nossa rotina de vida, era alimentação, era tudo era diferente. Às vezes, coisas mínimas que a gente nem se dava conta que era tão natural no Brasil, a gente chegava aqui, a gente estranhava, que era ligar a televisão e não era mais o jornal nacional, era (risos) uma coisa que eu não sabia direito o quê que era, então, era tudo diferente que muitas

vezes 50% do que se falava eu não entendia⁴⁰, e das coisas mais simples, até as coisas mais importantes, que era até a gente ter um povo conosco, né, a gente ficou durante muito tempo vindo pra igreja e não tinha ninguém, e era nós dois, então, eu acho que a fase mais difícil foi o chegar.

Já a fala de BS.P1 e de CT.P1 que trabalham em Espanha, também coloca a aculturação, neste caso a linguística, como um processo que tem um custo muito alto:

*É comida estranha, **idioma estranho**⁴¹ né. Adequar a uma vida totalmente diferente das suas raízes, nos custou muito, nos custou muito, mas muito mesmo, até nós adaptar ao costume do país, as regras do país, as leis do país, a levar o projeto missionário, a enquadrar dentro das leis do país, das regras do país, tudo isso nos custou muito, ainda continua nos custando, né. (BS.P1).*

*Até pelo fato da gente está praticando, né, começando a praticar o espanhol, casteliano, e talvez eles entendem isso solto e reproduz isso de uma forma totalmente... não foi isso que eu quis dizer. Irmão você **entendeu tudo errado**, e aí **vira uma confusão** (CT.P1).*

Os dados sobre *como entrou no país de acolhimento*, mostram que a maioria entrou com visto de turista (56%), a interpretação destes dados pode seguir vários caminhos, mas, diante do que relatam os participantes, pode se concluir que, considerando o objetivo da entrada – *o estabelecimento do culto religioso* – além de criar um conflito ético, também evidencia um sofrimento:

Isso causou um certo, uma certa tristeza, pois, foi preciso perdemos, entre aspas, dois anos, dois anos para que o cidadão missionário, não fosse apanhado em falta; dentro das normas, as normas bilaterais, não é, na questão do título de residência, a nossa legalidade, quer dizer, vivi, por falta dessa tal informação eu e minha família vivemos dois anos e tivemos que fazer todo o esforço para dentro dessa nossa possibilidade, sairmos dessa situação de ilegais, para podermos desempenharmos o papel missionário mais à vontade, como cidadão legalizado (FT.P2).

Tinha dia que eu ficava preocupada, que sabia que os meninos estavam expostos na rua, sem documentação, eu temia que, sei lá... tivesse alguma coisa com eles, assim, e eles não tivesse o apoio por não serem legalizados, né, e isso, foi muito difícil pra nós, foi uma coisa que se...(FT.P1).

Os relatos mostram que todas as famílias que entram no país de acolhimento com visto de turista, depois tiveram muitas dificuldades para regularizarem-se como residentes. Assim, no contexto do processo migratório a que as famílias missionárias estão expostas, a situação de ilegalidade, proposital ou não, produz sofrimento psíquico, como apontam as investigações sobre processo migratório e saúde mental (Franken, Coutinho, & Ramos, 2012; Monteiro, 2008; Pussetti, 2009; Dias, 2007); e que, no caso das famílias missionárias investigadas, os fatores estressores oriundos da ilegalidade, tendem agravarem-se pela narrativa da *vida exemplar*. “nós temos que fazer a diferença, nós temos que ser exemplo” (CH.P2); “a gente tem que viver sempre pensando e fazer aquilo que é certo, aquilo que

⁴⁰ O destaque é do investigador

⁴¹ O destaque é do investigador

agrada a Deus e nem sempre aquilo que a gente quer fazer” (CH.P1). Assim, o resultado aponta para a necessidade de que os órgãos emissores (igrejas, agências e convenções) estejam atentos para este fator, no sentido de preservar a qualidade de vida das famílias quando do envio para o campo missionário; por outro lado, indica que requer uma maior conscientização das famílias que se dispõem a ir ao campo missionário, no sentido de reverem todos os detalhes legais que envolvem a entrada em um país de acolhimento, a fim de evitar a exposição desnecessária às situações estressoras.

Quanto a *situação atualmente como se encontram junto a Autoridade de Migração e Fronteira*, considerando a forma como entrou, conclui-se que as famílias buscam a regularização, pois, 27% naturalizaram-se, 2% estão em processo de naturalização, 54% têm autorização de residência, 15% em processo de legalização, 2% não respondeu. Os dados apontam para o fato de que 98% dos entrevistados, a partir do recolhimento dos dados, encontram-se em situação legal no país de acolhimento. Todavia, convém observar que 22% declaram que entraram no atual campo missionário entre 1991-2000, 51% entraram entre 2001-2010, e 27% entraram entre 2011-2014; assim, se juntarmos os períodos 1991 a 2010 teremos 73% entre 23 e 4 anos de permanência no atual campo, o que justifica este índice de 83% como estando legais. Os 15% corresponde a três casais, os quais encontram com visto de turistas, sendo que um casal entrou em 2012, outro 2013 e outro 2014; considerando o ano 2012, o tempo de resolução da legalização dura mais de um ano.

Outra questão diretamente ligada à legalidade é o acesso à rede de saúde, pois, está legal não significa, necessariamente, acesso imediato e universal à rede de saúde. Desta forma, quando perguntado *se tem plano de saúde internacional*, 34% têm, e 66% não têm; e se tem seguro de vida, 44% têm, e 56% não têm. Estes dados revelam que mais da metade do grupo investigado está exposta a uma situação de risco no que diz respeito a algum tipo de amparo num momento de necessidade relacionado diretamente ao atendimento de saúde. E, portanto, como indicam algumas pesquisas - já citadas -, o processo migratório, em muitos sentidos, pode constituir-se como um fator de risco para a saúde de forma geral. A família missionária não foge à estas e outras demandas, está diretamente exposta, na condição de estrangeiro.

3.4.2. Renúncia.

A renúncia pertencente a meta-cadeia s3gnica da constitu3c3o subjetiva da viv4ncia mission3ria; foi identificada como sendo uma das a3c3es mais significativas e representativas da atividade mission3ria, visto que ela perpassa de forma extremamente significativa todas as inst3ncias da experi4ncia espiritual. O cont4udo missional de base b3blica sobre a ren3ncia 4 extremamente volumoso, e, para que o tema tivesse a sua sustentac3o te3rica, foi devidamente abordado no enquadramento te3rico, no t3pico 1.2.2. *De que lugar escolhe o Mission3rio: Cri: por isto escolhi*. Fica evidente que esta ren3ncia 4 percebida pelo mission3rio,

no contexto familiar, a partir do lugar bíblico do *negar a si mesmo e tomar a cruz a cada dia*, como fator estruturante da dinâmica da vida familiar quer em contexto missional ou não.

Os dados evidenciam que a escolha missional fortalece o discurso em torno da renúncia, sendo esta escolha, esta vivência, relatada como sendo privilégio, não obstante, “ter que abrir mão de”. Este privilégio é posto em perspectiva existencial: “*mas esse é um chamado que arde em nós, se nós não fizermos isso, a sensação é pior do que, por exemplo, qualquer sofrimento que nós estejamos passando por causa de que isso é um preço exigido, é renúncia*” (CX.P3); “*assim, Deus não dá o gigante maior do que você não possa derrubar. Cada um tem o seu gigante, cada um consegue, não na sua própria força, mas no poder de Deus, derrubar o seu gigante, no caso, enfrentar os desafios e vencer. E quando a gente resolveu no nosso coração de ser um missionário, assim, não foi fácil, porque requer renúncia, a gente tem que abrir mão de muitas coisas e...*” (CH.P1). É na renúncia onde o “sofrer por Cristo” é ambientado. Esta renúncia, sedimentada no sacrifício, é recebida não como obrigação, mas como sentimento da vocação: “*No nosso caso, estamos no sacrifício, não por uma obrigação, mas por um sentimento de vocação, porque se nós quiséssemos, nos bateu a saudade, quero voltar amanhã, iríamos embora. A própria igreja entenderia isso...*” (FT.P2).

O ser humano é, naturalmente, um ser estrutural, no que concerne a sua presença como espécie diferenciada dos demais seres vivos. Nos diversos aspectos diferenciadores que situam o ser humano na vivência dentro dos diversos sistemas (do cronossistema⁴² ao microsistema, conforme Bronfenbrenner, 1996, 2005), um fundamental é a sua capacidade de fazer escolhas. O processo decisório, e, portanto, a necessidade permanente de ter que escolher, insere o ser humano no reino da angústia: é uma condenação imposta pela liberdade (Sartre, 1997). A liberdade permite a escolha, mas não se escolhe sem angústia. O homem de fé, como foi Abraão, é um homem condenado à angústia. Embora não podendo afirmar, num sentido absoluto, que a angústia seja um fenômeno essencialmente humano, pois, em certo sentido, seria negar a existência de outros seres vivos comprovadamente inteligentes, todavia, parece ser essencialmente humano a angústia racional, pois, esta é uma *angústia por consciência*, que vincula o ser humano à sua condição de ser para morte.

3.4.3. Distanciamento dos familiares.

O *distanciamento* familiar (Truzzi, 2008; Ahmed, 1999), no contexto do processo migratório, é a realidade imposta a qualquer pessoa que vivencia este processo, quer seja acadêmica, profissional ou religioso. O processo migratório, entre outras dinâmicas, tem no estresse um dos elementos que provoca algum grau de sofrimento nos membros da família.

⁴² É o **Tempo**, ainda que visto na dimensão do *chronos*, ele se insere numa dimensão do *kairos*, onde envolve os padrões de movimento de acontecimentos ambientais e as transições ecológicas no decurso da vida, implicando por conta deste tempo indeterminado (*kairos*) de cada um, pela condição ontológica de cada ser humano, caracterizado pelos efeitos criados pela passagem do tempo ou pelos períodos críticos do desenvolvimento humano

Por conta disto, há um número expressivo de investigações sobre processo migratório, estigmas, identidade, e saúde mental (Corrigan, 2004; Coutinho, Rodrigues, & Ramos, 2012; Lopez & Guarnaccia, 2000; Markus & Kitayama, 1991).

Os resultados obtidos indicam que a família missionária está exposta a variáveis que envolvem o processo migratório, e, entre estes, como foi apontado, o distanciamento dos familiares que foi mesmo apontado como um aspecto negativo da atividade missionária: “*é a distância, entendeu, não só geográfica, linguística, mas assim, nós sentíamos, eu acho, eu sentia mais sozinha lá*” (CS.P2); a “*distância com os demais membros da família que ficaram em nosso país de origem*” (TV.P1) é classificada como uma perda.

Por outro lado, a especificidade da atividade missionária, consoante a natureza desta atividade, faz com que o exercício da atividade missional seja visto como estabelecimento de uma nova família: “*se calhar, existe uma família agora, a igreja é uma família também que a gente criou, é e isso é muito bom, a família de Cristo, aonde há pessoas aqui que são arraigadas na videira porque justamente por causa desse projeto que Deus fez através dessa família que veio do Brasil*” (CX.P1). Esta nova “família em Cristo” ajuda a minimizar o sofrimento produzido pelo distanciamento da “família natural”. Este sofrimento é minimizado por conta que a família se estrutura, significamente, a partir do conceito de *vontade de Deus*, e este sistema sógnico é presente em todas as instâncias da vida familiar; e no que diz respeito ao distanciamento, é gerenciado dentro desta dinâmica sógnica:

Faltava uma pessoa que eu achava que também ia ach... era a minha mãe. Porque minha mãe, era uma pessoa que todo dia eu tava na casa dela, que tudo era comigo, tudo, tudo, e a minha irmã, que a gente estava dando um apoio pra ela, que tinha perdido o esposo e a filha num acidente. E nós foi que demos toda a assistência pra ela, e meu menino, praticamente, foi ela que criou e era o único companheiro que ela tinha agora no momento” (FT.P1).

SB-P2, mostra outra de dinâmicas:

*Você passa solidão, desencorajamento, é processo de doença, no caso, minha mãe morreu quando eu tava indo pro campo, ou: voltando quando tive Maria Fernanda⁴³, eu tive que **lutar com o luto**, entendeu, mas o aprendizado da língua me ajudou muito, se eu não tivesse aprendido a língua nativa⁴⁴, eu não teria sobrevivido, não teria mesmo, você entra num.*

SB-P1 mostra a importância do ano sabático: “*Porque, sendo uma família missionária que havia sido deslocada do contexto de parentes, a gente um ano no Brasil, serviu pra que eles, de certa maneira se reconectassem*”. Observa-se nesta fala que os pais (no caso os avós das crianças) são os meios de manter os filhos “conectados” (pela narrativa) com os familiares, ainda que as crianças ainda não tenham tido nenhum contacto com estes familiares (estão desconectados deles enquanto crianças). Na narrativa o entrevistado SB-P1 usa o

⁴³ Nome fictício para preservar a identidade

⁴⁴ Suprimiu o adjetivo pátrio para evitar possíveis vinculações com a identidade do participante.

termo “reconectar”. O que indica que a distância é que faz a “desconexão”.

3.5. PERSPECTIVA INTRAFAMILIAR E O FUTURO.

Este tópico visa responder a um outro Objetivo Específico que é o de compreender, na perspectiva intrafamiliar, como a “*Família Missionária*” se projeta em relação ao futuro. A gestão de projeto futuro, no contexto da espiritualidade cristã, em certo sentido, pelo menos teoricamente, se sustenta sobre a perspectiva do peregrino e forasteiro, onde a morada permanente é a pátria celestial, contudo, não negam a condição de viverem no mundo dos humanos. Portanto, no contexto desta investigação, a gestão do futuro em relação ao projeto missionário não fugiu a este postulado, ficando evidente três categorias: 1) a missão nunca acaba; 2) o futuro dos filhos, 3) o desânimo e o desejo. Como a convicção da chamada e o fundamento da escolha missionária se firmam sobre a perspectiva bíblica e a experiência espiritual com contexto da vida cristã como um todo, naturalmente, o discurso se estrutura também a partir deste lugar.

3.5.1. A Missão Nunca Acaba.

Os resultados apontam que o “fazer missões”, como uma obrigação que implica a condição existencial e espiritual da pessoa, é uma ação que “nunca acaba”. Observa-se, pois, que é um dos elementos com base nos quais a família missionária projeta o futuro:

Então, eu acho que não vou chegar a ter como dizer isso: ter essa sensação de dever cumprido. Agora, por outro lado, a cada dia que se chama hoje, quando eu deito no travesseiro, eu tenho no presente essa sensação: ufa! Vou descansar, vou dormir. Cumpri hoje o meu papel como missionário, como cidadão, como ser humano, como servo de Deus, como pessoa. Eu acho isso pra mim, é diário” (RR.P1).

Outras falas seguem no mesmo sentido: “...agora no âmbito ministerial, missionário, missão só acaba quando a gente morre.” (CH.P2). “Missão aqui é todo dia. Ela se cumpre, mas se renova, nunca acaba” (CT.P2). “Os pais dela perguntaram: a minha filha, os meus netos... quando vocês pretendem voltar? Eu disse, não me faça essa pergunta. Ela me cutucou assim, ‘não fala pra minha mãe, ela vai sofrer muito” (P1). “Só na hora da morte” (CX.P1). “Mas nesse sentido, o retornar ao Brasil, pra Pátria se um dia o fizermos, seria em outro direcionamento, porque deixar realmente, é impossível, deixar a paixão de tá vendo o Evangelho pregado por todas as partes do mundo, não vai ter fim” (SC.P1).

Este inacabamento incide sobre a vivência da pessoa e que, se existe um término, é o término existencial da própria pessoa, e que assim, a teleologia missional é escatológica, dizendo de forma diferente, o fim da obra missionária é o fim de todas as coisas.

E esta missão que não acaba por si mesma, está relacionada à própria morte. O discurso religioso sobre o término da vida se estrutura a partir da crença na vida eterna. Assim, a vivência cristã, e, neste sentido, a missionária faz do tema da morte um capítulo dentro do próprio processo missional, e, desta forma, a morte é um chamado: “*Nós só podemos parar,*

quando Deus chamar nós. Agora vamos embora” (CX.P3.). Missões é vista como uma construção, um epitáfio, onde se escreve o epigrama “acabei a carreira e guardei a fé”: *então, essa noite pode ser a velhice ou pode ser a morte, mas enquanto estiver vivo, e a velhice pra mim vai ser o momento que eu vou poder descansar. Mas todos o que vierem me visitar, o meu testemunho de vida já é uma pregação, então, você não para de fazer a obra*” (CT.P1). Parece que há um olhar catártico para o envelhecimento missionário: “*Escrever livros e ministrar palestras e criar gado, galinha e cuidar de uma horta no interior*” (OL.P1). A relação com a vivência bíblica é existencial, assim se sustém no envelhecimento e proximidade da morte: “*Estudar a Bíblia e escrever*” (AV.P1). Este é um dos assuntos que perpassa a investigação em forma de sombra, ou seja, não há uma citação direta, mas, o sentido é percebido claramente no contexto das falas. Esta separação familiar, este distanciamento da família, se desdobra sobre a questão do envelhecimento e morte de familiares, nomeadamente dos pais: “*...minha mãe morreu quando eu tava indo pro campo, ou voltando quando tive Maria Fernanda⁴⁵, eu tive que lutar com o luto, entendeu, mas o aprendizado da língua me ajudou muito, se eu não tivesse aprendido a língua nativa⁴⁶, eu não teria sobrevivido, não teria mesmo, você entra num...*” (SC.P2).

A morte, como fenômeno à condição do ser vivo, está presente na vida da família missionária. O discurso religioso sobre o término da vida se estrutura a partir da crença na vida eterna. Assim, a vivência cristã, e, neste sentido, a vivência missionária, faz do tema da morte um capítulo dentro do próprio processo missional, e, desta forma, a morte é um chamado: “*Nós só podemos parar, quando Deus chamar nós. Agora vamos embora*” (CX.P3.).

3.5.2. Futuro dos Filhos.

Observou-se que o deslocamento do contexto cultural nativo produziu um discurso nos pais com um conteúdo de cuidado que reverbera as perspectivas do contexto cultural do país de acolhimento. Assim, a categoria “futuro dos filhos” reflete, primeiro, a questão do “sofrimento” vivenciado diante das dificuldades em ser família missionária, fazendo com que se assumam uma postura de proteção em torno do futuro dos filhos, focado sobre a questão dos estudos. Todos os participantes revelaram preocupação com o futuro dos filhos. No seu discurso, a educação é o fator determinante: As crianças tendo uma boa educação é sinal que terão um futuro seguro.

O participante SB-P1 deixa claro a preocupação com o futuro dos filhos: “*Mas o plano é esse, o plano futuro seria estar cá... se os meninos ficarem... se ficarmos aqui até que eles cheguem à fase adulta, é provável que eles estudem aqui, caso contrário, não iríamos para o terceiro, um próximo.*” E a participante SB-P2 reforça, afirmando: “*e a razão também que a*

⁴⁵ Este nome é fictício, o investigador substituiu para preservar a identidade do nome citado

⁴⁶ O adjetivo pátrio que caracterizava o país foi substituído por “nativa” para preservar a identidade do participante

gente saiu do país⁴⁷ foi pensando na educação deles.”

Percebe-se ainda que cuidar dos filhos é visto como parte da própria missão: *“No caso, a nossa filha que nós queremos que ela tenha uma formação, uma formação bíblica, uma formação pessoal que vai agradar a Deus e se a gente um dia, ver esse resultado de que ela foi bem encaminhada, ela foi, né, foi bem educada, foi bem direcionada, podemos assim dizer missão cumprida”* (CH.P2). *“Não, num foi fácil, porque na verdade estava em jogo... estava em causa muitas coisas e havia também muitas interrogações: com o que vai ser o nosso futuro, como que... as crianças ainda eram muito pequeninas, o Davi⁴⁸ com 9 anos as meninas com 6 é...”* (CX.P3). *Ela quer. Aos 12 anos ela tá assim: quero engenharia pra minha vida, e ela fala: mamãe, mas nas minhas férias é pra construir igrejas ou pra alguma coisa relacionada com a obra missionária. O coração dela tá assim, entendeu?”* (SC.P2). *“Então, assim, nós queremos que os nossos filhos estejam, se Deus os chamar pra obra missionária, nós, de maneira... apesar que o coração dessa aqui fica meio pensando...(riso)”* (SC.P1).

Em investigação com clérigos metodista, Ebert e Soboll, (2009) concluem que a preocupação com a educação dos filhos é uma das principais fontes stressoras na ocupação de clérigos, corroborando os resultados desta investigação.

3.4.3. O desânimo e o desejo: visão otimista do futuro.

Observou-se que a vivência missionária, no seu percurso como um todo, e isto inclui os projetos futuros, é sempre seguida de perto por fortes eventos de desânimo. O *desânimo*, como condição existencial do ser humano, faz parte do dia a dia das pessoas, no entanto, os seus aspectos psicossociais, são relativos, e vão depender de uma série de fatores, dos produzidos por contextos sociais e culturais até aqueles vinculados a questões filogenéticas. Este desânimo, em linhas gerais, apresenta-se como um tipo de “cansaço” (físico e mental).

Todavia, como se sabe, nem sempre o cansaço é resultado direto do stress ou do excesso de trabalho. No âmbito desta investigação, o que se observou, em relação ao desânimo, é que ele está relacionado ao processo relacional do missionário consigo mesmo, com o seu contexto no país de acolhimento e com o seu relacionamento institucional (igreja-convenção-agência): *“De que tá difícil. Que tem horas que, que... É que tem detalhes assim, que só quem vive e que sabe, que você olha pra um lado e olha pro outro, e dá vontade de retornar. Assim, o homem, o ser humano, né, dado ao próprio fato de não atingir ainda aquilo que se desejava e ao próprio fato de viver os pontos negativos, essa mistura aí, cria em você naturalmente, uma vontade de desistir, de voltar, do fracasso, entende? Meu Deus, será? Onde que está o erro? Você começa agora tentar a identificar onde está o erro, ou em você ou nos outros, nas suas atitudes, no seu modo de se comportar, de falar?”* (CT-P1). Por que não volta? Observou-se na narrativa que a vivência só faz sentido quando ela apresenta

⁴⁷ Foi omitido para preservar a identidade do participante

⁴⁸ Nome foi substituído para preservar a identidade do participante

perspetivas em relação ao futuro. Assim, o desânimo é, por esta via, suplantado pelo desejo de concluir a obra para a qual foi enviado, o que leva os participantes a encarar as dificuldades projetando de forma otimista no futuro os resultados dos seus investimentos no projeto missionário. Quando perguntado sobre o futuro e a obra missionária FT.P1, por exemplo, estabelece uma narrativa que tem o seu núcleo nas dificuldades, mas pode se observar um direcionamento para o campo da espiritualidade, e mostra o desejo em relação ao futuro “da obra” no sentido desta se sedimentar e ter “vida própria”:

E a confirmação de termos hoje uma igreja legalizada como igreja, e dentro desta legalidade, desta dinâmica de estarmos à vontade, vemos alguns frutos nacionais que já foram alcançados como resultado da atividade desta igreja, desta família, desta igreja, dentro do contexto missionário quer dizer almas batizadas, quer dizer, fazendo parte da membresia da igreja e até da direção da igreja como fruto de cargo. Fator negativo, eu não apontaria nenhum. Quer dizer, as dificuldades não podem ser vista como frustração, mas como experiência, então, pra nós, aquilo que parecia ser algo impossível, foi pra nós, uma experiência, a igreja tanto local como a igreja mantenedora estão a ver os resultados (...)A evolução, o crescimento espiritual, a maturidade cristã que as pessoas que estão a frequentarem a igreja, mostra. Já são os sinais, o equilíbrio, o crescimento, a maturidade cristã.

O “desânimo” foi caracterizado pela expressão “*não é fácil*”, ou “*é muito difícil*”, presentes na relação do missionário com o sofrimento. Desta forma, o desânimo está relacionado com o sofrimento e vice-versa. Assim, a permanência parece ser uma questão de honra que antecipa o futuro como expressão de vitória, como que saindo de um combate: “*a gente está perante Deus no juízo final e a gente poder dizer, né, combati o bom combate*” (CX.P4). A vivência é sempre uma projeção escatológica, no entanto, mesmo vivenciando momentos de ansiedade, desânimo, sensação de fracasso, nisto pode se observar que há um discurso positivo – isto é um indicativo de resiliência, *coping* religioso – sustentado pelo desejo, ou seja, a convicção da chamada: “*Quase nenhum dinheiro, pela fé mesmo. Foi muito difícil, mas o chamado falou mais alto*” (CX.P3); “*o maior desafio, é o apoio aos projetos - nunca aparecem...*” (CS.P1). A permanência é um processo da vivência, mas toda energia que a sustém é um projeto para o futuro, visto como “consumar a obra”, tendo em Cristo o grande exemplo: “*Mas é o grande exemplo de Jesus, quando Ele realmente consumou. Agora tá tudo consumado*” (CX.P1).

Dos principais elementos vinculados ao desânimo/sofrimento é a questão da legalização, e da autorização de residência: “*Tinha dia que eu ficava preocupada, que sabia que os meninos estavam expostos na rua, sem documentação, eu temia que, sei lá... tivesse alguma coisa com eles, assim, e eles não tivesse o apoio por não tarem legalizados, né, e isso, foi muito difícil pra nós*” (FT.P1). Observou-se também que as dificuldades financeiras estão vinculadas a questão do desânimo: “*Mas graças a Deus, por mais prova financeira que temos passado aqui, nunca faltou o pão na mesa. E o que a gente precisa aqui? A gente*

precisa morar e comer, né. No dia que não tem dinheiro... teve dia que não teve dinheiro que não pode levar o menino na escola que precisa pegar o metro. Ah, esse dia não vai à escola, ah, não passa nada. No dia seguinte fala: olha, infelizmente não tive condições de trazer o menino porque a situação financeira apertou e não tive condições de trazer. Então, é assim, eu não tenho porque mentir, não tenho porque dizer, ah, não, tava doente, não tava doente.” (CT.P1).

Assim, toda esta “resistência” posta na *vivência* se destina ao futuro, por isto, é possível perceber claramente esta relação entre o desânimo e o desejo como forças motrizes, que mesmo estando relacionados com a *vivência*, mas a sua ação se projeta para o futuro na narrativa do “acabei a carreira e guardei a fé”. Assim, o futuro, no processo da dinâmica da família missionária, parece se articular com a *vivência* do aqui e agora: “*Mas antes de voltar, eu gostaria de realmente de voltar com algo sólido, ou seja, como é isso, né? Mostre-me o trabalho das suas mãos? O que tem feito, não pra homens, mas pra Deus, não é, porque um dia... não é estrutura física que eu penso, porque Deus não vai lhe pedir estrutura física. Deus vai lhe pedir almas. O que tens feito?*” (CT.P1); “*os ministérios que desenvolvemos, nós conseguimos estabelecê-los e transferi-los pra mãos de nacionais*” (SC.P1). O futuro se concretiza na *vivência*, na realização.

CAPÍTULO IV
CONCLUSÕES^{49,50}.

⁴⁹ Cf. Anexo – 17 – Pistas para estudos futuros.

⁵⁰ Cf. Anexo – 18 – Considerações Finais.

O primeiro ponto a destacar prende-se com a **contextualização da chamada-escolha em ser Família Missionária**. A investigação respondeu ao objetivo geral, - *compreender de que forma a família dos missionários brasileiros em trabalho transcultural organiza da resposta intrafamiliar à escolha de ser família missionária* – afirmando que, com base na análise dos dados recolhidos, o grupo das famílias missionárias participante nesta investigação, organiza a resposta intrafamiliar sob uma meta-narrativa em que *a chamada missionária se firma na experiência espiritual*; esta conclusão é resultado da convergência da análise dos três elementos organizadores da resposta intrafamiliar à escolha em ser família missionária, que foram: (1) o *Significado e Sentido da Chamada*; (2) o *Paradigma do Sofrimento*; e (3) o *Sistema Semiótico*.

O segundo ponto conclusivo diz respeito à **Vivência Missionária**, que, no contexto da análise dos dados, se relaciona com as suas *influências na relação intrafamiliar*. Nesta dimensão a investigação respondeu a um dos objetivos específicos do estudo, ou seja, explorar de que forma a opção pelo trabalho missionário transcultural influencia a relação intrafamiliar. O G2 teve como pressuposto: **“um missionário e sua família, não obstante a sua experiência de fé, e suas convicções de espiritualidade, não se transforma em seres não-humanos”**. Observou-se, que mesmo que a escolha e decisão em ser família missionária se firme na experiência espiritual, esta experiência espiritual acontece no aqui e agora da experiência humana: *“não é fácil...”, “...tudo isso nos custou muito, ainda continua nos custando”*. Neste sentido, a investigação conclui afirmando que, mesmo que a decisão seja feita no âmago da convicção da experiência espiritual, os seus efeitos estão, inevitavelmente, associados à condição de ser humano. Foi, assim, possível observar que a escolha missionária produz ecos que se fazem refletir por toda tessitura da estrutura da dinâmica familiar desde 1) *as dinâmicas de Adaptação e Coesão*; 2) *a dinâmica da aculturação interna*; 3) *a manutenção financeira*. Quanto a adaptação e coesão concluiu-se que (a) há um “movimento” no interior da dinâmica familiar, embora só seja possível perceber este movimento por meio de um acompanhamento sistemático (via psicoterapia, por exemplo); (b) na dimensão “como a família é (atual)”, a maioria das famílias participantes são do tipo Estruturadas-Conectadas; (c) na dimensão “como gostaria que a família fosse (ideal)” enquadram-se mais no tipo Rígidas-Conectadas; (d) na posição balanceada e mediana enquanto posições funcionais, a dimensão atual corresponde a 64% dos casos, e a dimensão ideal corresponde a 54% dos casos.

Emergiram dos resultados um conjunto de constatações que importa sistematizar: (a) é do chão que fala o missionário e sua família, mesmo dizendo que ouve a voz de Deus do céu; (b) é na terra que vive o missionário e sua família, mesmo tendo esperança da vida eterna; (c) o seu código litúrgico não anula o seu código existencial; (d) os seus usos e costumes não alteram a dinâmica social e cultural; (e) mesmo considerando que a natureza

da escolha, no contexto do que diz a família missionária ser da ordem da espiritualidade, a decisão acontece dentro da estrutura familiar: um membro pode ficar empolgado para ir ao campo, outro pode ficar depressivo; um pode justificar suas razões para ir, outro pode resistir e ocultar suas razões para não querer ir; quanto a isto, o que foi possível observar é que há uma estrutura das “vozes”: ao homem cabe a palavra “final”, a esposa “onde tu fores irei”, e, às vezes, para alguns filhos a “resistência”: *“Subitamente minha filha de 17 anos levantou contra nossa decisão de viajar. E como mantivemos a firmeza de obedecer o Chamado do Mestre, ela por último aceitou viajar com nosotros”* (MD.P2).

O terceiro ponto conclusivo refere-se aos **elementos psíquicos-sociais-espirituais** da família missionária. A grande preocupação do investigador foi evitar os reducionismos inconsequentes, ou seja, evitar reduzir a religião à psicologia e a psicologia a religião, pois, os saberes operam de lugares diferentes, sem, no entanto, obstruir um ao outro tal como foi salientado no Capítulo I.

A tentativa para identificar quais os elementos *psíquicos-sociais-espirituais* presentes na (re)construção das representações subjetivas do ser *“Família Missionária”*, incluiu a atenção a tópicos como (1) *aculturação externa*, (2) *renúncia*, (3) *distanciamento dos familiares*. Concluiu-se (a) que o processo de aculturação externa, se inscreve dentro do processo migratório, e demanda um grande investimento psicológico para que haja uma transição que seja considerada positiva e efetiva; (b) o conceito de renúncia tem no seu núcleo indicativos positivos que se vincula à questão da resiliência, portanto, ao que tudo indica, além do seu componente de espiritualidade, é um conceito com forte indicativo psicológico; (c) o distanciamento dos familiares, expõe a família missionária, conforme a amostra investigada, a uma carga de sofrimento emocional muito grande, nomeadamente, quando têm que lidar com a questão da morte de um familiar, especialmente, um dos pais, como um dos participantes relatou: *“tive que lutar com o luto”*. Esta é uma expressão riquíssima, não só por sua estilística, como por conta do seu conteúdo psicolinguístico. O quarto ponto conclusivo incide na terceira dimensão estruturante da metodologia de recolha de dados que fala sobre a *Família Missionária e o Futuro*, sobre o pressuposto: *“a ‘família missionária’, composta de pessoas humanas, naturalmente, põem-se em perspectiva ao futuro”*.

A gestão do futuro em relação ao projeto missionário, evidenciou três categorias: 1) *a missão nunca acaba*; 2) *o futuro dos filhos*, 3) *o desânimo e o desejo com uma visão otimista do futuro*. Concluiu-se que (a) a convicção da chamada e o fundamento da escolha missionária se firma sobre a perspectiva bíblica e a experiência espiritual como contexto da vida cristã no seu todo pelo que as perspectivas de futuro se estruturam também a partir deste lugar; (b) a obra missionária não é um projeto cuja finalização seja pensada como ocorrendo pontualmente num dado momento, mas como algo que “nunca acaba”, porquanto fica ternamente associada ao destino do missionário, ele próprio vinculado no tempo com a

posição escatológica de onde se firma a vida cristã; (c) que os filhos são o centro da preocupação da família, existindo a crença de que quanto melhor a sua educação mais seguro será o seu futuro; (d) o futuro no contexto da família missionária é vivido no tempo do agora, em ter que cumprir a obra para a qual foi comissionada, todavia, todo esforço se faz no mais absoluto da condição humana, mediada pelo desânimo e o desejo, embora parametrizada numa visão otimista do futuro.

A família missionária, antes de tudo, deve ser pensada como família. Pessoas, humanos, limitadas, imersas nas suas histórias familiares com os seus segredos e tramas. Pessoas que vivem a sua condição de ser humano. Portanto, é deste lugar que a família missionária, que antes de ser família missionária é família, deve ser pensada. Os órgãos responsáveis pelo envio – agências, igrejas e convenções -, não podem prescindir desta realidade, pois, se isto acontecer, instaura-se aí uma postura antiética e irresponsável, em detrimento da boa-fé de famílias que se dispõem a servir em nome de Cristo, abrindo mão do questionamento por acreditar que aqueles que são responsáveis pelo envio, também são responsáveis por todo processo.

O ser humano é um ser transpassado pela linguagem. Assim, ao mesmo tempo que há o Sujeito da Linguagem, haverá aí neste lugar, a linguagem do sujeito. Neste terreno há um sujeito que se autoriza como indivíduo. O indivíduo que faz as suas escolhas, de uma forma ou de outra; também, em certa medida e sentido, poderá ter que vivenciar a “escolha escolhida”, podendo, ao fim, encontrar algum tipo de contentamento e prazer, ou um grau levado de desgosto, descontentamento e sofrimento, e, neste caso, inclusive, sofrimento psíquico. A escolha de projeto na fala, no dizer, no nomear, em aceitar responder do lugar de “missionário/missionária”, assim, ao responder como “família missionária” faz ecoar os seus laços sociais, fazendo sentido à *fala falante* (Merleau-Ponty, 2006). Esta fala falante permite o sujeito-subjetivo inter-relacionar-se na tessitura social. Portanto, como diz Borges e Salomão (2003): “através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura” (p.327).

Não há como ser humano sem ser um *Ser de Escolhas* para além das alternativas instintivas e arbitrárias, pois, nas escolhas inserem-se elementos simbólicos que estão além da arbitrariedade, ou seja, estão além da “representação do mundo real por elementos linguísticos que carecem de correspondência física com as entidades por eles referidas”, visto que, “o nosso modo de vida, culturalmente adaptado, depende dos significados e dos conceitos compartilhados, bem como de discurso partilhados para negociar as diferenças no significado e na interpretação” (Bruner, 2008, p.30). Isto significa que a linguagem está imersa no mundo dos significados, e, por assim dizer, a escolha mergulha junto. A propósito disto, como se observou na análise dos dados, que o sistema semiótico foi um dos assuntos mais robustos nesta investigação.

Mas: o homem escolhe porque atribui significado ou atribui significado porque escolhe? Considerando a linha de raciocínio de Merleau-Ponty, deve se dizer que escolhe-se porque encontrou significado, pois, o significado-escolha, é expressão do ser de linguagem, que se dimensiona como *experiência da expressão* e diríamos: *experiência de significação*; o que equivale dizer que a sua extrema virtude está no fato de que “é ela” - *experiência de significação* – “que nos lança ao que ela significa” (Merleau-Ponty, 2002, p.32), ou seja, a experiência de significação, neste caso a escolha, dar-se pelo que o objeto da escolha significa. Parafraseando Merleau-Ponty, se diria, então, que a escolha conduz à vivência com a coisa escolhida “na exata medida em que, antes de *ter* uma significação, ela é significação” (Merleau-Ponty, 2002, p.36). Assim, o ato narrativo da família missionária, se insere na significação que missões está na Missão.

Isto significa dizer que a escolha é consequente – aquele que impele a escolher -, mas é também consequência – os resultados inevitáveis, de uma forma ou de outra, do ato da escolha. Portanto, é no movimento da relação entre consequente e consequência, no processo da dinâmica das relações sociais, que a construção de significado se instaura na voz da narrativa que se identifica, ou se deixa identificar: “Eu sou missionário(a)”; ou: “Somos uma família missionária”. Ao mesmo tempo que escolheu ser família missionária, responde do lugar que foi escolhida por Deus para ser família missionária.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Afonso, J. A. A., & Leal, I. (2010). FACES III: Adaptação e validação da Family adaptility and cohesion evaluation scales (FACES), de D.H. Olson, J. Portner & Y. Lavee. 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa: ISPA. Fevereiro. [FACES III: Adaptation and validation of Family Cohesion and adaptility evaluation scales]
- Aguiar, W. M. J. (2006). A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. *Psicologia e educação*, 23, 11-25.
- Ahmed, S. (1999). Home and away narratives of migration and estrangement. *International journal of cultural studies*, 2(3), 329-347.
- Amatuzzi, M. M. (1999). Religião e sentido de vida: um estudo teórico. *Temas em Psicologia*, 7 (2), 183-190.
- Amatuzzi, M. M. (2003a). A legitimidade psicológica da Linguagem religiosa. *Estudos de Psicologia*, 20(1), 61-71.
- Amatuzzi, M. M. (2003b). Fé e Ideologia na compreensão psicológica da Pessoa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 569-575.
- Ancona-Lopez, M. (2002). Psicologia e religião: Recursos para construção do conhecimento. *Estudos de Psicologia*, 19(2), 78-85.
- Ancona-Lopez, M., & Arcuri, I. G. (2008) (Orgs.). *Temas em Psicologia da Religião*. São Paulo: Vetor.
- Arrow, K. J. (1951). *Social Choice and Individual Values*. (2nd ed). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Batson, C. D., Schoenrade, P., & Ventis, W. L. (1993). *Religion and the individual: A social-psychological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Battail, G. (2009). Applying semiotics and information theory to biology: A critical comparison. *Biosemiotics*, 2(3), 303-320.
- Beit-Hallahmi, B. (1974). Psychology of religion 1880-1930: The rise and fall of a psychological movement. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 10(1), 84-90.
- Berry, J. W. (Ed.). (2002). *Cross-cultural psychology: Research and applications*. Cambridge: University Press.
- Bikos, L. H., Kocheleva, J., King, D., Chang, G.C., McKenzie, A., Roenicke, C, Campbell, V., & Eckard, K. (2009) A consensual qualitative investigation into the repatriation experiences of young adult, missionary kids, *Mental Health, Religion & Culture*, 12(7), 735-754.
- Bjorck, J. P., & Kim, J-W (2009). Religious coping, religious support, and psychological functioning among short-term missionaries. *Mental Health, Religion & Culture*, 12(7), 611-626.
- Borges, L.C, & Salomão, N.M.R (2003). Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 327-336.
- Brier, S. (2008). The paradigm of Peircean biosemiotics. *Signs*, 2, 30-81.
- Bronfenbrenner, U (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U (2005). *Making Human Beings Human: ecological perspectives on human development*. California: Sage.

- Bruner, J. (2008). *Actos de Significado*. Edições 70: Lisboa.
- Buchanan, J. M. (1967). *Public Finance in Democratic Process: Fiscal Institutions and Individual Choice*. North Carolina: UNC Press.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), 179-191.
- Campos, C.J.G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo. *Texto Contexto - Enfermagem*, 15(4): 679-84.
- Carvalho, B. S. (2007). As condições sociais da ação instrumental: problemas na concepção sociológica da teoria da escolha racional. *Dados*, 50(4), 827-862.
- Carvalho, B.S. (2010). Individualismo metodológico, racionalidade e ação instrumental: a proposta cognitiva de Raymond Boudon. *Revista de Sociologia e Política*, 18(37),111-123.
- Charlot, B. (2000). O Filho do Homem: Obrigado aprender para Ser (Perspectiva Antropológica). In: Bernard Charlot, *Da relação do Saber: Elementos de uma Teoria* (pp.51-58). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Chester, R. M. (1983). Stress on missionary families living in "other culture" situations. *Journal of Psychology and Christianity*.
- Clark, W.H. (1958). *The psychology of religion: an introduction to religious experience and behavior*. Oxford: Macmillan.
- Colaço, V. F. R. (2004). Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 17(3), 333-340.
- Coleman, J.S. (1990). *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.
- Corby, J. E. (2003). *Missionary ministry satisfaction predictors: How spiritual attribution influences the effects of stress on family communication and satisfaction*. (Tesis Doctor of Philosophy). Universidad de Syracuse, New York.
- Corrigan, P. (2004). How stigma interferes with mental health care. *American Psychologist*, 59(7), 614.
- Coutinho, M. P. L. & Oliveira, M. X.(2010) Tendências comportamentais frente à Saúde de Imigrantes Brasileiros em Portugal. *Psicologia & Sociedade*; 22 (3), 548-557.
- Coutinho, M.P.L., Rodrigues, I. F., Ramos, N.(2012). Transtornos Mentais Comuns no Contexto Migratório Internacional. *Revista Psico*, (43)3, 400-407.
- Cunha, S. C. R. (2012). *Expectativas Académicas e Desempenho Escolar*. (Dissertação de Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Damon, W., & Hart, D. (1982). The development of self-understanding from infancy through adolescence. *Child development*, 53, 841-864.
- Dantas, A.M, Sampaio D(1990). Versão portuguesa das escalas do modelo Olson. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.
- Debiaggi, S. D. D (2008). Nikkeis - entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e

- estratégias. *Revista USP*, 9, 165-172.
- Dillon, D. (1983). Personality characteristics of evangelical missionaries as measured by the MMPI. *Journal of Psychology and Theology*, 11, 213-217.
- Donelson, E. (1999). Psychology of religion and adolescents in the United States: Past to present. *Journal of Adolescence*, 22(2), 187-204.
- Downs, A (1957). *An Economic Theory of Democracy*. New York: Harper.
- Ebert, C., & Soboll, L. A. P. (2009). O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho. *Aletheia*, (30), 197-212.
- Elias, N(1994). *Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Falceto, O. G. (1997). *Famílias com desenvolvimento funcional e disfuncional: Validação das escalas diagnósticas Faces III, Beavers-Timberlawn e Avaliação Global do Funcionamento Interacional (GARF)*. (Dissertação de Pós-graduação em Medicina), Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegria, RS, Brasil.
- Feijoo, A. M. L. C, & Magnan, V. C. (2012). Análise da escolha profissional: uma proposta fenomenológico-existencial. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 32(2), 356-373.
- Ferejohn, J, & Pasquino, P. (2001). A teoria da escolha racional na ciência política: conceitos de racionalidade em teoria política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 6(45), 05-24.
- Fernando, C., & Ferrari, M. (2011). Spirituality and resilience in children of war in Sri Lanka. *Journal of Spirituality in Mental Health*, 13(1), 52-77.
- Finfgeld-Connett, Deborah (2013). Use of content analysis to conduct knowledge-building and theory-generating qualitative systematic reviews. *Qualitative Research*, 14(3), 341-352.
- Fontanella, B. J.B., & Magdaleno, J.R. (2012). Saturação Teórica em Pesquisas qualitativas: contribuições Psicanalítica. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 63-71.
- Fontanella, B. J.B., Ricas, J., Turato, E.R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1):17-27.
- Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: teoria e prática*, 8(2), 123-131.
- Freire, P.(2005). *Pedagogia do Oprimido*. (4 ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fuller, A. R. (1994). *Psychology & religion: Eight points of view*. (3rd ed.). Lanham, MD: Littlefield Adams.
- Gardner, L. (1987). A practical approach to transitions in missionary living. *Journal of Psychology and Theology*, 15, 342-349.
- Genia, V. (1990). Religious development: A synthesis and reformulation. *Journal of religion and health*, 29(2), 85-99.
- Glaser B.G, Strauss AL (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.
- Gomes, S.A (2004) *A religião como fenômeno antropológico: elementos constitutivos do fenômeno religioso*. Retrieved: august 06, 2014, from: <http://ssrn.com/abstract=2360236>
- Gondim, S. M.G., Fischer, T. (2009). O Discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do

Discurso do Sujeito Coletivo na Gestão Intercultural. *Cadernos Gestão Social*, 2(1), 09-26.

Greeff, A. P., & Joubert, A. M. (2007). Spirituality and resilience in families in which a parent has died. *Psychological reports*, 100(3), 897-900.

Greeff, A. P., & Loubser, K. (2008). Spirituality as a resiliency quality in Xhosa-speaking families in South Africa. *Journal of Religion and Health*, 47(3), 288-301.

Greeff, A. P., & Merwe, S. D. (2004). Variables associated with resilience in divorced families. *Social Indicators Research*, 68(1), 59-75.

Gregori, W. (1999). En busca de una nueva noología. *Estudios pedagógicos (Valdivia)*, (25), 71-82.

Hedenbro, M., Shapiro, A. F., & Gottman, J. M. (2006). Play With Me at My Speed: Describing Differences in the Tempo of Parent-Infant Interactions in the Lausanne Triadic Play Paradigm in Two Cultures. *Family process*, 45(4), 485-498.

Heidegger, M (2008). *O ser e tempo*. (3 Ed.). Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.

Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (24), 363-372.

Holderbaum, C. S, & Salles, J. F. (2010). Priming semântico em crianças: efeitos da força de associação semântica e frequência do alvo. *Aletheia*, (33), 95-108.

Hood, R. W. (Ed.). (1995). *Handbook of religious experience*. Birmingham, AL: Religious Education.

Janczura, G. A. (2005). Contexto e normas de associação para palavras: a redução do campo semântico. *Paidéia*, 15(32), 417-425.

Janczura, G. A., Castilho, G. M., Rocha, N. O., Van Erven, T. D. J. C., & Huang, T. P. (2007). Normas de concretude para 909 palavras da língua portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 195-204.

Jaspard, Jean-Marie. (2004). Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé. *Psicologia USP*, 15(3), 191-212.

Jodelet, D. (2009). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e estado*, 24(3), 679-712.

Kietzman, R. M., Pike, P. L., Jones, J. W., & Lingenfelter, J. E. (2008). The Lost MK: A Qualitative Study Exploring the Choice of Some Adult Missionary Kids to Leave Their Parents' Faith. *Missiology: An International Review*, 36(4), 457-473.

Kopp, C. B. (1982). Antecedents of Self-Regulation: A Developmental Perspective. *Developmental Psychology*, 18 (2), 199-214.

Lewis, M. (1990). Self-knowledge and social development in early life. In L. A. Pervin (ed.), *Handbook of personality* (pp. 277-300). New York: Guilford.

Licciardone, J. C., & Kearns, C. M. (2012). A new triadic paradigm for osteopathic research in real-world settings. *JAOA: Journal of the American Osteopathic Association*, 112(7), 447-456.

Lopez, S. R., & Guarnaccia, P. J. (2000). Cultural psychopathology: Uncovering the social world of mental illness. *Annual review of psychology*, 51(1), 571-598.

- Machado, O., Correia, S. M., & Mansur, L. L. (2007). Desempenho de adultos brasileiros normais na prova semântica: efeito da escolaridade. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 19(3), 289-294.
- Markus, H.R, & Kitayama, S. (1991). Culture and the Self: Implications for Cognition, Emotion, and Motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224-253.
- Meer, A.L.V.D. Missionários Feridos – como cuidar dos que servem. Viçosa – MG, Ultimato.
- Merleau-Ponty, M (2002). *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Merleau-Ponty, M (2006). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Miguel, L. A.P., & Popadiuk, S. (2014). Integrando metodologias na análise de dados sob o paradigma interacionista simbólico: um caso prático. *Cadernos EBAPE.BR*, 12(2) 357-373.
- Miranda, L., & Campos, R. T. O. (2010). Narrativa de pacientes psicóticos: notas para um suporte metodológico de pesquisa. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, 13(3), 441-456.
- Mulcahy, L. (2007). My journey of spirituality and resilience. *Psychiatric rehabilitation journal*, 30(4), 311-312.
- Nascimento, I. & Coimbra, J. L. (2005). A Escolha do Foco de Intervenção em Consulta Psicológica Vocacional: Contributos para uma Perspectiva Integradora da Intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2) 15-30.
- Navara, G. S., & James, S. (2005). Acculturative stress of missionaries: Does religious orientation affect religious coping and adjustment?. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(1), 39-58.
- Neisser, U (1988). Five kinds of self-knowledge. *Philosophical psychology*, 1(1), 35-59.
- Nepomuceno, L. B., Ximenes, V. M., Cidade, E. C., Mendonça, F. W. O., & Soares, C. A. (2009). Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação. *Psico*, 39(4), p.456-464.
- O'Reilly, M, P., N (2013). 'Unsatisfactory Saturation': a critical exploration of the notion of saturated sample sizes in qualitative research. *Qualitative Research*, 13(2), 190-197.
- Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 44-167.
- Olson, D.H. (1985). *FACES III (Family Adaptation and Cohesion Scales)*. St. Paul, MN: University of Minnesota.
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia Positiva: Uma nova abordagem para antigas questões, *Paidéia*, 17(36), 9-20.
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 126-135.
- Pentz, M. (2005). Resilience among older adults with cancer and the importance of social support and spirituality-faith: I don't have time to die. *Journal of Gerontological Social Work*, 44(3-4), 3-22.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A.(2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12, (2), 247-256.

- Price-Williams, D. R. (1975). *Explorations in cross-cultural psychology*. Oxford: Chandler & Sharp.
- Priest, R. J. (2003). Etiology of adult missionary kid (AMK) life-struggles. *Missiology: An International Review*, 31(2), 171-192.
- Ramos, N (Org.) (2008). *Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- Rosik, C. H., Summerford, A., Tafoya, J (2009). Assessing the effectiveness of intensive outpatient care for Christian missionaries and clergy, *Mental Health, Religion & Culture*, 12, (7), 687-700.
- Salles, J. F. D., Holderbaum, C. S., & Machado, L. L. (2009). Normas de associação semântica de 50 palavras do português brasileiro para crianças: Tipo, força de associação e set size. *Interamerican Journal of Psychology*, 43(1), 57-67.
- Salles, J. F., Jou, G. I., & Stein, L. M. (2007). O paradigma de priming semântico na investigação do processamento de leitura de palavras. *Interação em Psicologia (Qualis/CAPES: A2)*, 11(1), 71-80.
- Salles, J. F., Machadob, L. L., & Janczurac, G. A. (2011). Efeitos de priming semântico em tarefa de decisão lexical em crianças de 3ª série. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 597-608.
- Sartre, J-P (2001). *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. (9 ed). Petrópolis: Vozes.
- Sgreccia, E. (2009). *Manual de bioética: fundamentos e ética biomédica*. Cascais: Principia.
- Slater, W., Hall, T. W., & Edwards, K. J. (2001). Measuring religion and spirituality: Where are we and where are we going?. *Journal of Psychology and Theology*. 29 (1), 4-21.
- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2008a). Relacionamentos pessoais e sociais: Amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 257-265.
- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2008b). Amizade na Adulterez: Fatores Individuais, Ambientais, Situacionais e Diádicos. *Interação em Psicologia*, 12(1), 77-85.
- Souza, M., & Langaro, F. (2011). Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. *Psicologia ciência e profissão*, 31(3), 568-581.
- Stein, L. M., & Pergher, G. K. (2001). Criando falsas memórias em adultos por meio de palavras associadas. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(2), 353-366.
- Tedesco, S (2003). A Natureza Coletiva do elo Linguagem-Subjetividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(1), 085-089.
- Truzzi, O. (2008). Redes em processos migratórios. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 20(1), 199-218.
- Volling, B. L., McElwain, N. L., & Miller, A. L. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Child development*, 73(2), 581-600.
- Walters, K. A., Auton-Cuff, F. P (2009). A story to tell: the identity development of women growing up as third culture kids, *Mental Health, Religion & Culture*, 12 (7), 755-772.

ANEXOS

ANEXOS

- 1 – Termo de Consentimento Livre e Informado
- 2 – Guião da Entrevista Semiestruturada
- 3A – Questionário Sociodemográfico
- 3B – FACES III
- 4 – Matriz Teórica de Análise
- 5 – Justificativa para articulação com o Interacionismo Simbólico
- 6 – Representação gráfica do Ato Existencial
- 7 – Carta Convite para participar do estudo – Presencial
- 8 – Carta Convite para participar do estudo – Versão Online
- 9 - Procedimento para aplicação da FACES III
- 10 – Quadro Semiótico
- 11 – Representatividade do Quadro Semiótico
- 12 – Consulta de Frequência de Palavras – Primeiro Filtro
- 13 - Consulta de Frequência de Palavras – Segundo Filtro
- 14 – Figura 4 – Tipos De Famílias - Por Pessoa
- 15 – Figura 6 – Modelo Circunflexo
- 16 – Figura 5 – Tipos De Famílias - Por Famílias
- 17 – Pista para trabalhos futuros
- 18 – Considerações Finais.

ANEXO - 1 - CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Eu **Raimundo Francisco Frank Ribeiro**, estudante do Mestrado em Temas de Psicologia na Área de Especialização de Psicologia da Família, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, encontro-me a realizar um trabalho de investigação subordinado ao tema: *Famílias Brasileiras em Missões Transculturais: Análise intrafamiliar da escolha em ser família missionária*, sob orientação da Prof^a. Doutora Inês Maria Guimarães Nascimento.

Desta forma, e tendo conhecimento que reúne as condições necessárias para colaborar nesta investigação, venho solicitar o favor da sua participação no estudo em causa. Tal colaboração no preenchimento individual de um breve questionário de recolha de informação pessoal e sociodemográfica e de um outro questionário sobre as relações na família, ambos auto respondidos, e na resposta a uma entrevista coletiva a ser registada em formato audiovisual/vídeo. Todos os contactos serão feitos com a devida antecedência e sempre de acordo com o dia e o horário que lhe sejam mais convenientes. Todos os dados recolhidos serão mantidos confidenciais, sendo assegurado o compromisso do investigador com todos os princípios e normas éticos inerentes à investigação em Psicologia. Os dados em causa destinam-se apenas a fins científicos podendo ser usados para efeitos de formação, investigação, publicação e comunicação em congressos reforçando-se a garantia de preservação da identidade dos participantes. Informo que a sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento sem que, por isso, venha a ser prejudicado.

Antecipadamente grato. Apresento os meus cumprimentos,

Raimundo Francisco Frank Ribeiro
psifrankribeiro@gmail.com <> 969826188

Porto, ____/____/____

Consentimento Informado

Ao assinar esta página está a confirmar que:

- Leu e compreendeu todas as informações prestadas e teve tempo para as ponderar;
- Compreendeu o propósito deste trabalho e as formas concretas da sua participação no mesmo;
- Todas as questões e dúvidas foram satisfatoriamente clarificadas por parte do investigador
- Recebeu uma cópia do pedido de colaboração de modo a que possa conservá-la consigo

Porto, ____/____/____

Nome do/a participante

(Assinatura do/a participante)

ANEXO - 2 - GUIÃO DA ENTREVISTA.

Quero agradecer-vos por terem aceitado participar desta investigação. Deixo claro que, durante a entrevista, por algum motivo alguém sentir desconfortável, e quiser parar podemos fazer isto a qualquer momento. Também se quiserem desistir de continuar com a entrevista pode fazer a qualquer momento.

Tal colaboração no preenchimento individual de um breve questionário de recolha de informação pessoal e sociodemográfica e de um outro questionário sobre as relações na família, ambos autorespondidos, e na resposta a uma entrevista coletiva a ser registada em formato audiovisual/vídeo, mas deixo claro que as informações aqui recolhidas serão tratadas com compromisso ético e rigor deontológico; lembrando que os dados serão de uso exclusivo para fins desta investigação. Que após o tratamento das informações – os resultados – a sua disponibilidade pública será no âmbito do acervo da Biblioteca da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no seu formato habitual (técnico); e que se houver exposição pública será também no âmbito do compromisso profissional e científico, e não terá nenhum aspecto de identificação pessoal.

Esta entrevista é sobre a Família e a obra Missionária. Vamos abordar algumas questões que estão no contexto da relação dentro família, como por exemplo, a quem coube decidir fazer missões? Como foi o processo desta decisão, a reação da família como o todo, dos familiares, dos amigos; ainda, como você se vê na condição de missionário e estrangeiro (imigrante); quais as dificuldades enfrentadas, os sentimentos vivenciados? Assim, gostaria de lhes colocar algumas questões sobre o que é ser uma família missionária, como uma figura no universo da sua vida espiritual e se ser “família missionária” é diferente do ser família não missionária?

QUESTÕES DA ENTREVISTA.

G1 = Contextualização Geral da Chamada/Escolha

Este Grupo situa-se dentro do pressuposto que “**quando uma família faz a escolha em ser ‘família missionária’, o faz a partir das convicções de uma chamada**”. Mas, a quem pertence a chamada? Ao pai/mãe ou família como um todo (quando há filhos)? Quais são estas convicções? Como estas convicções são formadas? O que acontece no tempo (antes e depois) da chamada? Qual a natureza desta chamada? Portanto, neste grupo de questões a investigação, dentro dos seus objetivos específicos, busca evidenciar os eventos que firmam ou sustentam a chamada e, conseqüentemente, a escolha e a decisão em partir ao campo missionário. O G1 situa-se dentro do objetivo geral da investigação: “Compreender de que forma a família dos missionários brasileiros em trabalho transcultural organiza a resposta *intrafamiliar* à escolha de ser família missionária”. Nesta dimensão está a estrutura principal da investigação, de onde, as outras duas (G2 e G3) se desdobrarão.

Formato do Projeto de Investigação	Formato simplificado da entrevista	Direcionamento
G1-QT1: Como o conceito de “chamada missionária” é percebido pela família.	Para você o que significa uma chamada missionária?	Fazer a pergunta com direcionamento pessoal; um a um dos membros da família presentes na entrevista.
G1-QT2: Quem experienciou a chamada? Como é que a pessoa caracteriza subjetivamente a chamada missionária do ponto de vista da sua natureza.	1) Quem na família sentiu o apelo missionário? Que sinais levaram você a perceber a chamada missionária? OU 3) Como é que a chamada missionária se manifestou para você?	Segue no campo pessoal, mas está atento para o andamento da resposta, para a G1-QT2 seja feita, mas se preciso, fazer conexão com a resposta da G1-QT1. “Atenção que são várias questões diferentes! Deverão ser colocadas todas se as respostas a cada uma não for informativa relativamente às restantes.”
G1-QT3: Quais os dilemas de quem experienciou a chamada face aos vários papéis/dimensões de existência implicados na decisão?	Como foi a sua reflexão sobre o que deveria ter prioridade na sua vida: as suas responsabilidades face à família (pai/mãe, companheiro/a), face à igreja (membro da comunidade religiosa) e face a si mesmo (aos seus outros projetos e objetivos de vida)?	Feita a quem for identificado como a pessoa a quem pertenceu a decisão de partir em missão.
G1-QT4: A quem, na família, pertenceu a decisão de partir em “missão”? Como é que essa decisão foi resolvida no contexto familiar entre os diferentes membros (modo como comunicaram sobre ela, modo como influenciou a dinâmica da interação familiar, modo como foi	O que é que aconteceu na comunicação/relação entre os diferentes membros da família desde que o X sentiu a chamada até à decisão final em partir para o campo missionário? (O que foi dito/falado, o que foi discutido e como) Em que medida foi uma	X = Nome da pessoa que foi identificada como aquela a quem coube a decisão. Procurar obter o relato de todos os membros da família.

definitivamente tomada – consensual ou unilateral)?	decisão da família e assumida por todos os elementos da família?	
G1-QT5: Como se configura o lugar da ESCOLHA ao decidir-se pela “família missionária”?	O que significou para você(s) terem escolhido ser uma “família missionária”?	“Pessoal” (um a um); mas está atendo a questão da “idade” dos filhos quando desta escolha.
G1-QT6: Que fatores foram tidos como altamente relevantes para a tomada de decisão em partir para o campo missionário?	No seu/V. modo de entender, quais foram os fatores que contribuíram para a decisão de partir em missões?	“Indireta”, (“lançar” a pergunta).
G1-QT7: Como a comunidade de origem influenciou a escolha-decisão em ser família missionária?	De que forma a vida no dia-a-dia da sua/V. igreja lhe influenciou na escolha-decisão em fazer missões?	“Pessoal” (um a um).
G1-QT8: De que forma os diferentes membros da família argumentam quanto aos motivos pessoais que os conduziram a partir em missão?	Se eu perguntasse, o que é que (ou porque é que) realmente e pessoalmente, o/a levou a partir em missão, qual seria a sua resposta?	“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Mas está atento quanto a resposta, pois, uma resposta nesta questão pode abarcar o conteúdo da pergunta seguinte. Se isto acontecer está atendo com a forma como perguntar (G1-QT9). Se, se for caso, nem fazê-la.
G1-QT9: Até que ponto os filhos/esposo(a) de uma “família missionária”, a partir da sua própria visão e envolvimento voluntário, se identificam e revêem na condição de ser missionário?	FILHO: Você é missionário ou apenas filho de missionários? Porquê? PAIS: O que vocês acham? ESPOSA(O) É você, considera-se uma (um) missionária (o) independentemente de ser esposa (o)? Porquê?	Esta questão é “vinculada”, ou seja, será feita ao filho(s), e logo após, colocar a resposta para ser avaliada pelos pais. Da mesma forma será feita para a(o) esposa(o). Não será feito nem direcionamento a pessoa identificada como a quem coube a decisão de partir, mas deve estar atento as suas reações. Se ele esboçar sinais que quer falar, fazer com isto aconteça.
G1-QT10: Até que ponto a leitura e entendimento do <i>“ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura”</i> foi determinante no contexto da chamada/escolha/decisão em ser família missionária?	Em que sentido sua experiência espiritual ocupa lugar na chamada/escolha/decisão em ser missionário(a)?	Direcionada à pessoa que foi identificada como a quem teve a decisão. Ficar atendo para a conexão desta questão com QT6 e QT8

G2 – Vivência/Experiência da Família em missão

Este Grupo situa-se dentro do pressuposto que afirma: **“um missionário e sua família, não obstante a sua experiência de fé, e suas convicções de espiritualidade, não se transforma em seres não-humanos”**. Assim quais as dimensões da vivência/experiência da família diante da escolha passada à ação/prática? O significa ser, de facto, “família missionária”? Em que dimensões e sentidos a dúvida e/ou a certeza da “boa escolha” poderão surgir; como a família lida com as demandas no contexto do campo missionário. As perdas e os ganhos. Estas questões

<p>estão no núcleo dos objetivos específicos: Explorar de que forma a opção pelo trabalho missionário transcultural influencia a relação intrafamiliar; Identificar quais os elementos <i>psíquicos-sociais-espirituais</i> presentes na (re)construção das representações subjetivas do ser “<i>Família Missionária</i>”.</p>		
<p>G2-QT1: Que mudanças na forma de encarar a vida, a partir da experiência de ser uma “família missionária”, influenciou os membros da família face a percepção de si próprios como sujeitos no mundo?</p>	<p>Na sua/V. opinião, a) o que mudou, b) como mudou e c) em que sentido/aspecto <u>a sua vida</u> mudou ao tornar-se missionário(a)?</p> <p>Na sua/V. opinião, a) o que mudou, b) como mudou e c) em que sentido/aspecto <u>você como pessoa</u> mudou ao tornar-se missionário(a)?</p>	<p>“Pessoal” (um a um). Mas, antes explicar objetivamente que a pergunta tem duas dimensões: a) “sentido/aspecto <u>a sua vida</u>”: relação com o outro; e b) sentido/aspecto <u>como pessoa</u>: relação consigo mesmo.</p>
<p>G2-QT2: Qual o comportamento do missionário (família) diante da dinâmica que sustenta a escolha, e como acontece o “gerenciamento” o manejo deste comportamento?</p>	<p>O que é que se espera que seja o comportamento de um missionário face à família, face à igreja e face a si mesmo? Como é que tem sido no seu/V. caso?</p>	<p>“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Estar atento, se as respostas se vinculam a questão anterior. Pois, se, por exemplo, algo mudou e como mudou, então: como o comportamento foi afetado?</p>
<p>G2-QT3: Que critérios os membros da família têm em conta na avaliação do (in)sucesso do trabalho missionário?</p>	<p>Que tipo de coisas vocês consideram que podem ser vistas como resultados positivos do V. trabalho missionário? E como resultados negativos?</p>	<p>“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Estar atento como cada membro “interpreta o que é positivo/negativo. Pode haver inversão, ou seja, o que para um membro é negativo para outro pode ser positivo. Estas “visões” podem denotar questões da dinâmica intrafamiliar importantes.</p>
<p>G2-QT4: Como cada membro da família reage, face a própria condição de sujeito autônomo, diante da necessidade de dar uma resposta socialmente (no contexto da ação missionária, uma resposta espiritual) satisfatória aos vínculos institucionais?</p>	<p>1) Como é que vocês se sentem quando esses resultados positivos do trabalho missionário não são alcançados? 2) O que é que, enquanto missionários, (lhe/vos) pode acontecer se não apresentar(em) (apresentassem) resultados considerados positivos?</p>	<p>“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Segue as mesmas observações da questão anterior. Mas: “Atenção que são várias questões diferentes! Deverão ser colocadas todas se as respostas a cada uma não for informativa relativamente às restantes”.</p>
<p>G2-QT5: De que forma as exigências e apoios associados aos vínculos institucionais são percebidas e influem nos sentimentos, atitudes e comportamentos dos indivíduos no contexto intrafamiliar?</p>	<p>Que tipo apoio (material/financeiro e não material/financeiro) vos chega da V. comunidade religiosa? Como é que o avaliam tendo em conta as V. necessidades? (Suficiente? Insuficiente?) Em que medida acham que há (ou não) equilíbrio</p>	<p>Direcionar para a pessoa que foi identificada como aquela a quem coube a decisão de partir. Mas estar atento as reações do próprio e de todos os membros, visto que há (em hipótese) um tipo de “pacto” em minimizar esta questão em nome da fidelidade (ao líder, a própria instituição) e com isto</p>

	entre as exigências do campo missionário e da instituição de origem e os apoios que vos são disponibilizados? Em caso de desequilíbrio: como é que isso vos afeta individualmente e como família ?	assumir um tipo de comportamento que “é assim mesmo” (etc). “Atenção que são várias questões diferentes! Deverão ser colocadas todas se as respostas a cada uma não for informativa relativamente às restantes. Distingue plano individual e familiar!”
G2-QT6: O que aconteceu e está acontecendo com a família missionária no contexto da vivência no campo transcultural?	Ao longo dos seus/vossos anos de vivência como missionários num país e numa cultura diferente quais os acontecimentos, episódios, relacionamento institucional, positivos e negativos , que mais marcaram cada um e a V. família como um todo ?	“Indireta”, (“lançar” a pergunta) E esperar a ação de cada membro, se não acontecer, direcionar a pergunta uma a um.. Estar atento como cada membro “interpreta o que é positivo/negativo. Pode haver inversão, ou seja, o que para um membro foi negativo para outro pode ter sido positivo. Estas “visões” podem denotar questões da dinâmica intrafamiliar importantes.
G2-QT7: De que forma o projeto missionário se articula com os demais projetos de vida e objetivos da existência dos elementos da família missionária?	1) Que outros objetivos pessoais, no plano familiar, académico, profissional, de lazer, etc. Vocês procuram realizar para além dos que se relacionam com o trabalho missionário? 2) Que lugar/posição os objetivos missionários ocupam na V. vida e no V. dia a dia relativamente a esses outros objetivos (mais importantes? menos importantes?). 3) Qual dos planos recebe mais atenção da V. parte (pessoal, familiar, académico, profissional, de lazer)? 4) Qual dos planos recebe menos atenção da V. parte? 5) Em que medida o projeto missionário prejudica ou beneficia as outras áreas da V. vida pessoal e familiar?	Um a um. Estar atento para a estrutura da questão; esperar que cada etapa da questão seja concluída plenamente por todos, para em seguida, ir colocando as etapas da questão. Estar atento como cada membro “interpreta cada dimensão (lazer, académico, profissional) de forma diferente (é o que se imagina): o que é prioridade para um pode não ser para outro. Pode haver inversão, ou seja, o que para um membro for menos importante para outro pode ter sido mais importante. Estas “visões” podem denotar questões da dinâmica (conflituosa/harmoniosa/Mista) intrafamiliar importantes. “Atenção que são várias questões diferentes! Deverão ser colocadas todas se as respostas a cada uma não for informativa relativamente às restantes. Distingue plano individual e familiar!”
G2-QT8: Em que medida o conhecimento e envolvimento com a nova cultura influencia e determina a postura de <i>pertença</i> local e como, <i>em termos psicológicos</i> , tal postura	Até que ponto você considera que já pertence à nova cultura em que está inserido? Em que medida as V. rotinas como família e a V. forma de estar em família estão a	“Pessoal” (um a um). “Atenção que são várias questões diferentes! Deverão ser colocadas todas se as respostas a cada uma não for informativa relativamente às restantes”.

<p>pode ou não influenciar a dinâmica intrafamiliar?</p>	<p>ser influenciadas pelos hábitos e cultura do país em que estão a viver?</p>	
<p>G2-QT9: Em que medida a família missionária tolera, acomoda e responde (1) às diferenças de convicção, motivação e opinião, em relação ao projeto missionário bem como (2) às necessidades individuais dos seus membros não relacionadas com aquele mas, porventura, na visão da família incompatíveis com aquele?</p>	<p>1) Caso se aplique: Em que medida o desencontro de motivações e/ou de opiniões de cada membro da família para/em relação ao projeto missionário levou a problemas, conflitos ou divergências no seio da V. família? 2) Como é que foram resolvidos/ultrapassados?</p> <p>2) Como é que, a família foi lidando e dando resposta a necessidades pessoais dos membros que não se coadunavam com o projeto missionário? Podem dar alguns exemplos?</p>	<p>“Pessoal” (um a um). Estar atento, pois, esta questão está vinculada a anterior. E as duas questões estão no centro da observação das dinâmicas da família: motivo/motivação <> problemas/conflitos/divergências <> meios de solução <> tipos de soluções. “Atenção que são várias questões diferentes! Deverão ser colocadas todas se as respostas a cada uma não for informativa relativamente às restantes”.</p>
<p>G2-QT10: Como os membros da família missionária gerenciam o conceito espiritual de ser “<i>embaixador do reino de Deus</i>” face as demandas da condição de ser “estrangeiro”, nomeadamente as representações sociais vinculados com conceito “imigrante”?</p>	<p>Como você lida com o conceito “embaixador do reino de Deus” face as demandas culturais de ser estrangeiro e emigrante?</p>	<p>Fazer diretamente à pessoa que foi identifica como a quem pertenceu a decisão de partir, mas está atendo para os demais quanto a interpretação. Esta questão se articula, quanto a justifica-la com a G1-T10. (ide = embaixador)</p>
<p>G2-QT11: Partindo do concreto da experiência missionária, de que forma é reavaliada a decisão/escolha de de ser missionário e/ou família missionária?</p>	<p>A) Até que ponto você considera que fez a escolha certa em ser (família?) missionário(a)? B) Com que sentimento encara hoje a escolha que fez/fizeram no passado de se tornarem família missionária? C) Quais foram as principais perdas? E os principais ganhos?</p>	<p>“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Estar atento para a estrutura da questão; esperar que uma etapa (a) da questão seja concluída plenamente por todos, para em seguida, ir colocando as etapas da questão (b,c). Estar atento como cada membro “interpreta cada dimensão (perdas e ganhos) de forma diferente (é o que se imagina): a escolha pode ter sido certa/errada/indiferente; o sentimento pode ser convergente/antagónico/misto; o que pode ser perda para um pode ser ganho para outro. Estas “visões” podem denotar questões da dinâmica</p>

		(conflituosa/harmoniosa/Mista) intrafamiliar importantes. “Atenção que são várias questões diferentes! Deverão ser colocadas todas se as respostas a cada uma não for informativa relativamente às restantes.”
G3 – O Projeto Missionário no futuro		
<p>Este Grupo situa-se dentro do pressuposto que afirma: “a ‘família missionária’, composta de pessoas humanas, naturalmente, põem-se em perspectiva ao futuro”. O futuro é uma dimensão social e fenomenológica, no contexto da nossa percepção do tempo, que faz parte na condição de vida relacional. Assim, pois, diante do contexto geral da chamada/escolha e da vivência/experiência, quais as motivações e quais o(s) motivo(s) estão presentes na vida da família missionária no diz respeito ao futuro? Há motivo e motivações para continuar? Se há, O motivo é suficientemente “forte” para manter-se face a possibilidade do fraquejar das motivações? Se não há, qual caminho seguir? Quais as dinâmicas, no contexto intrafamiliar, existem em torno do projeto missionário no futuro? Estas questões estão no núcleo do objetivos específico. Compreender, na perspetiva intrafamiliar, como a “<i>Família Missionária</i>” se projeta em relação ao futuro.</p>		
G3-QT1: Qual a posição da família missionária em relação à gestão futura do projeto missionário?	Quais são os seus objetivos e planos para o futuro no contexto da sua vivência missionária? O que é que a família pensa desses seus planos?	Questionar cada membro individualmente. Logo que a pessoa der por concluído a resposta, obter a posição dos restantes membros da família, e assim fazer “circular” a questão entre todos os membros, tendo a mesma postura quanto a direcionamento da questão.
G3-QT2: Quais os motivos, e motivações e perspetivas que a família missionária e os seus membros têm, quer como família quer como indivíduos em relação ao futuro do projeto missionário?	A) Depois de todo este tempo de trabalho missionário, até que ponto você considera-se com motivação para continuar? B) Quais são os motivos que o fazem querer continuar o trabalho missionário aqui no futuro? C) Quais os motivos que o fazem por a hipótese de regressar ao país de origem? D) Até que ponto você se sente preparado/motivado para continuar o projeto missionário?	“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Estar atento para a estrutura da questão; esperar que uma etapa (a) da questão seja concluída plenamente por todos, para em seguida, ir colocando as etapas da questão (b,c,d).
G3-QT3: Quais as dimensões que a família missionária e os seus membros têm a intenção de investir	A) Quando falamos no seu projeto missionário , a que tipo de aspetos gostaria de poder dedicar mais do seu tempo, da	“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Estar atento para a estrutura da questão; esperar que a etapa (a) da questão seja concluída plenamente por todos, para

<p>âmbito do projeto missionário e para além dele?</p>	<p>sua atenção e do seu esforço no futuro? B) E quando falamos nas várias áreas e planos da sua vida para além do trabalho missionário, a que tipo de aspetos gostaria de poder dedicar mais do seu tempo, da sua atenção e do seu esforço no futuro?</p>	<p>em seguida colocar outra a etapa da questão (b,).</p>
<p>G3-QT4: Para quando e de que forma os membros da família missionária antecipam a conclusão do presente trabalho missionário e os seus desfechos?</p>	<p>A) Em que medida consideram que o V. trabalho missionário terminará com o sentimento de missão cumprida ou veem isso como difícil e pensam que acabará antes disso por outras razões? Que razões?</p> <p>B) Em caso de resposta positiva (missão cumprida): Quando é que acham que vão ter o sentimento de “missão cumprida”? O que é que falta para isso acontecer? O que é que é preciso terem conseguido para considerarem que a V. missão chegou ao fim? De acordo com os V. planos, o V. trabalho missionário aqui estará concluído em quanto tempo?</p> <p>C) Em ambos os casos: Quando derem por terminada esta V. missão aqui, o que é que se segue? (Regressarão ao Brasil?, Ficarão em Portugal? Prosseguirão o trabalho missionário noutra local? Todos os elementos da família ou só alguns? Porquê?)</p>	<p>“Indireta”, (“lançar” a pergunta). Estar atento para a estrutura da questão; esperar que uma etapa (a) da questão e suas respetivas interrogações sejam concluídas plenamente por todos, para em seguida, ir colocando as etapas da questão (b,c,d).e suas respetivas interrogações.</p> <p>Está atento a possibilidades de diferentes interpretações: o que for missão cumprida para um pode não ser para outro; o quando de um pode não ser o quando de outro; o que falta acontecer de um pode não ser o de outro, etc.</p>

ANEXO – 3A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Queremos agradecer antecipadamente a sua participação, e mais uma reafirmar que todos os dados, como se pode verificar, serão colhidos anonimamente, e que, de forma alguma, as respostas serão vinculadas à sua identidade.

1.FAMÍLIA (FANTASIA): _____ (Ex: Família Swift Sweet)

2. PESSOAL.

2.1. Sexo:

Masculino

Feminino

2.2. Data de Nascimento: ____/____/____

2.3. Grau de escolaridade:

Apenas Alfabetizado

Fundamental

Médio

Superior

Pós-Graduação

2.4. Profissão: _____

2.5. Nacionalidade: Brasileira

2.6. Estado Civil:

Casado(a)

Solteiro(a)

União Estável

Divorciado (a)

2.7. Na família você é:

Pai

Mãe

Filho(a) [_____ (Posição de filho: 1º, 2º, 3º, etc.).

2.8. A família é composta por quanto filhos? _____

2.9. Todos os filhos estão em Missão?

Sim

Não. Se não, quanto estão fora: _____.

Onde Mora(m): _____

2.10. Antes de vir ao campo missionário que atividade desenvolvia? _____

2.11. Chegou a trabalhar profissionalmente?

Não

Sim/quanto anos? _____

3. INSTITUCIONAL.

3.1. Igreja/denominação que pertence?

3.2. Foi enviado por:

- Igreja
- Convenção
- Agência
- Por conta própria exclusivamente para fazer missões

3.3. Ano que chegou ao atual campo de missão? _____

3.4. Antes de trabalhar no atual campo missionário, trabalhou em outro?

- Não
- Sim/Qual país? _____ quando anos? _____

3.5. Veio com tempo determinado de retorno?

- Sim
- Não

3.6. O sustento:

- Integral, por tempo indeterminado
- Integral, por tempo determinado
- Parcial, por tempo indeterminado
- Parcial, por tempo determinado
- Apenas apoio esporádicos
- Nenhuma das alternativas se aplica

3.7. Recebe alguma apoio financeiro de "terceiros" (amigos, família, etc)

- Não
- Sim/quem? _____ Mensal <> Esporádico

Em média quanto (em euros) _____

3.8. Como você avalia o processo de comunicação com a sua igreja/agência/convenção?

- Satisfatório
- Insatisfatório
- Pouco Satisfatório
- Plenamente Satisfatório

3.9. Quanto ao envio do sustento no que diz respeito ao dia estabelecimento?

- Satisfatório
- Insatisfatório
- Pouco Satisfatório
- Plenamente Satisfatório

4. SOCIAL-CULTURAL

4.1. Em que situação você entrou no país de acolhimento?

- Visto de turista
- Visto de estudante
- Visto de Ministro de Culto
- Visto de Trabalho
- Outro _____

4.2. Atualmente em que situação se encontra junto a Autoridade de Migração e Fronteira:

- Naturalizado
- Em processo de naturalização
- Autorização de residência
- Em processo de legalização

4.3. Para além da atividade de missionário/a com que outras atividades ocupa o seu tempo no país de acolhimento?

- Trabalho profissional. Qual (ais)? _____
- Estudo/formação. Qual (ais)? _____
- Trabalho doméstico
- Atividades familiares. Qual(ais)? _____
- Atividades de lazer. Qual (ais)? _____
- Outras. Qual (ais)? _____

4.4. Distribua a percentagem de tempo que gasta em cada uma das atividades seguintes distinguindo o tempo real (**o tempo realmente gasto** em cada em cada uma delas) e o tempo ideal (o tempo que **gostaria de gastar** em cada uma delas). A soma do tempo dedicado ao conjunto das atividades deve perfazer 100%.

	Tempo real	Tempo ideal
1. Atividade missionária	50	25
2. Trabalho profissional	0	0
3. Estudo/formação	30	30
4. Trabalho doméstico	10	10
5. Atividades familiares	5	20
6. Atividades de lazer	0	10
7. Outras.	5	5
	100%	100%

	Tempo real	Tempo ideal
1. Atividade missionária		
2. Trabalho profissional		
3. Estudo/formação		
4. Trabalho doméstico		
5. Atividades familiares		
6. Atividades de lazer		
7. Outras.		
	100%	100%

4.5. Tem plano de Saúde internacional?

- Sim
- Não

4.6. Tem seguro de vida?

- Sim

Não

4.7. Tem (tinha quando enviado) algum tipo de plano de aposentadoria (tipo privado ou INSS / ISS/Jubilção)

Sim - qual _____

Não

4.8. Tem casa (habitação) própria no Brasil ou no campo missionário?

Sim, totalmente paga

Não

Sim, ainda pagando

4.9. Você considera que a sua rede amigos no seu país/cidade de origem sofreu alterações depois da vinda para o campo missionário:

Para melhor, aumentou a cuidado para comigo

Manteve-se como era

Perdi muitos contatos, agora pouco falam comigo

Cai num total esquecimento.

5. ECLESIAÍSTICO-MISSIONAL

5.1. Ainda está vinculado à organização que o enviou?

Sim

Não

5.2. Ainda se sente afetivamente vinculado à organização que o enviou?

Sim

Não

5.3. Como você classificaria a relação afetiva com a sua organização (estando ou não ainda vinculado)?

Claramente expressa.

Expressa.

Claramente inibida.

Inibida.

Claramente indiferente.

Indiferente.

5.4. Como você classificaria a relação afetiva com o Presidente da organização que o enviou (estando ou não ainda vinculado)?

Claramente expressa.

Expressa.

Claramente inibida.

Inibida.

Claramente indiferente.

Indiferente.

5.5. Você sente-se (ou sentia-se) emocionalmente amparado a pela organização que o enviou (estando ou não ainda vinculado)?

Totalmente amparado(a)

Amparado(a)

Em nada amparado(a).

Algumas vezes amparado.

6. SIMBÓLICO

6.1. Quando pensa na palavra “**Missionário**”, indique quais são as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe veem espontaneamente à cabeça. Depois, para cada resposta, assinale em que medida lhe parece que essa palavra/expressão corresponde a um aspecto positivo ou a um aspecto negativo do ser “Missionário” colocando um círculo em torno do número (de 1 a 5) que melhor reflita a sua própria opinião e experiência.

	Palavras/expressões	Valência do aspecto referenciado				
		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
1		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
2		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
3		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
4		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
5		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5

6.2. Quando pensa na palavra “**Escolha**”, indique quais são as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe veem espontaneamente à cabeça. Depois, para cada resposta, assinale em que medida lhe parece que essa palavra/expressão corresponde a um aspecto positivo ou a um aspecto negativo do ser “Missionário” colocando um círculo em torno do número (de 1 a 5) que melhor reflita a sua própria opinião e experiência.

	Palavras/expressões	Valência do aspecto referenciado				
		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
1		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
2		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
3		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
4		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
5		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5

6.2. Quando pensa na palavra “**Renúncia**”, indique quais são as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe veem espontaneamente à cabeça. Depois, para cada resposta, assinale em que medida lhe parece que essa palavra/expressão corresponde a um aspecto positivo ou a um aspecto negativo do ser “Missionário” colocando um círculo em torno do número (de 1 a 5) que melhor reflita a sua própria opinião e experiência.

	Palavras/expressões	Valência do aspecto referenciado				
		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
1		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
2		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
3		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
4		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5
5		Muito negativo 1	2	3	4	Muito positivo 5

Agradecemos a sua participação!

ANEXO – 3B - ESCALA DE AVALIAÇÃO DA ADAPTAÇÃO E COESÃO FAMILIAR.

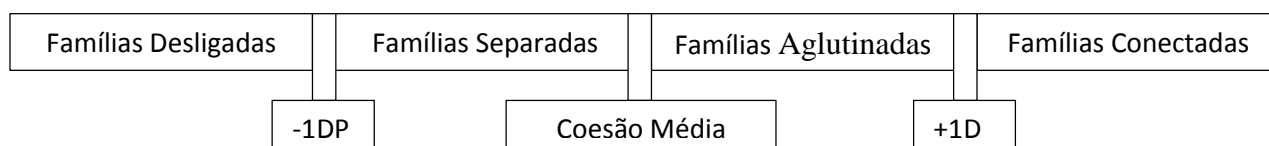
I - DESCRIÇÃO.

FACES III – (Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales) de Olson (1985)¹ traduzida, adaptada e validada em Portugal (Afonso & Leal, 2010; Dantas e Sampaio, 1990) no Brasil (Falceto, 1997). É um questionário individual de autoavaliação sobre o funcionamento familiar, com vinte itens; sendo que estes vinte itens podem ser respondidos em duas dimensões: 1) a família como é; 2) a família ideal (como gostaria que fosse). As questões são respondidas através de uma escala tipo likert, onde para pontuar cada questão, as opções foram numeradas de um a cinco, sendo “*Quase nunca*”, 1 ponto; “*De vez em quando*”, 2 pontos; “*Às vezes*”, 3 pontos; “*Frequentemente*”, 4 pontos e “*Quase sempre*”, 5 pontos. A escala tem como objetivo, em termos psicométricos, avaliar os níveis médios de adaptabilidade e coesão familiar.

O FACES III é um instrumento que já foi traduzido em várias línguas e usado em um número expressivo de estudos, sendo no momento a Escala na área de família mais citada nas publicações acadêmicas. É uma escala que, apesar das críticas, como é natural a sua projeção, vem mostrando-se confiável e de fácil aplicação. Está atualmente em sua terceira versão.

A FACES III, teoricamente, é interpretada a partir do Modelo Circumplexo de Olson. Ele criou uma tabela quanto ao funcionamento familiar, e aplicou a classificação quanto à Coesão e Adaptabilidade, com desvios padrões baixos à esquerda e altos à direita.

Assim, como já se sabe, ele classificou as famílias, quanto a coesão em quatro categorias: Desligadas, Separadas, Aglutinadas e Conectadas; e quanto a adaptabilidade também em quatro categorias: Caóticas, Flexíveis, Estruturadas e Rígidas. Quanto a coesão as famílias separadas e conectadas têm valores menores; e famílias desligadas e aglutinadas tem valores maiores. Desta forma, segundo o Modelo Circumplexo de Olson (2000), é possível medir quantitativamente a coesão, visto que a média dos valores do membro da família define o ponto central. Isto significa dizer que até um desvio padrão à esquerda ficam as famílias separadas, e à direita as famílias aglutinadas; e, portanto, e a partir de um desvio padrão ficam as famílias desligadas à esquerda, e as famílias conectadas à direita. Conforme figura:



Para a dimensão adaptabilidade Olson classificou as famílias em Caóticas, Flexíveis, Estruturadas e Rígidas. O mesmo princípio foi aplicado à questão da adaptabilidade, sendo que os

¹ Cf. Anexo – 3B – FACES III.

Se considerarmos, etimologicamente, o prefixo “*circum*” [Do lat. *circum*- < lat. *circum*.]² quase intuitivamente somos levados a pensar em “círculo”, o que, de facto, o é: «circundar, rodear», de *circum*. Desta forma, “*circum*” é matriz de várias palavras em português: amplexo, apicomplexo³, complexo, implexo; *circum*-adjacente, *circum*-ambiente, *circum*-navegar, *circun*centro. No entanto, *circumplexo*, termina por ser um neologismo, e, em termos gerais, sobretudo, no contexto das ciências sociais, não significa, necessariamente um círculo. Destarte, é possível perceber que em psicologia o termo *circumplexo* faz-se à apresentação de um esquema, não necessária em forma de “círculo”, que, necessariamente, envolve pelos menos duas dimensões diferentes. Assim, tal qual o *Modelo Circumplexo de Olson*, outros, como o *Modelo Circumplexo de Russel* (1980), são citados com frequência na literatura especializada.

Quanto ao risco, as famílias foram classificadas em Balanceadas, que são as famílias que apresentam um baixo risco; as famílias de risco medianos e as famílias extremas que apresentam um alto risco. Para chegar a estes três níveis de risco, Olson e seus colaboradores realizaram as seguintes combinações (os dezesseis tipos de famílias):

Famílias Balanceadas	Separada	Estruturada
	Separada	Flexível
	Conectada	Estruturada
	Conectada	Flexível
Famílias de Risco Médio	Separada	Rígida
	Separada	Caótica
	Conectada	Rígida
	Conectada	Caótica
	Estrutura	Desligada
	Estrutura	Aglutinada
	Flexível	Desligada
	Flexível	Aglutinada
Famílias de Alto Risco	Desligada	Rígida
	Desligada	Caótica
	Aglutinada	Rígida
	Aglutinada	Caótica

III - A MÉDIA – Coesão e Adaptabilidade.

A média tanto da coesão como da adaptabilidade é obtida pela soma dos pontos (1 a 5) às respostas das questões ímpares (para a coesão) e dos pares (para adaptabilidade). Tem-se a pontuação de cada membro da família, da média da coesão e adaptabilidade dos diferentes membros da família, tem-se a média da coesão e da adaptabilidade da família.

² **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 6.0.** ©2009 by Regis Ltda. Verbetes circu(m)-.

³ **Apicomplexa** (do latim *apex*, ponta ou topo + *complex*, trançado + *a*, sufixo) é um grande grupo taxonómico de protozoários, caracterizados pela presença de um complexo apical em algum dos estágios do seu ciclo de vida.

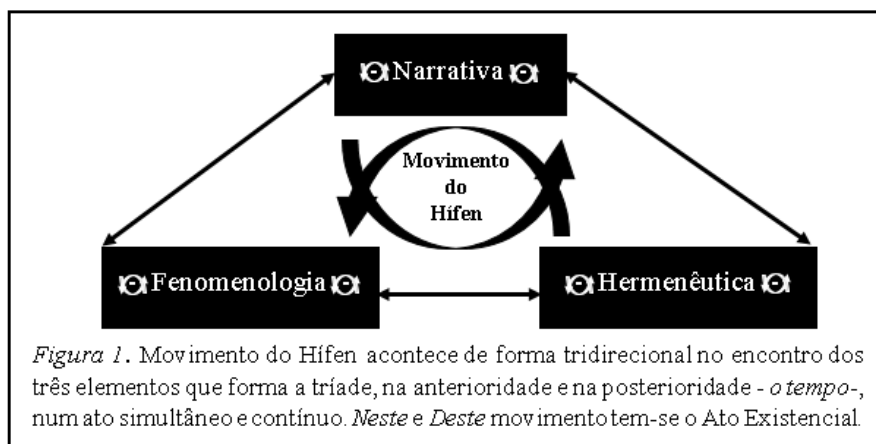
ANEXO - 4 - MATRIZ TEÓRICA DE ANÁLISE.

Sob que crivo de análise esta investigação foi submetida? Ao modelo teórico da tríade que este investigador chama de Movimento do Hífen, na composição: *Narrativa–Hermenêutica-Fenomenológica*. O *Movimento do Hífen* consiste numa leitura existencial numa *Relação Intermitente* da tríade. O Movimento do Hífen é produzido pela Relação Intermitente. O que significa, pois, a Relação Intermitente? Significa que a posição dos elementos do sistema triádico não é fixa, visto que acontece a intermitência oriunda do espaço social que faz com que aconteça um descolamento permanente dos três. A periodicidade e intensidade do descolamento da tríade é contextual, ou seja, depende de uma gama de variáveis presentes no espaço social.

O *Movimento do Hífen* indica que a postura na análise dar-se-á de um único lugar: a *sematicidade*; pois, a sematicidade só é possível porque tem aí um ser de linguagem que se revela no **Ato Existencial**¹. O olhar terá três dimensões: a narrativa, a hermenêutica e o fenômeno. Não significa uma operacionalização a partir de três matrizes “diferentes”, nem uma liquidação das três no sentido de ter apenas uma “unidade”, mas no sentido de uma *ação no tempo*, ou seja, na anterioridade e na posterioridade do movimento. Portanto, a narrativa não é uma *apreensão* do nada, como o fenômeno não é uma *impressão* fantasmagórica, e nem a hermenêutica uma *interpretação* do vazio. O que temos é o Ato Existencial no tempo com atribuição de sentido: apreensão (fenômeno) - impressão (narrativa) - interpretação (hermenêutica). Assim, o Ato Existencial é a tomada de consciência do sujeito quanto a sua condição de ser-no-mundo, e ser-para-morte; sendo, portanto, meio pelo qual o homem se afirma como tal, no reconhecimento da sua condição finita e mundana. O Ato Existencial é o meio pelo qual as potencialidades humanas são realizadas concretamente (Sgreccia, 2009).

¹ Cf. Anexo - 6 - Representação Gráfica do Ato Existencial.

Anexo (4)



Ato existencial, só é possível pensar em categorias estruturais que, aí imerso na ação tríade, a partir de uma pessoa que fala. Objetiva-se, então, por meio do fazer emergir uma Epígrafe. A narrativa tem o verbo, tem o *logos* (λόγος = verbo, palavra, fala). Heidegger, em o Ser e Tempo apresenta de forma precisa a definição do termo λόγος, *logos*. Diz que o significado primordial de λόγος é fala; desta forma, pode se estender a definição para razão, juízo, conceito, definição, fundamento, relação, proporção, palavra. Mas, Heidegger (2008) parece fazer opção por FALA, visto que, como ele indica, λόγος como fala, diz respeito a *dēloyōn* (δηλοῦν): “revelar de que trata a fala”. Se fala revela, é ela fenomenológica. E como sabemos a fala pode ser φωνή *phonē* ou γραφή *graphē*. E como sabemos, a fala é o ambiente da linguagem, e esta se faz no φωνή e γραφή. Heidegger diz que “em seu exercício concreto, a fala (deixa ver) tem o caráter de um dizer, de uma articulação em palavras. O λόγος é γραφή, na verdade φωνή μετά φαντασίας – articulação verbal em que algo é visualizado”. Assim a tríade - *narrativa-fenomenologia-hermenêutica* - posiciona-se na leitura de uma metalinguagem: esta articulação verbal *em que algo é preciso* ser verbalizado.

O que se busca com esta estruturação da tríade como suporte de análise é o *Ato Existencial*. Por isto, ao pensar esta tríade – *narrativa-hermenêutica-fenomenologia* -, conjuga-se a possibilidade da leitura dos atos da intencionalidade a partir de um lugar referenciado, histórico, contado, falado, a partir daquilo que “*se faz ver assim como*”. Esta tríade, quanto suporte de análise, se sustenta, como já foi dito, a partir de conteúdos categoriais. Assim sendo, é o olhar sobre o Ato Existencial, que circula concomitantemente, com a apreensão-narrativa (pessoa que narra), na impressão-fenomenológica (a pessoa que se faz ver assim como) e na interpretação-hermenêutica (que se projeta em sentido interpretativo), que estabelece a estruturação categorial. Em termos gráficos, podemos pensar conforme o descrito no anexo - 6 - *Representação Gráfico da Ato Existencial*.

Anexo (4)

2

O que, portanto, se buscou articular neste Enquadramento Teórico foi descrever o arcabouço discursivo no qual o *assunto-tema* desta investigação se sustenta na Escolha, o conceito de entrada por onde toda exposição foi construída, passando pela afirmação de que o ser humano é destinado a fazer escolhas. No entanto, demonstrando que a escolha não é um *ato-de-si-mesmo*, ou *por-si-mesmo*; escolher é um ato vinculado, estruturalmente, aos motivos. Foi demonstrado que os motivos se estabelecem a partir de três Instâncias de Convergências: 1) concepção de indivíduo (O Si); 2) a sua relação com o mundo social (O Outro); e 3) como se dá seu processo de escolha (O Ato). No entanto, para justificar este “lugar da escolha” - Instâncias de Convergências - é preciso que tenha elementos de possível mensuração, e, desta forma, foram apresentadas as três Dimensões da Base Psicológica: 1) Dimensão Cognitiva; 2) Dimensão Emocional; 3) e Dimensão Comportamental.

Porém, o que é foco da investigação não é a fé da pessoa, ou seja, a fé em si, mas os efeitos comportamentais da prática desta fé, isto é, o comportamento que emerge da cena litúrgica. Assim, na configuração da arquitetura da investigação, este Enquadramento Teórico, lança os elementos que serão demonstrados no Enquadramento Metodológico, na sua forma de operacionalização (centrada em aspectos de semiótica e semânticidade) e, por conseguinte, na Análise dos Dados da investigação, a apresentação e discussão dos resultados, através dos quais se procura responder a questão central da investigação: compreender de que forma a família dos missionários brasileiros em trabalho transcultural organiza a resposta *intrafamiliar* à escolha de ser família missionária.

ANEXO 5 - JUSTIFICATIVA PARA ARTICULAÇÃO COM O INTERACIONISMO SIMBÓLICO.

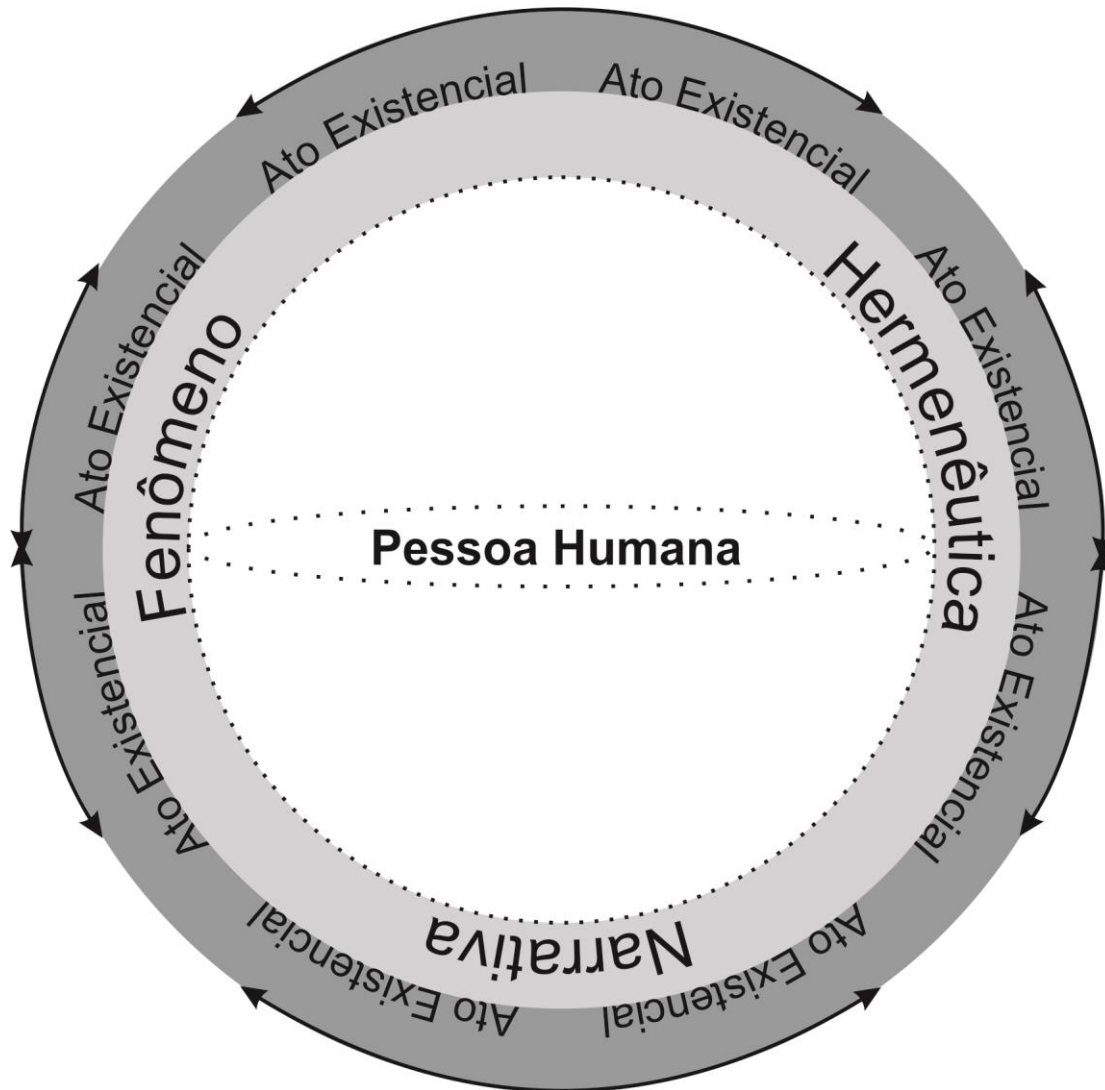
Partindo do pressuposto que esta investigação produziria uma quantidade significativa de dados, fazendo com que o investigador demandasse um olhar multifacetado quanto ao tratamento destes dados, uma vez que os dados terminaram por produzir uma diversidade de significados. Miguel e Popadiuk (2014) argumentam que, neste caso, vai “demandar a combinação de técnicas de análise, de forma que todo tipo de dado possível faça parte do estudo e seus significados possam ser devidamente capturados pelo pesquisador, visando a melhor compreensão do fenômeno em análise” (p.358).

Neste mesmo sentido Campos (2004) afirma que em pesquisas qualitativas, muitas vezes se “deve obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta” (p.611), o referido autor justifica no mesmo lugar, tal opção dizendo que isto se dar ao facto de que pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados, ou seja, “seu caráter polissêmico numa abordagem naturalística”. Assim, considerando o objetivo geral específicos desta investigação, percebeu-se, que análise dos dados demandaria uma combinação de técnicas de análise, e, que permitisse que o fenômeno investigado fosse compartilhamento com estes dois olhares epistemológicos. Assim, além da Teoria da Escolha Racional, acima descrita, o fenômeno de investigação comportaria uma articulação com o paradigma interacionista simbólico.

Esta interação se fez necessária porque os dados com o grupo de indivíduos com o qual o pesquisador interagiu durante o processo de investigação são contextuais. E, sobretudo, porque a característica desses dados é, por natureza, subjetiva, o que significa dizer que o processo de análise depende da interpretação do pesquisador, articulando assim com a **Matriz Teórica de Análise**¹, que este investigador chama de *Narrativa–Hermenêutica-Fenomenológica*.

¹ Cf. Anexo – 4 – Matriz Teórica de Análise.

ANEXO - 6 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO ATO EXISTENCIAL.



O Ato Existencial é resultado e produto do Movimento do Hífen, que por sua vez, é o encontro dos três elementos - *Narrativa-Hermenêutica-Fenomenológica*. O ser humano é imerso no tempo, por meio das “engrenagens” que produzem o Movimento do Hífen no tempo (anterioridade e posterioridade) em sentidos dimensionais - *caleidoscópicos* – na produção de sentido no espaço social.

ANEXO – 7 – CARTA CONVITE PARA PARTICIPAR DO ESTUDO

Porto, 09/12/2013

Ex.m^a Senhor(a)

Assunto: Possível colaboração numa investigação académica

Na qualidade de estudante do Mestrado em Temas de Psicologia na Área de Especialização de Psicologia da Família (linha de investigação: Relações Intergeracionais), da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, encontro-me a realizar um trabalho de investigação subordinado ao tema: “Famílias brasileiras em Missões transculturais: Análise *Intrafamiliar* da escolha em ser família missionária”, sob orientação da Prof^a. Doutora Inês Maria Guimarães Nascimento.

Para que a investigação seja possível torna-se indispensável a participação de famílias de missionários brasileiros que tenha sido enviado por uma igreja, agência missionária ou convenção. Agradecendo, desde já, a V. melhor atenção e abertura a esta colaboração aguardamos o favor da V. resposta a este pedido contando que a mesma possa ser célere o bastante de modo a não comprometer o cumprimento dos prazos definidos para a realização da investigação e dissertação em curso.

Com os meus melhores cumprimentos,

Raimundo Francisco Frank Ribeiro
Tlm.: 969826188
Email:psifrankribeiro@gmail.com

NOTA: Este pedido tem o conhecimento e a aprovação da orientadora do projeto de investigação,

Prof^a. Doutora Inês Maria Guimarães Nascimento

ANEXO – 8 – CARTA CONVITE PARA PARTICIPAR DO ESTUDO – VERSÃO ONLINE

Porto, 02/01/2014

Ex.mª Senhor(a)

Assunto: Possível colaboração numa investigação académica

Na qualidade de estudante do Mestrado em Temas de Psicologia na Área de Especialização de Psicologia da Família (linha de investigação: Relações Intergeracionais), da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, encontro-me a realizar um trabalho de investigação subordinado ao tema: “Famílias brasileiras em Missões transculturais: Análise *Intrafamiliar* da escolha em ser família missionária”, sob orientação da Profª Doutora Inês Maria Guimarães Nascimento.

Para que a investigação seja possível torna-se indispensável a participação de famílias de missionários brasileiros que tenha **tido enviado por uma igreja, agência missionária ou convenção**. Quanto a participação dos filhos com idade entre os 12 e 17 anos, este pedido de participação já os contemplam, desde que os pais o(s) comuniquem(m), lendo o referido convite e perguntando se o(s) mesmo(s) deseja(m) participar.

A referida participação dar-se-á de forma **online**, por meio de três questionários auto respondidos: o primeiro é sociodemográfico; o segundo é sobre a dinâmica família e o terceiro é uma entrevista com resposta abertas.

Agradecendo, desde já, a V. melhor atenção e abertura a esta colaboração aguardamos o favor da V. resposta a este pedido contando que a mesma possa ser célere o bastante de modo a não comprometer o cumprimento dos prazos definidos para a realização da investigação e dissertação em curso.

Consideramos que a vossa participação é importantíssima para tornar mais consistente a amostra populacional desta investigação. Portanto, sendo possível participarem, envie-nos os vossos e-mails pessoais (o sistema só aceita uma resposta por e-mail), para que possamos iniciar o processo da participação, neste caso, como primeiro procedimento, enviando-lhes o Termo de Consentimento Livre e Informado.

Com os meus melhores cumprimentos,

Raimundo Francisco **Frank Ribeiro**
Tlm.: (351) 969826188
Email:psifrankribeiro@gmail.com

NOTA: Este pedido tem o conhecimento e a aprovação da orientadora do projeto de investigação,

Profª. Doutora Inês Maria Guimarães Nascimento

ANEXO 9 – PROCEDIMENTO PARA APLICAÇÃO DA FACES III

Conforme as respostas da FACE III, atribui-se a seguinte regra de contagem:

Parte I: SUA FAMÍLIA como é agora (atual). Os números ímpares (1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, e 19) referem-se à coesão (ou União) familiar. **Procedimento:** Soma-se os pontos de cada um para determinar a Pontuação em Coesão. Em seguida, o círculo no topo da grelha.

Pontuação da COESÃO familiar. Os números pares (2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, e 20) referem-se a adaptabilidade familiar. **Procedimento:** Soma-se os pontos de cada um para determinar a Pontuação em adaptabilidade (Ou Mudança). Em seguida, o círculo no topo da grelha.

Pontuação da ADAPTABILIDADE familiar.

Agora que foi feito a pontuação e marcado os dois resultados, é preciso traçar uma linha de cada um e ver em qual ponto (número) eles se encontram.

Parte II: A FAMÍLIA IDEAL QUE VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE.

As pontuações nesta dimensão são feitas da mesma maneira que na parte I. Os números ímpares (21, 23, 25, 27, 29, 31, 33, 35, 37, e 39) representam o Ideal de Família na dimensão Coesão. Os números pares (22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, e 40) representam o ideal de Família na dimensão Adaptabilidade.

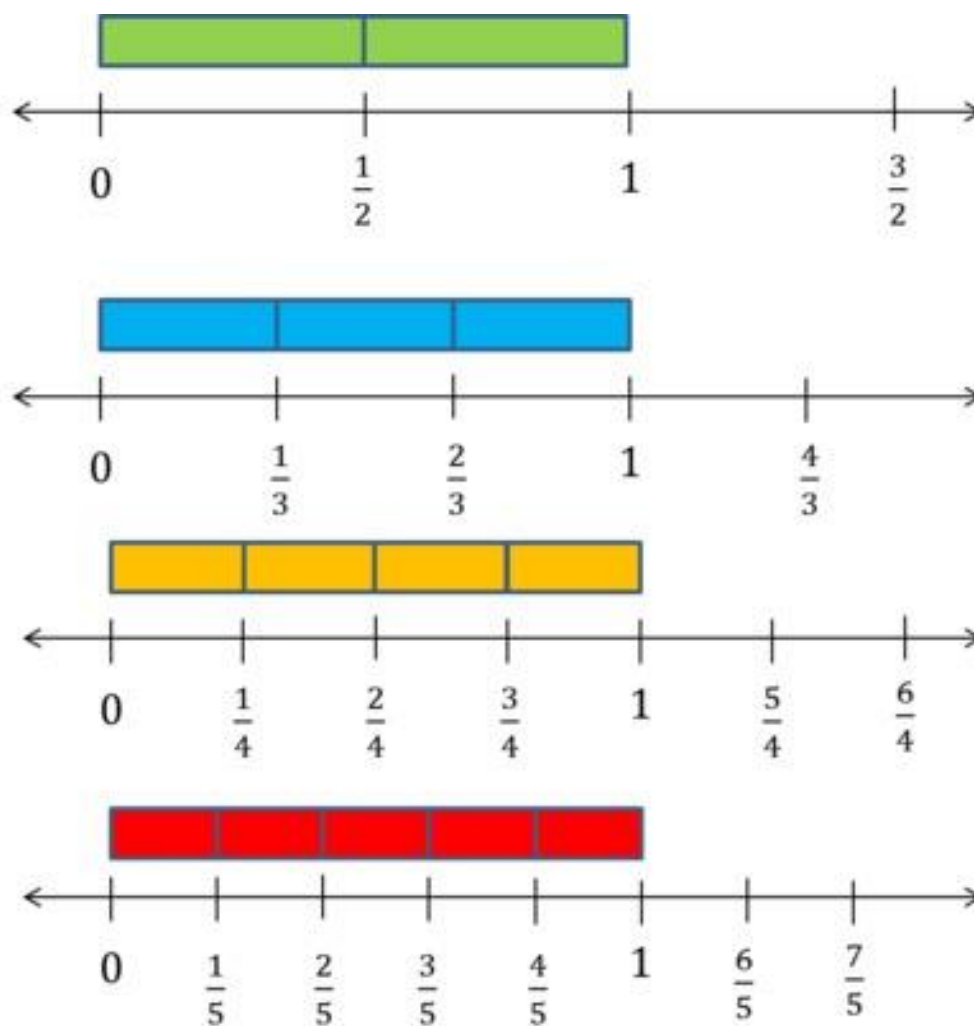
AVALIAÇÃO: 1) Qualquer um dos dezesseis tipos de famílias são aceitáveis, se todos os membros da família desejarem o mesmo tipo específico. No entanto, nos dezesseis tipos de família, nos quadrados no meio (n.º 6, 7, 10, e 11) apontam para as famílias mais equilibradas; 2) os quadrados médios (n.º 2, 3, 8, 12, 15, 14, 9, e 5). Indicam Famílias com perfil na média, em relação as equilibradas e aqueles em que estão nos extremos; 3) os quadrados que representam famílias extremas estão aqueles nos cantos (n.º 1, 4, 13 e 16), representando os extremos de Coesão e adaptabilidade.

ANEXO – 10 - QUADRO SEMIÓTICO – CATEGORIZAÇÃO SEMÂNTICA.

1	Trabalho	101	42	Cumprir	3	83	Crescimento	1
2	Obra	100	43	Desafio	3	84	Cuidados	1
3	Campo	80	44	Dinâmica	3	85	Cumprida	1
4	Chamado	77	45	Escolher	3	86	Cumpriram	1
5	Realidade	68	46	Escolheria	3	87	Dedicação	1
6	Chamada	56	47	Feliz	3	88	Dificuldades	1
7	Amor	54	48	Hipótese	3	89	Emoção	1
8	Palavra	54	49	Influência	3	90	Enviado	1
9	Coração	52	50	Legalidade	3	91	Enviar	1
10	Visão	46	51	Obedecer	3	92	Equilibrar	1
11	Difícil	60	52	Privilegio	3	93	Equilíbrio	1
12	Experiência	43	53	Sofrer	3	94	Escolhemos	1
13	Plano	22	54	Ansiedade	2	95	Escuta	1
14	Estrutura	21	55	Caminhos	2	96	Escutar	1
15	Planos	20	56	Campos	2	97	Estruturada	1
16	Cuidado	19	57	Confirmação	2	98	Exigência	1
17	Sentimento	18	58	Conscientizar	2	99	Financeira	1
18	Vocação	14	59	Conscientizou	2	100	Financeiro	1
19	Propósito	13	60	Consciência	2	101	Fácil	1
20	Sonho	12	61	Desafios	2	102	Ide	1
21	Trabalhar	12	62	Desconforto	2	103	Influenciou	1
22	Convicção	7	63	Estruturar	2	104	Limitarem	1
23	Experiências	7	64	Felizes	2	105	Limitações	1
24	Alegria	6	65	Integral	2	106	Lágrimas	1
25	Caminho	6	66	Renunciar	2	107	Maturidade	1
26	Conhecer	6	67	Satisfação	2	108	Mistério	1
27	Escolha	6	68	Sentir	2	109	Obedecida	1
28	Sonhos	6	69	Sofreram	2	110	Palavras	1
29	Almas	5	70	Trabalhadores	2	111	Permanecer	1
30	Realização	5	71	Amar	1	112	Possibilidades	1
31	Trabalhos	5	72	Aprovação	1	113	Promessa	1
32	Adaptar	4	73	Braços	1	114	Realidades	1
33	Certeza	4	74	Chama	1	115	Realizar	1
34	Comida	4	75	Chamar	1	116	Refeição	1
35	Gratificante	4	76	Chamou	1	117	Renúncia	1
36	Identificar	4	77	Choraram	1	118	Resultados	1
37	Ministério	4	78	Chorei	1	119	Seara	1
38	Possível	4	79	Chorou	1	120	Sufrimento	1
39	Sentimentos	4	80	Comprovação	1	121	Trabalhou	1
40	Vontade	4	81	Consolo	1			
41	Abraão	3	82	Crescer	1			

ANEXO – 11 – REPRESENTATIVIDADE PARA O QUADRO SEMIÓTICO.

O motivo que levou o investigador a escolher a “ordem 4” como fator de expressão da série de frequência foi por uma questão de “**lógico representativa**”, pois, nesta investigação, que é de matriz qualitativa, estes signos são "expressões" no sentido de que manifestam numa série frequência (que são sinais de operação que se representa num número). Desta forma, conforme o gráfico abaixo, a “ordem de 4” representa melhor a frequência (n=121). Pois, a “ordem de 1” deixaria a frequência dispersa, visto que manteria os 121 signos-palavras, o que privilegia os signos menos frequentes; da mesma forma a “ordem de 2”, apenas diminuindo um pouco a dispersão; já a “ordem de 5” excluiria signos-palavras com mais frequência acumulada. Assim, a “ordem de 4” distribui mais equitativamente as frequências semióticas.



ANEXO – 12 - CONSULTA DE FREQUÊNCIA DE PALAVRAS – PRIMEIRO FILTRO.

Missões	Chamado	Vivência	Futuro
---------	---------	----------	--------

Nº	Palavra	Frequência	(%)
1	Trabalho	101	8,70%
2	Obra	100	8,61%
3	Campo	80	6,89%
4	Chamado	77	6,63%
5	Realidade	68	5,86%
6	Chamada	56	4,82%
7	Amor	54	4,65%
8	Palavra	54	4,65%
9	Coração	52	4,48%
10	Visão	46	3,96%
11	Difícil	60	5,17%
12	Experiência	43	3,70%
13	Plano	22	1,89%
14	Estrutura	21	1,81%
15	Planos	20	1,72%
16	Cuidado	19	1,64%
17	Sentimento	18	1,55%
18	Vocação	14	1,21%
19	Propósito	13	1,12%
20	Sonho	12	1,03%
21	Trabalhar	12	1,03%
22	Convicção	7	0,60%
23	Experiências	7	0,60%
24	Alegria	6	0,52%
25	Caminho	6	0,52%
26	Conhecer	6	0,52%
27	Escolha	6	0,52%
28	Sonhos	6	0,52%
29	Almas	5	0,43%
30	Realização	5	0,43%
31	Trabalhos	5	0,43%
	Total de Frequência	1001	86,22%
	<i>As Outras Palavras Acumuladas</i>	<i>160</i>	<i>13,78%</i>
*As Outras Palavras Acumuladas			
Palavras	Frequência / Vezes	Total de Frequência Acumuladas	
4	9	36	
3	13	39	
2	17	34	
1	51	51	
Vede o Anexo 13			

ANEXO – 13- CONSULTA DE FREQUÊNCIA DE PALAVRAS – SEGUNDO FILTRO.

Primeiro Filtro			Segundo Filtro		
Palavra	FreqAcu1 ¹	%	Semanticidade Estruturada	FreqAcu2 ²	%
Trabalho	101	10,09	Missões (Kerigma / Proclamação)	357	35,66
Obra	100	9,99			
Campo	80	7,99			
Palavra	54	5,39			
Trabalhar	12	1,20			
Realização	5	0,50			
Trabalhos	5	0,50			
 					
Chamado	77	7,69	Chamada (Koinonia / Comunhão)	288	28,77
Chamada	56	5,59			
Coração	52	5,19			
Visão	46	4,60			
Sentimento	18	1,80			
Vocação	14	1,40			
Propósito	13	1,30			
Conhecer	6	0,60			
Escolha	6	0,60			
 					
Realidade	68	6,79	Vivência (Kenosis / Renúncia)	171	27,07%
Difícil	60	5,99			
Amor	54	5,39			
Experiência	43	4,30			
Estrutura	21	2,10			
Convicção	7	0,70			
Experiências	7	0,70			
Alegria	6	0,60			
Almas	5	0,50			
 					
Plano	22	2,20	Futuro Kairós / Tempo	85	8,49
Planos	20	2,00			
Cuidado	19	1,90			
Sonho	12	1,20			
Caminho	6	0,60			
Sonhos	6	0,60			
				1001	100%

¹ Frequência Acumulada do Primeiro Filtro

² Frequência Acumulada do Segundo Filtro

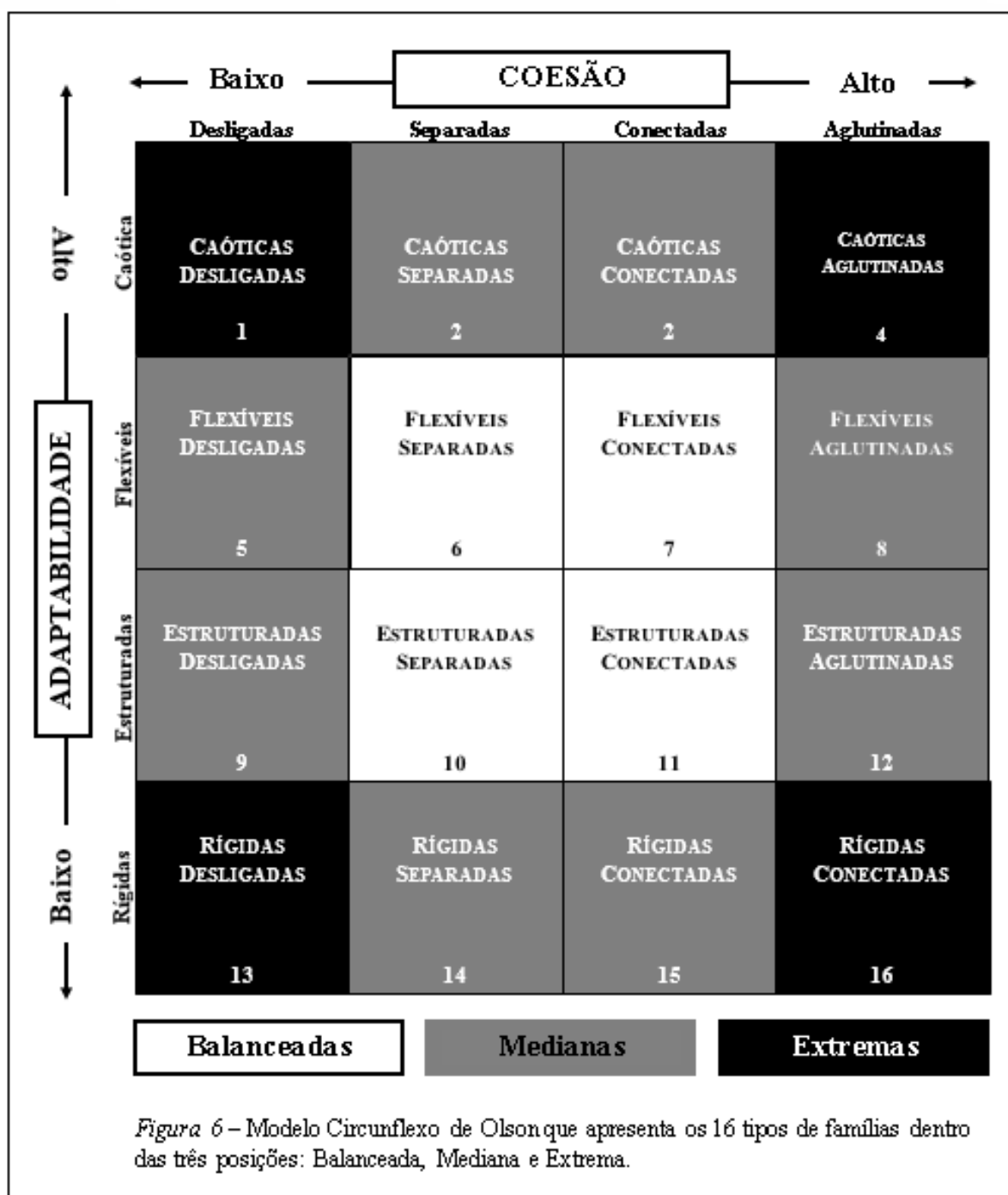
ANEXO - 14 – FIGURA 4 – TIPOS DE FAMÍLIAS - POR PESSOAS.

ATUAL		IDEAL	
CH	Rígida Conectadas	P1	Rígida Conectadas
	Rígida Conectadas	P2	Rígida Aglutinadas
CX	Estrutura da Conectadas	P1	Estrutura da Conectadas
	Flexível Conectadas	P2	Flexível Conectadas
	Flexível Conectadas	P3	Flexível Conectadas
	Estrutura da Aglutinadas	P4	Estrutura da Aglutinadas
	Flexível Conectadas	P5	Flexível Conectadas
FT	Estrutura da Conectadas	P1	Estrutura da Conectadas
	Estrutura da Separada	P2	Rígida Aglutinadas
RR	Estrutura da Aglutinadas	P1	Estrutura da Aglutinadas
	Estrutura da Aglutinadas	P2	Estrutura da Aglutinadas
CT	Estrutura da Conectadas	P1	Flexível Conectadas
	Rígida Aglutinadas	P2	Rígida Ligada
AR	Rígida Conectadas	P1	Rígida Conectadas
	Rígida Separada	P2	Rígida Separada
CS	Estrutura da Aglutinadas	P1	Estrutura da Conectadas
	Estrutura da Conectadas	P2	Estrutura da Ligada
SB	Estrutura da Conectadas	P1	Flexível Conectadas
	Estrutura da Conectadas	P2	Estrutura da Aglutinadas
BT	Estrutura da Aglutinadas	P1	Estrutura da Aglutinadas
	Estrutura da Aglutinadas	P2	Flexível Conectadas
AV	Rígida Aglutinadas	P1	Rígida Aglutinadas
	Rígida Aglutinadas	P2	Rígida Conectadas
RQ	Rígida Conectadas	P1	Rígida Conectadas
	Rígida Conectadas	P2	Estrutura da Conectadas

Figura 4. Resultado do movimento individual quanto tipo das famílias na relação entre o ATUAL (como a família é) e o IDEAL (como gostaria que a família fosse).

NOTA: Quanto aos números das figuras, considere que as mesmas estão distribuídas por entre todos os anexos.

ANEXO - 15 – FIGURA 6 – MODELO CIRCUNFLEXO.



NOTA: Quanto aos números das figuras, considere que as mesmas estão distribuídas por entre todos os anexos.

ANEXO - 16 – FIGURA 5 – TIPOS DE FAMÍLIAS - POR FAMÍLIAS.

FA	TIPO	MD	ATUAL	MD	IDEAL
CH	Coesão	C41	Rígida-Conectada	C43	Rígida-Conectada
	Adaptação	A18		A17	
CX	Coesão	C40	Estruturada-Conectada	C43	Estruturada-Conectada
	Adaptação	A27		A29	
FT	Coesão	C35	Flexível-Aglutinada	C39	Rígida-Aglutinada
	Adaptação	A25		A15	
RR	Coesão	C36	Estruturada-Aglutinada	C34	Estruturada-Aglutinada
	Adaptação	A22		A21	
CT	Coesão	C42	Estruturada-Conectada	C34	Estruturada-Conectada
	Adaptação	A20		A21	
AR	Coesão	C34	Rígida-Aglutinada	C34	Rígida-Conectada
	Adaptação	A14		A09	
CS	Coesão	C36	Estruturada-Aglutinada	C38	Estruturada-Aglutinada
	Adaptação	A21		A29	
SB	Coesão	C44	Estruturada-Conectada	C47	Flexível-Conectada
	Adaptação	A28		A31	
BT	Coesão	C34	Estruturada-Aglutinada	C44	Flexível-Conectada
	Adaptação	A21		A30	
AV	Coesão	C37	Rígida-Aglutinada	C39	Rígida-Aglutinada
	Adaptação	A17		A18	
RQ	Coesão	C43	Rígida-Conectada	C49	Ligada-Conectada
	Adaptação	A10		A19	

Figura 5. Classificação (TIPO) pela média da Família (FA) na relação entre ATUAL (como a família é) e IDEAL (como gostaria que a família fosse), quanto a Coesão (C) e a Adaptação (A), onde os números à direita de C e A correspondem média familiar.

NOTA: Quanto aos números das figuras, considere que as mesmas estão distribuídas por entre todos os anexos.

ANEXO – 17 – PISTA PARA TRABALHOS FUTUROS.

PISTAS PARA ESTUDOS FUTUROS.

Esta investigação não teve, e nem devia, como não podia, ter a intenção de responder todas as questões levantadas no interior da mesma. E como parte do arcabouço investigativo, a opção da recomendação para trabalhos futuros é uma das melhores alternativas para o quadro conclusivo desta investigação. Neste sentido, as recomendações aqui apresentadas são aquelas que estão mais no liminar desta investigação, que “poderiam” ter sido abordadas, mas, que por uma questão de operacionalização, regras e/ou normas institucionais não o foram. No entanto, vale dizer, que o facto de não terem sido abordadas, de forma alguma, comprometeu o desenvolvimento da investigação, pois, a mesma manteve-se sempre fiel ao seu tema e objetivos, os quais foram explorados em todas as suas possibilidades. Tal significa que o que “*poderia ter sido abordado*” de forma alguma desqualifica o “*que foi abordado*”.

Desta forma, as recomendações são pensadas no sentido de que novas investigações necessitam ser mescladas entre estudos qualitativos e quantitativos. Lembrando que, as indicações de possíveis novas investigações que foram apresentadas do *corpus* da discussão dos resultados são vinculadas às recomendações a seguir. Assim, o que “*poderia ter sido abordado*” de forma alguma desqualifica ou descaracteriza o “*que foi abordado*”.

Qualidade de vida, Saúde Mental e Família Missionária.

Observou-se que no processo narrativo das famílias que participaram desta investigação, há um indicativo de um comportamento para este grupo – os missionários -, que, como outros grupos de profissionais – professores, policiais, profissionais de saúde, bombeiros, etc -, estão expostos ao adoecimento mental de forma mais direta por conta de todas as demandas contextuais com as quais são obrigados a lidar diariamente (Amato, Pavin, Martins, Ronzani, & Batista, 2010; Anchieta, Galinkin, Mendes, & Neiva, 2001; Assunção, & Oliveira, 2009; Fontana, & Pinheiro, 2010; Souza, Assis, & Oliveira, 2011; Vianey, & Brasileiro, 2003). Portanto, investigações nesta área podem contribuir significativamente para compreender melhor as implicações pessoais, familiares e sociais da escolha missionária de modo a permitir que as famílias que se dispõem à função missionária possam estar mais cientes das exigências com que se virão a confrontar. No decorrer da revisão de literatura, foi possível observar que, especificamente sobre a questão do adoecimento mental entre as famílias missionárias, não há estudos que contemplem este grupo de forma específica. Ora, não pode ignorar-se que os *trabalhadores da religião* constituem um grupo com elevada

representatividade no contexto brasileiro e que, portanto, estudos com este grupo será uma grande contribuição para a compreensão melhor do seu funcionamento.

Observa-se que há cada vez mais literatura (livros, especialmente, que tratam teoricamente) no contexto de missões que fala sobre aspectos psicológicos da vida do missionário e sobre a necessidade que esta dimensão seja levada em consideração no processo de seleção, treinamento e envio. Não se tem conhecimento de trabalhos empíricos (é possível que exista), especialmente na língua portuguesa brasileira, produzido no contexto da vivência de famílias brasileiras, pelo que novos esforços de investigação com foco na unidade familiar, parecem revestir-se de especial interesse.

Questões de Gênero e Escolha Missionária.

Sabe-se que a presença feminina na obra missionária, historicamente, é mais expressiva que na atividade pastoral na igreja local. As mulheres, no contexto de missões, assumem mais posições de liderança de relevância, como presidir grandes agências missionárias, ao passo que na atividade no contexto da igreja local – salvo nos últimos 20 anos, em função do movimento neopentecostal, fez configurar novos papéis da mulher, como pastoras -, as mulheres sempre mantiveram-se em posições de bastidores, quando não, servindo da posição de “mulher de pastor”. Desta forma, investigações que pudessem evidenciar a importância, a forma, as contribuições, enfim, a presença das mulheres no contexto da obra missionária, quer como missionárias solteiras, quer como casadas.

Portanto, esta pista vai no sentido de corroborar ou não o que se observou, e que, no corpo da discussão, foi assinalado como narrativa de transição ventrada nas questões do gênero onde é possível observar um discurso que transfere o “nós” para a imagem da família nuclear (a escolha é da família), com a figura assumida do homem como patriarca (na verdade, a escolha é do homem). Esta descoberta é muito significativa, sendo, especialmente, de valorizar, a sua importância a nível psicossocial. Fica, para esta investigação, caracterizado como *Narrativa de Transição*, a postura da pessoa que narra, presente na cena como coautor, mas que, destina ao outro a autoria desta cena. O resultado desta investigação mostrou que a postura narrante das mulheres é de transição, e os homens aceitam o papel. Assim, a estrutura narratológica “dela” posiciona-se no “ele, “nEle” ou “dEle”; e, inversamente, a estrutura narratológica “dele” posiciona-se no “eu”. Será de grande valia tentar compreender como e porque acontece esta Narrativa de Transição e como ela é administrada no contexto de missões, nomeadamente, no contexto da dinâmica interna da vida familiar.

Processos Migratórios e Identidade e Missões.

Todo trabalho missionário é, invariavelmente, um trabalho que se submete às dinâmicas do processo migratório, e tem relação direta com a questão da identidade. A revisão de literatura realizada, não encontrou nenhuma pesquisa que levantasse a questão do processo migratório e a relação direta com o trabalho de *famílias missionárias*. É bem verdade que já há uma gama de trabalhos sobre o processo migratório e “a religião evangélica”¹, no entanto, é possível observar que estas investigações (e também artigos de opinião) são, em grande parte, de matriz sociológica e antropológicas, além do aspecto político governamental. Este investigador intui e pressupõe que a efervescência de estudos vinculando o processo migratório e religião, tenha uma relação direta com o “11 de setembro” (fica mais um indicativo que pode ser investigado); neste caso, sendo possível estabelecer uma “genealogia cronológica”, desta efervescência dos estudos que relacionam o processo migratório e religião, com o “11 de setembro”, tem-se aí um forte indicativo de uma contaminação xenofóbica pela mera generalização preconceituosa do olhar negativo sobre o fator religioso. Todavia, tenderia a sugerir-se algo mais focal, que buscasse entender, a partir do núcleo familiar – a *família missionária* -, quais as dinâmicas que envolvem o processo migratório (legal) fundado no direito universal de qualquer pessoa ir e vir. Daí que, possíveis estudos nesta área seriam uma mais valia significativa para perceber as relações entre a obra missionária, as famílias envolvidas e o processo migratório, tendo como foco investigativo o núcleo familiar e o seu funcionamento no contexto da obra missionária e do processo migratório.

Missões e Psicologia Cultural/Transcultural.

Observa-se que há cada vez mais literatura (livros, especialmente, que tratam teoricamente) que aborda os aspectos culturais e antropológicos das missões. No entanto, pouco se tem sobre a perspectiva psicológica e sua relação com a cultura, ou seja, trabalhos na área de missões de psicologia cultural-transcultural. Buscar empreender como se articula a psicologia no contexto cultural é de vital importância, pois, pode instrumentalizar as agências, igrejas e convenções com dados credíveis e consistentes que possam nortear os processos de seleção, preparação, envio e sustento das famílias missionárias. Talvez esta possa vir a mostra-se uma via promissora para a investigação, pois reveste-se de evidente relevância científica e social.

¹ Na opinião deste investigador é um equívoco epistemológico esta nomeação de “religião evangélica”. “Evangélico” é uma segmentação dentro de uma classificação religiosa, tendo o Cristianismo como religião. Especificamente, é cristã-protestante.

Resiliência.

A questão da resiliência está presente na cena acadêmica científica desde a virada da década de 70 para 80 no século passado. Se convencionou classificar as origens das pesquisas sobre resiliência em três grupos: a) a origem americana ou anglo-saxônica (mais pragmática e comportamentalista), a europeia (mais ética e relativista) e a latino-americana (mais comunitária e social). Desta forma, este é um dos assuntos com forte visibilidade.

No processo de revisão de literatura encontrou-se uma gama de trabalhos sobre resiliência tendo-se observado que, em dado momento, começou-se a considerar a religiosidade/espiritualidade como fatores que influenciam positivamente a resiliência (Fernando, & Ferrari, 2011; Greeff, & Joubert, 2007; Greeff, & Loubser, 2008; Greeff, & Merwe, 2004; Mulcahy, 2007; Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007; Pentz, 2005). No entanto, são poucos os trabalhos realizados com os próprios agentes religiosos, e, no que diz respeito à família missionária, com base na Bibliografia e Referência Bibliográfica que compõem a base da revisão de literatura desta dissertação, não foi identificado nenhum trabalho neste sentido. Desta forma, considera-se de grande relevância que investigações sobre resiliência e famílias missionárias sejam realizados nos mais diferentes contextos culturais, objetivando observar se existe ou não comportamentos de resiliência, quais são e, caso existam, determinar os fatores que lhe estão subjacentes.

Família em Missões e Psicolinguística.

Considerando ter sido o *sistema semiótico* um dos mais expressivos no cômputo geral desta investigação, pesquisá-lo a partir da psicolinguística se faz necessário, sobretudo, buscando compreender de que forma os verbos combinados em chamar-treinar, enviar-sustentar, acolher-cuidar, a partir da Teoria Triangular, são percebidos no contexto da família missionária sob a perspectiva das categorias de Verbos Psicológicos, Verbos Existenciais, Verbos Epistêmicos e Verbos Declarativos. Seria, nomeadamente, interessante analisar em que sentido e de que forma estes verbos combinados e os verbos das referidas nas categorias se articulam com os *signos estruturantes* e os *signos circulantes* evidenciados nesta investigação.

ANEXO – 18 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Estas considerações finais apontam em dois sentidos: Primeiro, incidem nas limitações do estudo; segundo, problematizam as implicações práticas do estudo (políticas, sociais, institucionais, e para a intervenção psicológica).

LIMITAÇÕES DO ESTUDO.

São consideradas duas direções. A primeira foi de ordem *orgânica*, a segunda de ordem *logística*.

1) As limitações orgânicas. Neste caso, destacam-se cinco limitações:

(a) *a especificidade do grupo*, ficou muito claro, no decorrer da recolha de dados, que em todas as famílias participantes houve um grau elevado de resistência, não em dizer sim “para participar”, mas em “expor-se” de forma clara e aberta quanto às questões levantadas; isto foi evidente, e categorizado na discussão dos resultados como uma tentativa de resguardar a fé e proteger a imagem institucional, e quando se fala em “*imagem institucional*”, esta preocupação não é com o “nome da denominação”, mas o “nome do evangelho”;

(b) *timidez no discurso dialógico*: apesar dos dados sobre a escolaridade apresentarem um índice de literacia considerado muito bom, no sentido de graduação e pós-graduação, observou-se, no entanto, que o aspecto de articulação, fluidez das ideias, coesão, coerência e clareza nas respostas, podem ser considerados “tímidos”; embora, esta afirmação possa ser contestada com o argumento que isto é “muito subjetivo”, e que numa “resposta tímida pode-se ter muito conteúdo”, não é neste sentido que se pensa aqui esta timidez; pensa-se esta timidez entre o que foi declarado como escolaridade, e aquilo que se espera como habilidade e competência como resultados desta declaração de escolaridade, especialmente, a competência dialógica, e não se deve confundir dialogicidade com oralidade (expressividade); esta dialogicidade é vista como a capacidade de articular-se sobre o conhecimento social e a falta desta articulação de forma clara e segura, limitou o estudo. Assim, quando se transformou a “fala” em “texto”, observa-se com clareza esta “timidez”, que, por um lado, é fruto da resistência em abrir a “casa”, por outro lado, pela falta, como dito, da dialogicidade.

(c) *o entendimento heroico sobre a vida espiritual e a fé*, observa-se de forma geral dentro dos grupos religiosos, e, neste caso, a família missionária, não foge à regra, a uma postura heroica em relação à fé; tanto é que, em algumas versões do texto bíblico, os epígrafes usados como recurso didático para ajudar na leitura, tomou o célebre capítulo 11 do livro de Hebreus, texto que fala sobre fé, é epigrafado de “os heróis da fé”. Isto se instituiu de forma “natural”, de maneira que, o homem da fé, se posiciona também, “naturalmente”, deste lugar, por isto: o herói não pode revelar qual e quais são os seus “pontos fracos”.

d) *a figura “ameaçadora” da investigação e do investigador*. Os grupos religiosos têm como característica principal a preservação da dinâmica da sua vida interna, quer quanto ponto de vista institucional (a perspectiva da organização), quer do ponto de vista litúrgico-místico (a perspectiva do organismo). Assim, mesmo com todas as garantias e compromissos éticos e deontológicos, isso não foi suficiente para deixar os entrevistados desinibidos frente ao investigador e a investigação. Em certo sentido, ambos foram recebidos com um grau de reserva muito elevado, e isto foi notado entre o “sim” para participar e a negociação para marcar o dia da recolha de dados. O “sim” foi muito fácil, todavia, agendar o dia foi muito postergado, e isto se deu com todos os participantes, inclusive, os que participaram online (tendo sido esta uma das soluções que foi encontrada para obviar aos efeitos inibidores da presença do investigador/ator), pois, não houve um participante que não fosse preciso relembrar sobre a necessidade da devolução.

e) *a rápida saturação das respostas*. Mesmo sendo esperado, a rapidez da saturação nas respostas surpreendeu o investigador; foi de tal forma célere que, entre a primeira recolha e a terceira, ao ouvir as entrevistas, tenha-se a impressão que as pessoas tinham respondido a partir de um “texto”; o que levou a que se avançasse prosseguindo a recolha de dados, foi, em primeiro lugar, a decisão de fazer uma recolha de dados em Espanha (num país Europeu mas com características culturais linguísticas específicas), e, em segundo lugar, a presença de famílias que foram enviadas por agência missionária, fator que tende a produzir um pequeno deslocamento na qualidade da dialogicidade em relação às famílias enviadas por igrejas, como foi apontado na discussão dos resultados.

2) As limitações logísticas. Neste caso, as limitações têm duas perspectivas.

a) *A primeira perspectiva da limitação logística*, o investigador chama de “relação solitária com o orientador” (todavia, extremamente produtiva); os caminhos que levam a isto são diversos, inclusive, por parte do próprio investigador, todavia, sentiu-se falta de “**alguma**

coisa”, no sentido de uma integração entre coordenação geral do Mestrado em Temas de Psicologia, as atividades práticas da investigação (feita somente com o orientador, o que para o investigador constituiu-se uma rica caminhada) e uma ação dialógica com a comunidade acadêmica; este investigador considera que tais ações poderiam contribuir para evidenciar mais as potencialidades da investigação e para identificar(e até corrigiria) certas limitações da mesma.

b) *Segunda limitação logística*, diz respeito a falta de recursos imposta sobre o investigador. Esta foi uma investigação feita no “*peito e na raça*”, em que todos os recursos usados, na sua limitação, vieram do próprio investigador. Melhores condições teriam, por exemplo, possibilitado expandir, geograficamente, a recolha de dados, e isto poderia produzir uma diversificação dentro do grupo, especialmente, quanto ao órgão emissor e quanto a denominação, evitando a prevalência de uma denominação, como aconteceu no resultado, em que houve uma prevalência das igrejas como órgão emissor, e da Igreja Assembleia de Deus como denominação.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DO ESTUDO.

Destacam-se implicações a quatro níveis: (a) político, (b) social, (c) institucional, e (d) de intervenção (psicológica). Ressaltando que estas quatro implicações devem ser articuladas concomitantemente, tendo como foco as famílias missionárias, sem *proteccionismo* e sem *heroísmo*; no proteccionismo a família é sempre vítima do sistema; no heroísmo a família é exposta às adversidades.

(a) Implicações Políticas. As ações políticas dos órgãos emissores devem trabalhar com um consistente e contextualizado *Planejamento Estratégico (PE)* que contemple todas as ações a curto, médio e longo prazo das famílias envolvidas. Parece mostrar-se fundamental um PE que: (1) seja pensado de forma estrutural, mas também contextual, pois, cada família tem a sua particularidade, a sua dinâmica e sua história; (2) deixe claro qual o processo de Seleção, Treinamento, Sustento e Cuidado; (3) deixe claro para as famílias enviadas o que fazer, onde fazer e como fazer; (4) contemple, antes de tudo, um período de adaptação cultural no país de acolhimento; (5) estabeleça diretrizes de sustento que se coadunem com a realidade social e cultural do país de acolhimento; (6) entenda que a dimensão do *lazer* e *férias* (ano sabático) são processos de extrema importância quanto à qualidade de vida, o que implica a Saúde Mental, da família missionária; (7) contemple um plano de retirada em situações de emergência, quer por razões pessoais quer por questões políticas, econômicas ou cataclismos naturais, indicando para onde ir e quem é o contato; (8) contemple um

processo permanente de acompanhamento psicológico (8), por fim, dedique especial atenção às condições de desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens destas famílias.

(b) Implicações Sociais: O Planejamento Estratégico (PE) deve acautelar todos os aspetos relacionados com a representatividade da família no país de acolhimento, e no seu contexto geral, de modo a que o funcionamento do sistema familiar não seja comprometido em nenhum dos seus aspectos, fazendo jus ao conceito de “Embaixador do Reino de Deus”. Assim sendo: (a) entender, de forma autônoma e desvinculada da paixão religiosa, que as famílias que se submetem a vivenciar a vida missional, são antes de tudo, seres humanos absolutamente limitados; (b) um compromisso dos órgãos emissores (igrejas, convenções e agências) que assegure que as famílias sejam assistidas em suas necessidades sociais, sobretudo, na perspectiva de uma inclusão no país de acolhimento, nomeadamente: legalização, alimentação, saúde, educação, comunicação, mobilidade e lazer, evitando a mera retórica do sustendo das tais “necessidades básicas” pois tudo isto são necessidades básicas; (c) entender que, não obstante, o carácter religioso e seu conteúdo vinculado à espiritualidade, a atividade missionária não deixa de ser uma atividade laboral, e por conta disto, que o entendimento bíblico sobre que “quem prega o evangelho que viva do evangelho” , e ainda, “que não se deve atar a boca do boi quando debulha”, precisa ser exposto ao debate público no interior das instituições, neste caso, das igrejas, tomando por parâmetro as contrapartidas materiais e os rendimentos de que usufrui o pastor-presidente.

(c) Implicações Institucionais. Além das que atrás foram referidas e que, num certo sentido, implicam certos posicionamentos da parte da instituição que envia, as implicações institucionais de que aqui se fala remetem para o compromisso inequívoco em relação a princípios de equidade, ética e transparência no processo como um todo. Sendo assim, revela-se premente que: (a) os gestores cumpram e façam cumprir todos os acordos firmados com as famílias enviadas; (b) sejam repudiadas e não aceitas mudanças de regras que levam à perda financeira só por conta de mudança de presidência do contexto dos órgãos emissores, especialmente, como se pôde observar, quanto às igrejas que se dispõem a serem à enviar famílias ao campo missionário; (c) todos os esforços sejam feitos no sentido de manter atualizado e equiparado o sustento da família conforme o contexto social e cultural do país de acolhimento;

(d) Implicações quanto intervenção psicológica. As implicações nesta dimensão é a soma de todas as outras. Há forte indícios que, se todas as medidas anteriormente

apontadas forem cumpridas de forma integral, as famílias missionárias possam ter uma resposta positiva em termos psicológicos, resultante de melhorias na sua qualidade de vida e, conseqüentemente, na sua Saúde Mental. De qualquer modo, tal não constitui de *per se* uma garantia de imunidade no que respeita ao bem estar psicológico destas famílias. Deve-se, neste sentido, considerar duas questões fundamentais: (1) eventos inesperados e contextuais podem surgir e desencadear demandas de ordem psicológica com graves conseqüências, como por exemplo, a morte inesperada de um dos membros da família, um ato de violência física e sexual contra um dos membros da família; (2) por “melhor” que seja o processo de seleção e de treinamento, a condição de ser “ser humano” e de viver em interação com vários atores sociais e culturais, expõe as pessoas a diversas dificuldades que podem mostrar as insuficiências dos requisitos desse processo. . Por conta disto: (a) é preciso que a intervenção psicológica não aconteça só “quando o problema surgir”; (c) que a intervenção seja pensada em termos psicoterápicos e aplicado sistemática e preventivamente; (d) que, neste sentido, seja feito um trabalho de “desmistificação” junto às famílias missionárias quanto aos benefícios do trabalho psicoterápico; (e) realizar convênios no país de acolhimento, quer com instituições, quer com profissionais, no sentido que as famílias sejam assistidas neste sentido.

Por fim, o investigador tem consciência que estas considerações só fazem sentido se os resultados desta investigação forem difundidos. Para isto, é compromisso, inicialmente, primeiro, trabalhar na produção de alguns artigos como recortes da investigação em si, e alguns artigos com os temas das pistas para novas investigações; segundo, formatar todo o conteúdo da investigação, de forma que seja adequado o seu compartilhamento com lideranças dos órgãos emissores, de modo a que os resultados, conclusão e recomendações sejam debatidos pública e amplamente; e, em terceiro lugar, continuar com novas pesquisas, inclusive, em função de algumas das pistas aqui apresentadas.

ANEXO - 19 - FIGURA 7 – MODELO DE CAPTURA DE PALAVRAS-SIGNOS.

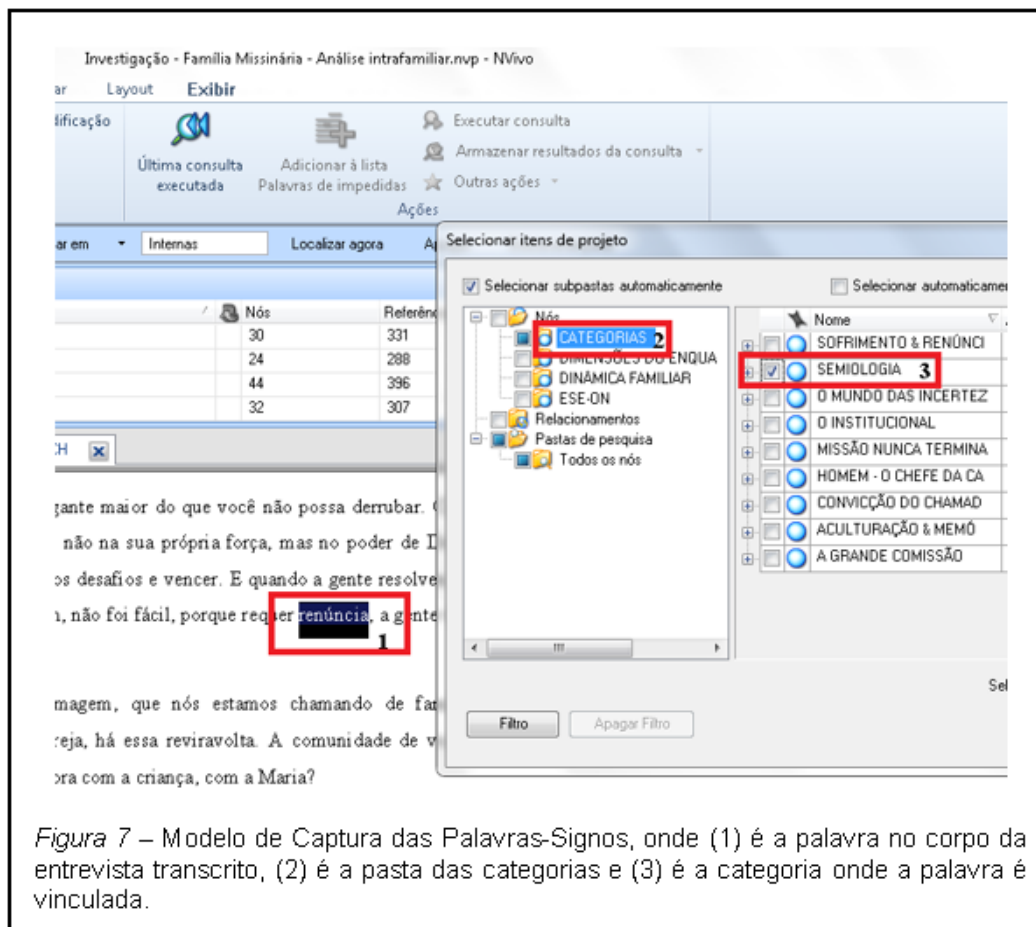


Figura 7 – Modelo de Captura das Palavras-Signos, onde (1) é a palavra no corpo da entrevista transcrito, (2) é a pasta das categorias e (3) é a categoria onde a palavra é vinculada.

NOTA: Quanto aos números das figuras, considere que as mesmas estão distribuídas por entre todos os anexos.

ANEXO – 20 – QUADRO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

1) RENÚNCIA E SOFRIMENTO.

- 1.1. Vontade de Deus.
- 1.2. Vida Exemplar.
- 1.3. Propósito de Deus.
- 1.4. Envelhecimento e Morte.

2) SEMIOLOGIA.

- 2.1. Renúncia.
- 2.2. Missionário.
- 2.3. Língua.
- 2.4. Escolha.
- 2.5. Chamada.

3) MUNDO DAS INCERTEZAS.

- 3.1. Vivendo na Incerteza.
- 3.2. O Caminho das Incertezas
- 3.3. Indo na Incertezas

4) INSTITUCIONAL.

- 4.1. Privilégio.
- 4.2. Preparo
- 4.3. Manutenção.
- 4.3.1. Sub valorização.
- 4.3.2. Proteção Institucional.

5) MISSÃO NUNCA ACABA.

- 5.1. Perspetiva escatológica.
- 5.2. Motivação e resultados.

6) HOMEM – O CHEFE DA CASA.

- 6.1. O Futuro dos Filhos.
- 6.1.1. O discurso dos pais nos filhos.
- 6.2. Mulher: falar-silenciar.
- 6.2.1. Um pedido de autorização.
- 6.2.2. O apego à família.

7. CONVICÇÃO DA CHAMADA.

- 7.1. Resultados.
- 7.2. Ordem de Prioridades.

8. ACULTURAÇÃO E MEMÓRIAS.

- 8.1. Memórias.
- 8.2. Identificações.
- 8.3. Experiências (Choque cultural e Ajuste intercultural)
- 8.4. Espiritualidade.

9. A GRANDE COMISSÃO.

- 9.1. Promoção de Missões.
- 9.2. Espiritualidade.
- 9.3. Embaixador de Reino de Deus.
- 9.4. Trabalho.
- 9.5. Vivência na igreja local.